Abrir portas onde se erguem muros

Director: David Pontes **Terça-feira, 11 de Junho de 2024** • Ano XXXV • n.º 12.458 • Diário • Ed. Lisboa • Assinaturas 808 200 095 • **1,50€**

Público

Europeias 2024
António Costa com caminho mais fácil para Bruxelas

Em França, "está toda a gente muito preocupada" com legislativas antecipadas

O impacto das eleições europeias sentiu-se mais nas capitais do que em Bruxelas

Destaque, 2 a 10 e Editorial

Acordo para acelerar fundos para a habitação avança já em 83 municípios

Governo assina hoje primeiros termos de responsabilidade com autarcas para habitação acessível no PRR

O Governo assina hoje os primeiros 83 termos de responsabilidade com municípios para desbloquear verbas do Plano de Recuperação e Resiliência e construir habitação acessível, com o objectivo de edificar 26 mil fogos até Junho de 2026. Estes primeiros protocolos visam a reabilitação e construção de 2871 fogos, distribuídos por 83 concelhos de todo o país e totalizando 328 milhões de euros. Até 20 de Junho, garante o executivo, serão assinados termos com todos os municípios com projectos pendentes no IHRU Economia, 25

NUNO FERREIRA SANTOS

10 de Junho
Marcelo foi a Pedrógão pedir coesão e acolhimento

Política, 16/17

IEFP
Instituto de Emprego paga 1,6 milhões a ex-precários

Economia, 25

Situação "inédita"
Justiça anula promoção de juízes por ilegalidades

Órgão de cúpula dos tribunais administrativos e fiscais condenado por práticas ilegais Sociedade, 18

Saúde
Santa Casa já está a receber internamentos sociais do SNS

Sociedade, 19

ISNN-0872-1548

O impacto das eleições europeias sentiu-se mais nas capitais do que em Bruxelas


Ursula von der Leyen caminha um segundo mandato à frente do executivo comunitário

Os resultados de domingo provocaram terramotos em vários governos, mas não moveram as placas tectónicas do Parlamento Europeu. O hemiciclo inclinou para a direita, mas o centro não colapsou

Rita Siza , Bruxelas

As eleições europeias deste domingo produziram terramotos políticos em vários Estados-membros da União – o de maior intensidade teve epicentro em Paris –, mas não deslocaram as placas tectónicas nem alteraram radicalmente a configuração do Parlamento Europeu, onde a grande coligação de centro-direita e centro-esquerda, que assegura as maiorias construtivas e pró-europeístas em Bruxelas e Estrasburgo, conseguiu resistir à pressão das forças mais radicais e extremas.

"A principal lição desta votação é que as eleições para o Parlamento Europeu podem ser muito importantes para a política nacional nos Estados-membros da União europeia", considera o analista do European Centre on Foreign Relations Pawel Zerka, referindo-se às derrotas que levaram o Presidente de França, Emmanuel Macron, a dissolver a Assembleia Nacional, e complicaram a vida do chanceler da Alemanha, Olaf Scholz, das primeiras-ministras da Dinamarca e da Estónia, Mette Frederiksen e Kaja Kallas, e do presidente do Governo espanhol, Pedro Sánchez.

Em relação ao Parlamento Europeu, os resultados da votação nos 27 Estados-membros da UE, que por enquanto ainda são provisórios, mostram que o próximo hemiciclo será tão fragmentado como o actual, e ainda mais plural, com um maior número de partidos a estrear-se do que a despedir-se do hemiciclo.

Alguns destes novos eurodeputados vão engrossar as fileiras da direita radical e extrema: é o caso dos ultranacionalistas búlgaros do Vazrazhdane; do Konfederacja da Polónia, ou do Chega, que, como outros partidos que tiveram sucesso nas eleições legislativas nacionais (por exemplo na Finlândia e na Suécia, onde chegaram ao governo), ficou aquém das expectativas em termos do número de eleitos.

Mas um número não despiciendo de novos eurodeputados vai distribuir-se por outros grupos. O maioritário Partido Popular Europeu (PPE, de centro-direita) será o maior beneficiário deste influxo, mas no lado oposto do espectro político, o grupo d'A Esquerda também tem uma oportunidade para crescer com a integração dos espanhóis do Sumar e dos alemães eleitos pela Aliança Sahra Wagenknecht (BSW).

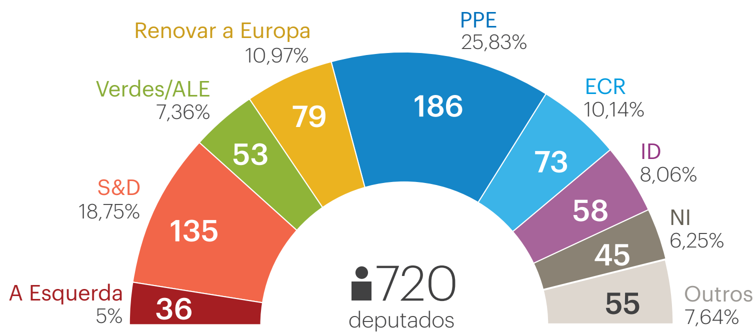
Pela primeira vez desde 2004, o PPE, que alberga a Aliança Democrática, conseguiu inverter a tendência de queda da sua bancada, e assegurar uma representação maior na próxima legislatura, que arranca a 16 de Julho (186 eurodeputados). E o mesmo acontece com o grupo dos Socialistas & Democratas, que depois das eleições de 2019 foi a bancada mais penalizada com a saída dos eurodeputados do Reino Unido, quando se consumou o "Brexit". Este domingo, elegeram 135 eurodeputados.

Os grupos dos Conservadores e Reformistas Europeus (que usa a sigla em inglês ECR) e da Identidade e Democracia (ID), que agregam os eurodeputados mais à direita do espectro político, também terão a sua representação reforçada na próxima legislatura, crescendo dos actuais 118 lugares para pelo menos 131 (73 do ECR e 58 do ID).

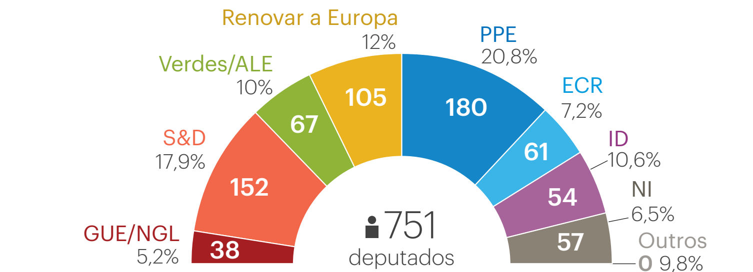
Um número que não chega para se afirmarem como o segundo maior bloco do Parlamento Europeu, se decidissem fundir-se para formar uma única bancada – para já nada indica que isso venha a acontecer. E que não lhes permite replicar o modelo ensaiado pela primeira-ministra, Giorgia Meloni, em Itália: os 317 votos de uma eventual coligação do PPE com o ECR e o ID ainda estão longe dos 361 necessários para a maioria absoluta de 50% mais um.

O novo Parlamento Europeu

Resultados provisórios de hoje (às 16h20 de Lisboa)



Parlamento eleito em 2019



A Esquerda (antiga GUE/NGL: Esquerda Unitária Europeia/Esquerda Nórdica Verde); **S&D:** Aliança Progressista dos Socialistas e Democratas; **Verdes/ALE:** Os Verdes/Aliança Livre Europeia; **Renovar a Europa:** Aliança dos Democratas e Liberais pela Europa; **PPE:** Partido Popular Europeu; **ECR:** Conservadores e Reformistas Europeus; **ID:** Identidade e Democracia; **NI:** Não-inscritos; **Outros**: deputados não filiados em qualquer grupo político;

Fonte: Parlamento Europeu PÚBLICO

Acompanhe em
publico.pt/europeias-2024

CLEMENS BILAN/EPA



"Esta eleição não provocou uma mudança tectónica para a direita. Os partidos radicais e extremos tiveram ganhos claros, mas isso não se traduz necessariamente em mais poder na próxima legislatura, uma vez que não são um parceiro palatável para o PPE. Agora, as atenções estão concentradas nos líderes do centro-direita, para perceber qual a coligação que vão conseguir formar no Parlamento Europeu", comentou a directora da consultora Strategic Perspectives, Linda Kalcher.

Durante a campanha eleitoral, alguns dos partidos da grande (e heterodoxa) bancada democrata-cristã achavam possível uma aproximação entre o seu grupo e os membros do ECR que se adequassem à sua tripla exigência de defenderem a UE, a Ucrânia e o Estado de direito. Mas ainda com a contagem a meio, essa hipótese desapareceu do discurso dos dirigentes do PPE.

O primeiro a mudar o tom foi o chefe do grupo parlamentar do PPE, Manfred Weber, habitualmente muito crítico dos grupos à sua esquerda, em particular os socialistas. Na sua primeira reacção aos resultados, o eurodeputado alemão, que há cinco anos foi o cabeça de lista dos democratas-cristãs à presidência da Comissão Europeia, lembrou que o mais importante no Parlamento é a formação de "maiorias estáveis".

"Nesse sentido, quero convidar os parceiros sociais-democratas e liberais a juntar-se à nossa maioria e a confirmar o seu desejo de trabalhar connosco. Posso dizer que há muito boa vontade para que isso venha a acontecer", afirmou Weber, que sintomaticamente não endereçou o mesmo convite aos representantes do ECR.

"Construir pontes"

Pouco depois, também a presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, dispensou o apoio da direita radical e falou exclusivamente para os partidos da grande coligação pró-europeísta que defendem uma maior integração política da UE, consciente de que lhe bastam os seus votos para poder ser reeleita – por uma margem confortável – para um segundo mandato à frente do executivo comunitário.

"Este resultado é uma responsabilidade para os partidos do centro que confiam na UE. Podemos ter opiniões diferentes nalguns pontos, mas temos os mesmos objectivos e o mesmo interesse numa Europa forte. Isso ficou demonstrado durante o mandato", sublinhou Von der Leyen, informando que o seu plano de reeleição passa agora por "construir as pontes necessárias" para "estender a plataforma que funcionou tão bem nestes cinco anos".

Na resposta, os partidos moderados e progressistas não se fizeram rogados, confirmando a sua intenção de respeitar o princípio dos *Spitzenkandidaten*, e a sua disponibilidade para votar a favor de Von der Leyen, se esta respeitar a linha vermelha que traçaram logo no arranque da campanha: nenhuma colaboração com a direita radical e extrema. Numa declaração assinada em Berlim, os grupos socialistas, liberais e verdes comprometeram-se a manter o "cordão sanitário" em torno das formações nacionalistas e eurocépticas, incluindo aquelas com que o PPE admitia poder trabalhar, por serem apoiantes da Ucrânia e anti-Putin. Com Weber e Von der Leyen a descartarem essa possibilidade, já não há drama (nem dúvida) sobre o desfecho dessa votação – mesmo que alguns membros do seu próprio grupo furem a disciplina de voto, como há cinco anos.

Como diz o director de pesquisas da Focaldata, James Kanagasooriam, as eleições "inclinaram" o próximo Parlamento Europeu mais para a direita, mas o centro "não colapsou". "Os dados das sondagens, confirmados nas urnas, são claros: os eleitores do PPE estão mais próximos do S&D e do Renovar a Europa do que de quaisquer outros partidos no que diz respeito às questões climáticas, e não discordam necessariamente das opiniões dos Verdes", refere, argumentando que há um incentivo para alargar a base de apoio de Von der Leyen à esquerda.

E os Verdes, que em 2019 não apoiaram a alemã, estão agora disponíveis para votar a favor, se a presidente da Comissão incluir no seu programa para o segundo mandato a promessa de "fortalecer", e não desvalorizar, o Pacto Ecológico Europeu. O eurodeputado holandês Bas Eickout, co-cabeça de lista dos Verdes, lembrou que a reeleição de Ursula von der Leyen "está nas mãos do Conselho Europeu". Será nas capitais – e, por consequência, dentro da sala do Conselho Europeu – que mais se vai sentir o impacto causado pelos resultados das eleições de domingo.

O primeiro-ministro da Polónia, Donald Tusk, sinalizou uma consequência imediata: as derrotas eleitorais que deixaram o chanceler Olaf Scholz e o Presidente Emmanuel Macron fragilizados na Alemanha e em França vão inevitavelmente alterar a dinâmica política dentro do Conselho Europeu. Porém, a recondução da actual presidente da Comissão pelos líderes europeus é um dado adquirido. Macron já não estará tão preocupado em testar nomes alternativos para enterrar definitivamente o sistema dos *Spitzenkandidaten*; e Scholz não deixará fugir uma liderança alemã num momento delicado da Europa.

As datas-chave para a nova liderança da UE

O que Bruxelas tem para decidir até final do ano

Além de impulsionar a agenda política da União Europeia, cabe ao Parlamento Europeu aprovar o orçamento da UE e eleger o presidente da Comissão Europeia ou o Colégio de Comissários, um processo que só ficará fechado em Dezembro.

11 de Junho
Conferência de presidentes do Parlamento Europeu
Daqui sairá a data para a eleição do presidente da Comissão Europeia. Poderá ser logo no decorrer da sessão constitutiva, a 18 de Julho, ou então na primeira sessão plenária da legislatura, a 18 de Setembro.

17 de Junho
Reunião informal dos chefes de Estado e governo da UE
Para uma primeira discussão sobre a distribuição dos cargos de topo das instituições da UE.

A partir de 18 de Junho
Formação dos grupos políticos e suas lideranças
Os grupos políticos podem ser constituídos em qualquer momento da legislatura, mas é importante que estejam formados antes da sessão constituinte (16 de Julho). Um grupo político deve ser composto por pelo menos 23 deputados eleitos em pelo menos um quarto (ou seja, sete) dos Estados-membros. Os actuais grupos parlamentares já marcaram as respectivas reuniões para fechar a sua composição na próxima legislatura: 18 de Junho, PPE; 19 de Junho, Verdes; 25 de Junho, S&D e A Esquerda; 26 de Junho, Renovar a Europa e ECR; 3 de Julho, ID.

27-28 de Junho
Reunião do Conselho Europeu
Nesta reunião, os líderes da UE tentarão chegar a acordo sobre o pacote de cargos dirigentes das instituições comunitárias, nomeadamente os presidentes da Comissão Europeia e Conselho Europeu e o Alto Representante da União para os Negócios Estrangeiros e a Política de Segurança. Para presidente da Comissão, o Conselho Europeu propõe um candidato ao Parlamento, por maioria qualificada. O novo presidente do Conselho Europeu é nomeado e eleito por maioria qualificada dos líderes do Conselho Europeu.

16-19 de Julho
Sessão plenária constituinte da 10.ª legislatura
Os novos deputados tomam posse a partir de 16 de Julho, com a sessão constitutiva da 10.ª legislatura, de 16 a 19 de Julho, durante a qual o Parlamento elege a sua mesa: o Presidente, 14 vice-presidentes e cinco questores. Uma vez fixada a dimensão das comissões pelo plenário, os grupos políticos nomeiam os membros das comissões, procurando encontrar uma representação justa de género.

8 de Julho (ou 18 de Setembro)
Eleição do presidente da Comissão Europeia
A convite do presidente do Parlamento, o candidato a presidente da Comissão faz uma declaração e apresenta as orientações políticas para o seu mandato. O presidente da Comissão é eleito pela maioria dos membros que compõem o Parlamento, por voto secreto.

22-25 de Julho
Reuniões constituintes das comissões parlamentares

Setembro/Outubro
Apresentação do colégio de comissários, votação no Parlamento sobre a investidura da Comissão e eleição do provedor de Justiça europeu
O Conselho adopta uma lista de comissários nomeados por sugestões dos Estados-membros, de comum acordo com o presidente da Comissão. O presidente da Comissão informa o Parlamento Europeu sobre a sua proposta de estrutura e atribuição de pastas no colégio de comissários, e solicita que os nomeados compareçam nas audições de confirmação, que são sessões públicas realizadas pelas comissões parlamentares. No final do processo, o colégio de comissários é aprovado (no seu conjunto) por votação do plenário do PE.

1 de Novembro
Tomada de posse da nova Comissão Europeia

1 de Dezembro
Tomada de posse do novo presidente do Conselho Europeu



Conselho Europeu

António Costa com caminho mais fácil para Bruxelas

Teresa de Sousa

Na Europa, há quase sempre imprevistos e reviravoltas. Mas as hipóteses do anterior primeiro-ministro são hoje maiores do que nunca

O seu nome faz quase a unanimidade entre os primeiros-ministros socialistas europeus, que são apenas quatro, e entre o Partido Socialista Europeu. A primeira-ministra da Dinamarca, também socialista, fez campanha para o lugar de presidente do Conselho Europeu, mas as suas hipóteses são escassas. É de um país do Norte, o que, com a mais do que provável escolha de Von der Leyen para a Comissão, não respeitaria um certo equilíbrio regional que os governos europeus gostam de manter.

O maior problema de Mette Frederiksen é, no entanto, a sua política sobre a imigração e a economia, que está, por vezes, mais próxima do centro-direita do que do centro-esquerda. Não seria a candidata ideal, ao contrário do anterior primeiro-ministro português.

António Costa precisava do apoio do Governo português, sem o qual não aceitaria a candidatura. Tem-no publicamente desde a noite de domingo. Luís Montenegro tem aproveitado todos os contactos que faz em Bruxelas com os seus parceiros do PPE para defender a candidatura de Costa.

Falta-lhe ser formalmente convidado pelos socialistas europeus, o que pode acontecer a qualquer momento.

Na segunda-feira, os quatro chefes de governo socialistas da União Europeia reuniram-se com o presidente do PSE, o antigo primeiro-ministro sueco Stefan Löfven, para decidir quem seria o seu candidato a presidente do Conselho Europeu. São eles o alemão Olaf Scholz, a dinamarquesa Mette Frederiksen, o maltês Robert Abela e o espanhol Pedro Sanchéz. O nome terá de reunir consenso entre os socialistas europeus. No mesmo dia, Löfven nomeou Scholz e Sanchéz como os negociadores do PSE para a distribuição dos cargos de topo. Do lado do PPE, serão os primeiros-ministros polaco e grego, Donald Tusk e Kyriakos Mitsotakis.

No jantar informal dos líderes europeus no próximo dia 17, haverá já uma primeira abordagem à distribuição dos cargos e o nome de António Costa estará sobre a mesa. Uma decisão formal será tomada no Conselho Europeu de 27 e 28 de Junho.

Face aos resultados das eleições do Parlamento Europeu (PE), a distribuição dos três mais altos cargos das instituições europeias está feita. O PPE, que venceu, fica com a liderança da Comissão Europeia, os Socialistas e Democratas com o Conselho Europeu, os liberais do Renovar a Europa com o Alto Representante para a política externa e de segurança.

Costa é o mais consensual

Os novos equilíbrios políticos no PE permitem dizer que a alemã Ursula von der Leyen tem praticamente assegurada a ratificação do seu nome para um segundo mandato à frente da Comissão. O seu "namoro" com Giorgia Meloni já terá sido esquecido, uma vez que não precisa dos votos dos Conservadores e Reformistas Europeus para ser reeleita. Há sempre imprevistos, como a própria aprendeu na sua primeira eleição, em 2019, porque os grupos políticos não obrigam à disciplina de voto e cada eurodeputado é livre de votar como quiser. Em 2019, Von der Leyen ganhou por uns meros nove votos.

António Costa é o nome mais consensual para o Conselho Europeu e o seu nome não tem de ir ao PE, sendo da exclusiva responsabilidade dos líderes. O anterior primeiro-ministro esteve quase nove anos sentado à mesa do Conselho Europeu, onde se tomam as grandes decisões políticas. Ganhou prestígio entre os seus pares, entre muitas outras coisas, pela sua capacidade de encontrar compromissos. Amigos não lhe faltam, mesmo nos outros partidos europeus, incluindo o Presidente Emmanuel Macron.

Falta ainda clarificar a escolha do chefe da diplomacia europeia, que substituirá o espanhol Josep Borrell. Seria lógico que o cargo de Alto Representante, que é também um dos vice-presidentes da Comissão, fosse atribuído a um país de Leste.

Um dos nomes mais falados é o da primeira-ministra da Estónia, Kaja Kallas, mas a sua escolha ainda suscita algumas reservas. Nos Bálticos, "a política externa europeia tem como primeira, segunda, terceira até à décima prioridade a contenção da Rússia", disse ao PÚBLICO um diplomata de Bruxelas. A escolha de um presidente do Conselho Europeu do Sul, que tem igualmente funções na representação externa da União, pode funcionar como equilibrador.

As reviravoltas

O próprio António Costa disse na CMTV, quando comentava a noite eleitoral, que ser "um dos favoritos não dá grande segurança". Basta lembrar o que aconteceu em Junho de 2019, quando um acordo negociado entre a chanceler Angela Merkel, o Presidente Macron, o primeiro-ministro italiano Giuseppe Conte e o presidente do Governo de Espanha Pedro Sanchéz, à margem de uma cimeira do G7 no Japão, foi dinamitado quando o Grupo de Visegrado, liderado por Viktor Orbán, e o próprio PPE da chanceler, cujo grupo parlamentar no PE era então liderado por Manfred Weber, rejeitaram o acordo, que dava a Comissão ao socialista Frans Timmermans.

Numa cimeira atribulada, Macron tirou da manga o nome de Ursula von der Leyen, António Costa rejeitou o cargo de presidente do Conselho Europeu, abrindo a porta ao liberal Charles Michel, e os socialistas ficaram com o Alto Representante, Josep Borrell. O G7 reúne-se em Itália na próxima quinta-feira.

Desta vez, tudo parece mais simples. António Costa, que não se quis pronunciar sobre o seu destino europeu, disse ao PÚBLICO que "a principal mensagem que sai destas eleições é que se confirma que a maioria tradicional que tem assegurado a liderança da UE foi renovada. PPE, socialistas, liberais e até os Verdes estão em condições de aprovar a nova agenda Estratégia da União para os próximos cinco anos e garantir a continuidade das políticas europeias e os responsáveis pelas suas instituições."

Quanto ao caso que levou à sua demissão de primeiro-ministro, já ninguém fala disso, nem em Lisboa nem em Bruxelas.

Populismo

Mitos sobre a direita radical que caíram nestas europeias

Maria João Guimarães

A extrema-direita e a direita radical populista tiveram sobre si os holofotes na campanha eleitoral para a votação de domingo, com sondagens a dar percentagens muito altas, e uma boa parte do debate a passar pelas suas políticas de aliança e as consequências para a próxima legislatura europeia.

A subida drástica destes partidos não se concretizou, e o resultado foi muito diferente em vários países, sendo difícil encontrar tendências.

Num exemplo de discussão pós-eleitoral na rede social X (antigo Twitter), a jornalista Anne Applebaum arriscava uma tese: "A direita radical e extrema aumentou mais sobretudo em países onde nunca governou. Nos países que já sofreram as consequências do populismo – Polónia, Hungria, Grécia - o centro-direita esteve melhor."

O correspondente em Bruxelas do jornal *Helsingin Sanomat* Jarno Hartikainen fala da Finlândia. "Os finlandeses [direita radical populista] estão no Governo há um ano", mas "numas eleições dominadas por debates sobre as migrações e de resistência do Pacto Verde [o que lhes seria favorável] conseguiram perder um lugar" no Parlamento Europeu.

Mas se há exemplos que corroboram a potencial tese de Applebaum, logo nos comentários alguém contrapõe com o caso de Itália, onde a primeira-ministra Giorgia Meloni, de direita radical populista, teve um bom resultado nas europeias apesar de chefiar o Governo.

Outro mito sobre este tipo de partidos que pode cair é que o voto na direita radical populista e extrema-direita nas europeias, eleições vistas como tendo menos consequências, é sobretudo "um voto de protesto" contra governos. A maioria das pessoas que votam nestes partidos nas europeias, "eleições de segunda", não votaria em legislativas nacionais, já que aí as consequências poderiam ser maiores.

Mas em alguns países a percentagem de votos neste tipo de partidos nestas eleições foi menor do que as percentagens que obtiveram em legislativas (o caso do Partido da Liberdade de Geert Wilders nos Países Baixos, que apenas em Novembro obteve 23,4% nas legislativas, acabou de formar governo e agora se ficou pelos 17,7%), ou com valores semelhantes ou inferiores aos que têm nas sondagens nacionais (o caso da Alternativa para a Alemanha, com 16% nestas eleições e entre 16% e 18% nas sondagens para as legislativas do próximo ano). A narrativa sobre o avanço dos partidos desta tendência política foi alimentada sobretudo pelos bons resultados na Alemanha, França e Itália, que são os países que mais contribuem em termos de lugares de eurodeputados.



O partido de Geert Wilders perdeu votos nas europeias

Mas dentro de países grandes a noite foi má para o partido PiS na Polónia – o partido radical de Jaroslaw Kaczynski perdeu pela primeira vez em dez anos uma eleição nacional ou europeia (a Coligação Cívica, de Donald Tusk, tinha ficado em segundo lugar nas legislativas, mas formou uma coligação com maioria). Ainda assim, a diferença entre os dois partidos foi menor do que indicavam as sondagens à boca das urnas: apenas um ponto percentual.

Mas se alguns partidos parecem ter beneficiado mais de um aumento no voto jovem (caso da AfD na Alemanha, onde se pode votar a partir dos 16, e onde a AfD cresceu sobretudo no grupo entre 16 e 24, estando quase empatada com os conservadores da CDU/CSU para o partido preferencial dos jovens), isso não foi generalizado.

Em Itália, o voto jovem não foi para Meloni: o partido com maior preferência entre menores de 30 anos foi o Partido Democrático (PD), com 18%, o Movimento 5 Estrelas (populista sem ideologia), com 17%, e a Aliança Verde e Esquerda, com 16%, surgindo então com 14% o partido Irmãos de Itália de Meloni, segundo o YouTrend.

A votação diversa nos partidos de extrema-direita e direita radical populista, que são já de si um campo muito heterogéneo, confirma a segunda tese de Anne Applebaum sobre as europeias: "Não se pode fazer generalizações a toda a Europa."

A Europa na encruzilhada

Comentário



Jorge Almeida Fernandes

Estão feitas as análises nacionais das eleições europeias, em que a generalidade dos eleitores vota, de facto, em termos nacionais. Mas a análise europeia dos resultados é, de longe, a mais pertinente. Os grandes e pequenos países, e principalmente estes, a começar por Portugal, poderão vir a pagar um amargo preço pelos resultados de domingo à noite.

No dia 9 de Junho, assistiu-se não só a um novo surto da extrema-direita como a uma viragem à direita do centro de gravidade da política europeia, o motor franco-alemão. Um enfraquecimento da União Europeia é susceptível de gerar o regresso de nacionalismos agressivos. Preveniu Donald Tusk, primeiro-ministro polaco e um dos "heróis democráticos" de noite eleitoral: "Não quero assustar ninguém, mas a guerra já não é um conceito do passado [na Europa]." Aludia à Ucrânia, mas não só.

Subitamente descobrimos a grande fraqueza dos líderes da França e da Alemanha, até agora responsáveis pela dinâmica da União, abrindo cenários imprevisíveis e perigosos. Emmanuel Macron reagiu à catastrófica derrota perante o partido de Marine Le Pen, convocando eleições legislativas dentro de três semanas. Na Alemanha, a coligação governamental de Olaf Scholz foi humilhada pela extrema-direita da Alternativa para a Alemanha (AfD). Pela primeira vez na história do pós-guerra, a extrema-direita tem mais votos do que qualquer membro da coligação: sociais-democratas, verdes e liberais. Sobreviverá Macron? E por quanto tempo resistirá Scholz?

Declarou ao *Corriere della Sera* Joschka Fischer, antigo ministro alemão dos Negócios Estrangeiros e um dos fundadores dos Verdes: "A Europa move-se numa situação de grave crise e os cidadãos têm medo, e nenhum dos dois [líderes] se mostrou capaz de dar uma resposta convincente e à altura do desafio. No fundo, este resultado era previsível."

Ursula von der Leyen pode dizer com verdade aritmética que a extrema-direita permanece minoritária no Parlamento Europeu, que o Partido Popular Europeu (PPE) até aumentou a sua bancada, o que, aliás, facilita a sua reeleição. Também muito satisfeita está a italiana Giorgia Meloni, que espera ver o reforço da sua influência em Bruxelas, à espera de vender o "modelo italiano": a aliança entre a direita tradicional do PPE e a extrema-direita pragmática do grupo Conservadores e Reformistas Europeus (ECR).

Têm razão os que acentuam a dificuldade de unificação das extremas-direitas, divididas sobre questões essenciais, a começar pela guerra da Ucrânia e a "questão russa". Certo é que os soberanistas e eurocépticos terão maior influência sobre as decisões comunitárias, pressionando mais a direita conservadora. Será cada vez maior o fosso entre duas ideias da Europa, a que propõe uma maior unidade europeia para enfrentar os desafios do futuro, a começar pela defesa, e os que querem esvaziar a UE e tudo remeter para os governos nacionais.



Nestas eleições assistiu-se a uma viragem à direita do centro de gravidade da política europeia, o motor franco-alemão

A UE e o Estado-nação

O grande nó começa aqui. O Estado-nação foi uma criação europeia. Antes dele, já havia uma identidade cultural europeia, diferente em muitos aspectos das culturas vizinhas. A história e as memórias nacionais nunca foram suplantadas. As línguas são outro instrumento de identidade de uma comunidade. A própria democracia política assenta largamente no Estado-nação, quadro fundamental do exercício da cidadania.

Um dos problemas do europeísmo começa na dificuldade da esfera comunitária tratar as identidades e sentimentos nacionais. Em contraponto, a construção europeia é acusada de "desvio tecnocrático". Nenhum país quer sair da UE, do euro ou renunciar aos fundos comunitários. Isto passa-se no plano dos interesses. Mas há outras esferas. Stefan Zweig, uma das maiores testemunhas da tragédia do século XX, advertiu que era preciso saber falar ao "coração" e ao "sangue" dos europeus, sob pena de se perder a batalha contra os nacionalismos da época: "Nunca na história a mudança veio apenas da esfera intelectual ou da reflexão."

É um assunto que não sabemos tratar. O Mercado Comum, a CEE e, depois, a UE foram concebidos para apaziguar e eliminar as antigas rivalidades agressivas, banindo definitivamente as guerras do continente. Seguiu-se depois o processo de alargamento.

Reside aqui o risco que temos subestimado: sob a capa da soberania nacional, a extrema-direita aposta no esvaziamento da União. Comenta o físico e politólogo israelo-francês Serge Galam, investigador emérito do CNRS e de Sciences Po: "O perigo existencial de tal agenda reside no desconhecimento do que produz e determina as alianças e os conflitos entre Estados. (...) Um enfraquecimento da UE aumentará fortemente o risco de ressurgência das oposições históricas entre os seus membros. (...) A amizade franco-alemã não é uma realidade tangível e independente da existência da UE."

Há "propensões positivas", decorrentes da cooperação e da aliança, que se sobrepõem às interacções históricas congeladas, mas que não anulam nem substituem. A História recente da Europa mostra actos de barbárie que pensávamos definitivamente erradicados, tal como a sobrevivência de preconceitos de uns europeus em relação aos outros. Desde o racismo disfarçado do nome "PIGS" à invenção do "Quarto Reich", pelo romancista inglês Andrew Roberts, retratando uma UE colonizada pelos alemães. Em 2012, um ministro socialista francês, Arnaud Montebourg, comparava Merkel a Bismarck. Coisas lindas dirão hoje os alemães da AfD (e não só eles) sobre os europeus vizinhos.

Os *clichés* nacionalistas e chauvinistas não morreram. Estão apenas em hibernação.

Jornalista

França

"Está toda a gente muito preocupada" com legislativas antecipadas

Maria João Guimarães

Célia Belin, do European Council on Foreign Relations, mostra apreensão com a jogada arriscada de Macron

O dia seguinte ao anúncio de eleições antecipadas feito na noite eleitoral pelo Presidente Emmanuel Macron ainda causava incredulidade – afinal, foi apenas a terceira vez que um Presidente francês dissolveu a Assembleia Nacional e a primeira que o fez na sequência de uma derrota eleitoral. Mas para Célia Belin, a chefe da delegação de Paris do European Council on Foreign Relations, o sentimento que se pode seguir ao choque poderá bem ser de raiva.

"Duvido muito que os eleitores cumpram e obedeçam à ideia de votar numa frente republicana" para derrotar o partido de direita radical populista União Nacional (antiga Frente Nacional), declarou numa conversa telefónica com o PÚBLICO. "Penso que muitos eleitores se possam sentir como que sequestrados" por terem de voltar já às urnas, acrescentou, senda da opinião de que o *timing* foi especialmente mau por acontecer entre vários acontecimentos internacionais de relevo, desde as cimeiras do G7 (13-15 de Junho) e da NATO (9-11 de Julho), a conferência de paz da Ucrânia (esta semana), a decisão sobre a composição da Comissão Europeia (na *rentrée* política), seis meses antes das eleições nos EUA, e com os Jogos Olímpicos de Paris à porta (começam no final de Julho).

"Está toda a gente muito preocupada com os efeitos que isto possa ter na imagem de França", concluiu Belin.

Na rede social X, o analista do grupo Eurasia Mujtaba Rahman dizia que a acção de Macron merecia, em termos de risco, uma comparação com o referendo sobre o "Brexit" convocado por David Cameron no Reino Unido, declarando que a atmosfera em Bruxelas em relação a França era "muito, muito má".

Por outro lado, muitos observadores defendiam Macron, dizendo que assim dramatiza e joga numas eleições diferentes das europeias, que lhe serão mais favoráveis, fazendo na campanha um "apelo contra a União Nacional" de Marine Le Pen, como escreveu Giovanni Capoccia, professor de Política da Universidade de Oxford, também no X.

ANDRE PAIN/EPA



SARAH MEYSSONNIER/REUTERS



Emmanuel Macron espera que as legislativas lhe sejam mais favoráveis, fazendo na campanha um "apelo contra a União Nacional" de Marine Le Pen

Katy Lee, do *podcast The Europeans*, explicou que como o sistema eleitoral é diferente em ambas as eleições, mesmo se os resultados em termos de percentagens se repetissem, a distribuição de lugares seria diferente. Para uma pessoa ser eleita para a Assembleia Nacional, precisa de ganhar 50% dos votos na primeira volta, ou enfrentar uma segunda volta, o que dificulta muito mais a eleição de candidatos da direita radical (porque muitas vezes há união contra eles). Na opinião de Lee, "Macron espera conseguir algo parecido nestas eleições como Pedro Sánchez, que toda a gente disse que era louco por marcar eleições antecipadas e que as transformou na necessidade de lutar contra a direita radical e que ainda está, por muito pouco, no poder".

Ainda assim, para Célia Belin, o risco é demasiado grande para a potencial recompensa. O argumento de votar contra a União Nacional poderá não ser tão forte como no passado, disse, sublinhando que "em 2022 muitas pessoas estavam já prontas a aceitar uma vitória do partido de Le Pen". A analista alerta para que ainda é cedo para fazer previsões, mas que há cenários muito pouco prováveis, e um mais provável. Os dois improváveis são que Macron volte a ganhar a maioria absoluta que perdeu em 2022 e que Jordan Bardella, o candidato a chefe de Governo da União Nacional (UN), consiga a chefia do executivo.

Muitas discussões na rede social X andavam à volta do que poderia ser um governo da direita radical populista. Se havia quem visse um cenário em que a UN expusesse incompetência e esvaziasse assim a candidatura presidencial de Le Pen em 2027, havia ainda quem, como Federica Genovese, da Universidade de Oxford, lembrasse que haveria outra possibilidade, "que a UN se transformasse num partido de governo aparentemente competente" (argumentando com o caso italiano). Mas o resultado com mais hipóteses não é este, mas que haja um parlamento dividido, com uma grande probabilidade de o campo de Macron descer e o da UN subir. O melhor cenário para Macron será, neste caso, "não perder muito". E o seu ganho máximo, "apagar o efeito das europeias", em que o seu partido teve apenas 14,6% e a União Nacional 31,4%. "Tudo o resto", disse a analista, "é risco".

Se há quase certezas sobre o que poderá acontecer em termos de realinhamento político – o ressuscitar do "campo republicano", basicamente todos os partidos que não são de extrema-direita ou direita radical contra a União Nacional, será impossível depois de o próprio partido de Macron o ter erodido em 2022, lamentou o diário *Le Monde* em editorial.

A grande incógnita, para Célia Belin, é a possibilidade de um entendimento à esquerda, ao qual o maior obstáculo será a França Insubmissa de Jean-Luc Mélenchon. Se esse se concretizar, o cenário piora para Macron. Ou seja, mesmo entre os melhores cenários, Macron "fica mais ou menos na mesma situação em que está agora, sem muitas hipóteses de a mudar", afirma Belin, o que é complicado especialmente dado o contexto internacional muito desafiador em que a França poderá ter uma voz muito mais enfraquecida, lamenta.

Acompanhe em
publico.pt/europeias-2024

A França no caminho do nosso futuro

Opinião



Álvaro Vasconcelos

O resultado das eleições europeias em Portugal é uma boa notícia. O PS e o PSD, os partidos fundadores da nossa democracia liberal, continuam a representar cerca de 60% do eleitorado e a extrema-direita desce em relação às legislativas. Teríamos razões para celebrar se o nosso destino dependesse apenas das opções do eleitorado português. O nosso destino, porém, passa pelo futuro da União Europeia.

Fiquemos, para já, pelo futuro da democracia no nosso continente. E aqui, só podemos estar profundamente inquietos com a vitória esmagadora da extrema-direita em França, com 31,3 % dos votos – mais do dobro do Renaissance, o partido da maioria presidencial, que ficou em segundo lugar, com 14,6%.

Apesar das vitórias da extrema-direita em França e na Itália, e do seu avanço na Alemanha, há quem se congratule com a composição do Parlamento Europeu, onde os grandes partidos – PPE, Socialistas, Liberais e Verdes – mantêm uma maioria confortável.

Mas celebrar esta vitória é esquecer que a Europa é uma união de Estados onde a França é um país-chave, pelo seu peso demográfico, pela sua força militar e pela convicção europeísta de uma parte dos seus dirigentes políticos. Se a extrema-direita vier a vencer as eleições presidenciais de 2027, a própria existência da União Europeia estará em risco. Com Marine Le Pen no Eliseu, regressaríamos à Europa dos nacionalismos identitários, as relações entre a França e a Alemanha sofreriam uma fratura mortal e Putin teria um aliado em Paris.

É bom lembrar que enfrentamos uma guerra de agressão na Ucrânia e que a França é a primeira potência militar da União. Macron tem manifestado um apoio incondicional aos ucranianos, o que tem levado França a estar na mira de uma violenta campanha de desinformação e das ameaças de Putin. A gravidade da situação foi bem compreendida pelos ucranianos que manifestaram a sua inquietação com o futuro do apoio europeu, sobretudo numa altura em que se perfilam as eleições americanas de novembro.

Chegados aqui, tentemos perceber o que se pode passar em França. O Presidente Macron dissolveu o parlamento e convocou eleições antecipadas. A aposta de Macron é que volte a funcionar, pelo menos na segunda volta, o princípio do apelo ao voto no candidato do arco republicano com maiores possibilidades de vitória. Foi esse princípio que dificultou, no passado, a eleição de deputados da extrema-direita. Foi o arco republicano que permitiu a Macron derrotar Marine Le Pen, em 2022, por 58% dos votos contra 41%.

A aposta de Macron é extremamente arriscada e perigosa. O partido de Le Pen tem hoje apoios mais amplos na sociedade francesa, com uma agenda que já se banalizou. Depois de duas derrotas frente a Macron, Marine Le Pen iniciou um bem-sucedido processo de "desdiabolização". Mesmo assim, ainda pode ser derrotada se a esquerda se unir à volta do programa do Partido Socialista (13,8% dos votos nas europeias) e dos ecologistas (5,5%) e assumir o princípio da desistência republicana, incluindo para os candidatos do LR (7,2%), o partido da direita democrática. A dificuldade vem do partido da esquerda radical de Jean-Luc Mélenchon (LFI, 10%), que defende uma linha de rutura do arco republicano, na esperança de conseguir chegar à Presidência no meio do caos. Sem ele a aliança da esquerda é fraca, com ele é hoje extremamente difícil.

> **Se a extrema-direita vencer as eleições presidenciais de 2027, a própria existência da UE estará em risco**



Até há pouco tempo, a esquerda esteve unida na NUPES, sob a liderança do LFI, graças aos bons resultados de Mélenchon nas presidenciais e o fracasso absoluto da candidata socialista, que não atingiu nem 2% dos votos em 2022. A NUPES rompeu-se com a dificuldade da LFI em condenar o ataque do 7 de outubro do Hamas.

Com o Partido Socialista a liderar uma união de esquerda, há possibilidade de emergência da necessária aliança entre a esquerda e o centro, à volta de um programa ecológico, de combate à desigualdade e solidário com o futuro dos ucranianos e dos palestinos, que permita a derrota de Le Pen já nas legislativas de 20 de junho.

A dissolução tem ainda outra faceta. Se a extrema-direita alcançar a maioria absoluta na Assembleia, um primeiro-ministro lepenista irá inevitavelmente sofrer com o desgaste da governação, o que pode impedir a vitória de Marine Le Pen nas presidenciais. Como a política externa e de defesa são competência presidencial, um governo de extrema-direita pode ser um mal menor. Este é um cálculo ainda mais arriscado e incerto. Com enormes fricções entre o Presidente e o Governo, seria muito provável que os franceses atribuíssem os insucessos do executivo a Macron, um Presidente impopular.

A decisão de Macron é muito arriscada, mas tem, pelo menos, o mérito de vincar que a polarização do campo democrático não travou a ascensão da extrema-direita - pode mesmo ter sido a menos má das opções possíveis.

O futuro de França e da Europa joga-se na esperança de um compromisso da maioria dos franceses com os valores da liberdade, da igualdade e da fraternidade, que se traduza em alianças e políticas capazes de os fazer perdurar.

Fundador do Forum Demos

Reacção dos investidores

Incerteza política arrasta euro, bolsas e dívidas europeias

Victor Ferreira

Os investidores não gostam de incertezas e costumam disparar primeiro e perguntar depois. E quem investe em acções e dívida soberana voltou a mostrá-lo, no dia seguinte às eleições para o Parlamento Europeu. Os índices das principais bolsas da União Europeia desvalorizaram-se, as taxas das dívidas soberanas subiram, reflectindo a desconfiança dos operadores de mercado com os resultados eleitorais. A vitória ainda é do Partido Popular Europeu, mas com uma maior representatividade dos populistas eurocépticos.

Também o euro foi arrastado neste movimento, desvalorizando-se 0,5% contra o dólar, face à cotação de fecho antes do acto eleitoral. No final do dia, a moeda comum de 20 países da UE valia 1,0747 dólares, o valor mais baixo desde 9 de Maio.

A vitória eleitoral da extrema-direita em França, apesar de não ser a primeira em eleições europeias, conjugada com os ganhos dos eurocépticos em importantes economias como a Alemanha e Itália, introduziram dúvidas quanto ao rumo político futuro na UE. E os investidores ficaram claramente a remoer essas dúvidas no dia seguinte ao da ida às urnas. Mesmo países em que os partidos europeístas ficaram à frente ou ganharam, como Portugal, foram apanhados pela subida das taxas de juro pedidas pelos investidores sobre títulos de dívida emitidos pelos governos europeus.

França foi, nesse particular, o mercado mais afectado. O Presidente Emmanuel Macron reagiu aos resultados de domingo, que deram a vitória à União Nacional, com a dissolução da Assembleia Nacional, convocando eleições legislativas antecipadas para o fim de Junho.

Uma medida extrema que se traduziu numa venda fugaz de acções e obrigações francesas. O principal índice bolsista, CAC 40 (que agrega as 40 maiores empresas daquela praça), desvalorizou-se 1,35%, corrigindo na parte final do dia perdas que chegaram a ser de 2%.

Ao mesmo tempo, a remuneração exigida sobre a dívida francesa a dez anos subiu 0,14 pontos percentuais, para 3,25%. A taxa de juro reflecte o nível de risco que os investidores atribuem à dívida soberana. Quanto mais arriscada, mais alta é a taxa.

"Eu tenderia a ver isto como uma reacção mais imediata ao resultado das eleições e a algum ambiente de incerteza acrescido que decorre desses mesmos resultados", aponta Rui Henrique Alves, economista, docente da Faculdade de Economia do Porto e antigo coordenador do Núcleo de Economia e Finanças da Representação Permanente de Portugal junto da UE. No caso da Itália, por exemplo, ganhou o partido de Georgia Meloni (que pode tornar-se a voz da direita radical europeia) e a taxa voltou a ultrapassar a fasquia dos 4%, atingido o valor mais alto deste ano.



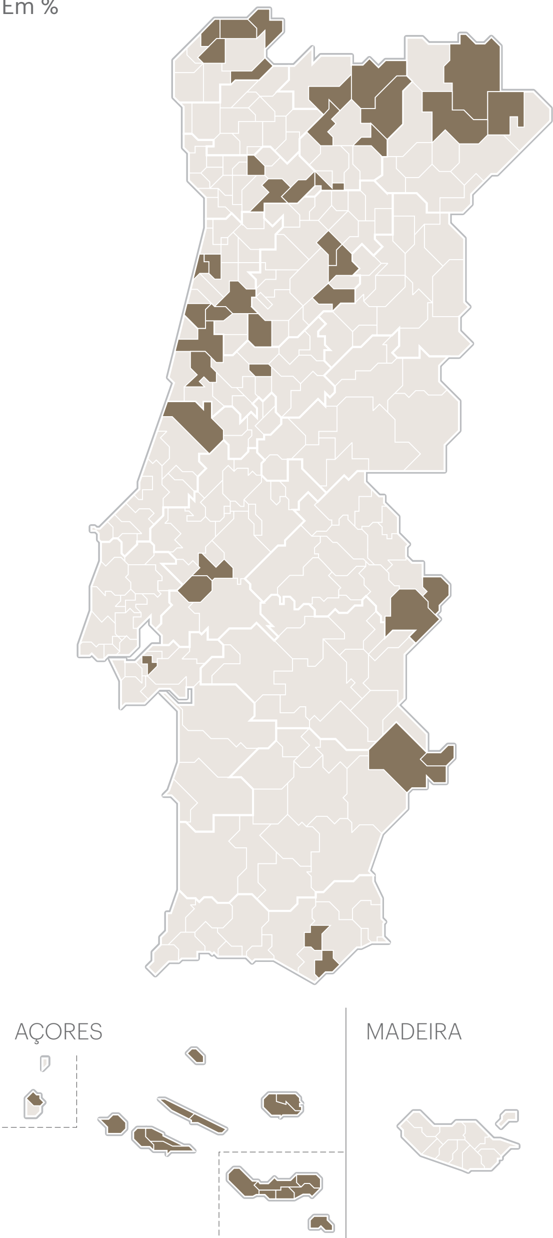
O euro em mínimos desde Maio

"É o comum também nestas circunstâncias em que a incerteza, globalmente, para o conjunto da Europa aumenta e, portanto, será uma tendência para a maior parte das dívidas soberanas dos países da UE. Naturalmente, os mais afectados tendem sempre a ser os mais vulneráveis. Por isso é que estamos a ver a Itália a ultrapassar a fasquia dos 4%. Portugal estará, digamos assim, usando uma expressão muito popular, a apanhar por tabela também. Porque, se há maior incerteza, a dívida pública portuguesa também acaba por ser afectada", continua Alves, recusando "muito pessimismo".

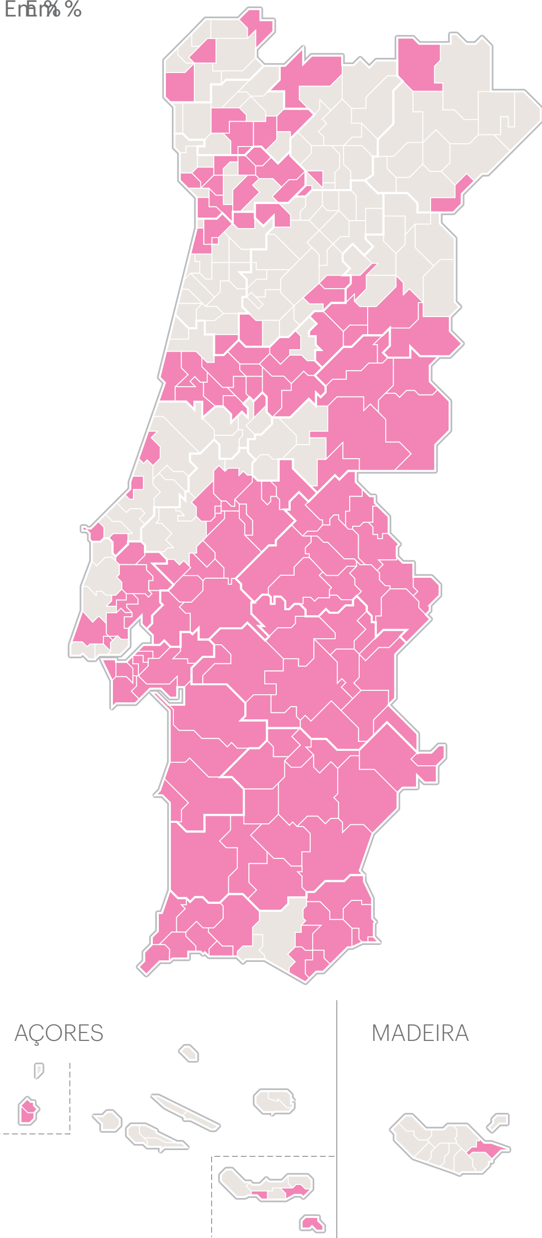
"Pode ser só uma reacção imediata dos mercados. Devemos esperar pelas próximas duas, três ou quatro semanas, para ver se esta tendência se mantém ou não."

No curto prazo, os factores críticos serão as legislativas antecipadas em França e as escolhas para a Comissão Europeia. Rui Henrique Alves diz que a existência de uma maioria parlamentar de partidos europeístas dá hipóteses à recondução de Ursula von der Leyen, e a manutenção da rota política que tem vindo a ser seguida. Porém, frisa que "nas votações de determinados temas nem sempre [estes grupos parlamentares] são completamente unidos. E nós poderemos ver isso logo na própria eleição, ou não, de Von der Leyen".

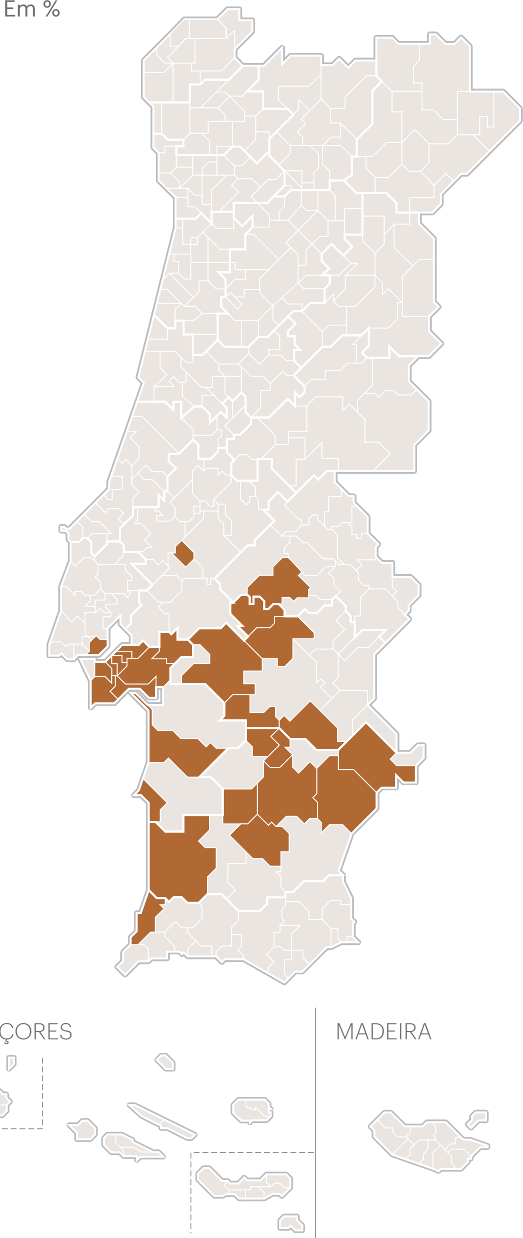
Concelhos onde **abstenção** foi superior a 63%



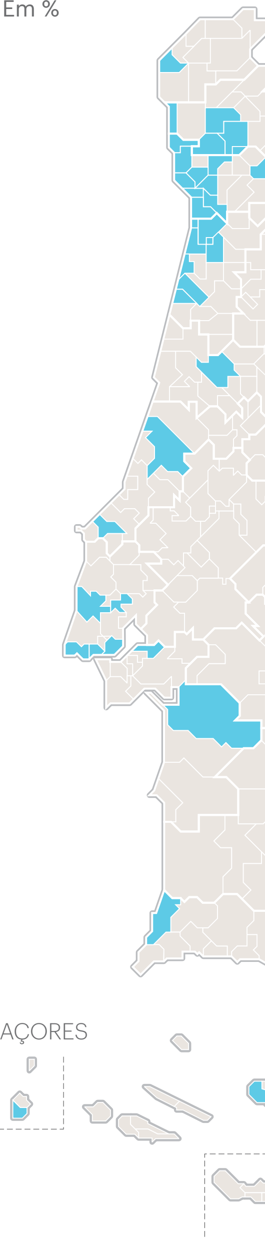
Onde o **PS** derrotou a **AD**



Onde **AD** e **PS** somados tiveram menos do que 55%



Onde a **IL** teve mais votos do que o **Che**



Fonte: MAI

Da abstenção aos bastiões

Europeias: sete mapas que mostram a virtude ao centro

A menor abstenção foi registada em Vila de Rei. Veja também o mapa dos municípios onde o PSD tem o Chega a fazer-lhe sombra

Helena Pereira

Depois de uma mudança severa nos mapas eleitorais nas recentes legislativas de Março, as europeias de domingo reconduzem os partidos a uma certa normalidade. A estreia do voto em mobilidade introduziu algumas distorções no comportamento do eleitorado, salientando-se o disparar da votação no Algarve, fruto de muitos votantes que optaram por se deslocar ao Sul para um fim-de-semana prolongando.

Abstenção: no centro está a virtude

A abstenção nestas eleições europeias baixou, regressando a níveis de 2004. E houve um concelho que teve um recorde surpreendente de participação eleitoral: Vila de Rei, o concelho que fica exactamente no centro do país (centro geodésico de Portugal) e onde a abstenção foi de apenas 13%. A seguir aparece outro concelho do distrito de Castelo Branco, Mação, com 24%, sendo que a abstenção a nível nacional situou-se nos 63%.

No Algarve, que, ao que tudo indica, registou um maior nível de votantes graças ao voto em mobilidade, a taxa de abstenção foi de 57%. A grande novidade nas eleições legislativas de Março tinha sido a grande subida do Chega (chegou aos 19%) e o facto de ter ficado em primeiro lugar no distrito de Faro. Nestas eleições europeias, passou para terceiro lugar em Faro com 14,3%, atrás da AD e do PS.

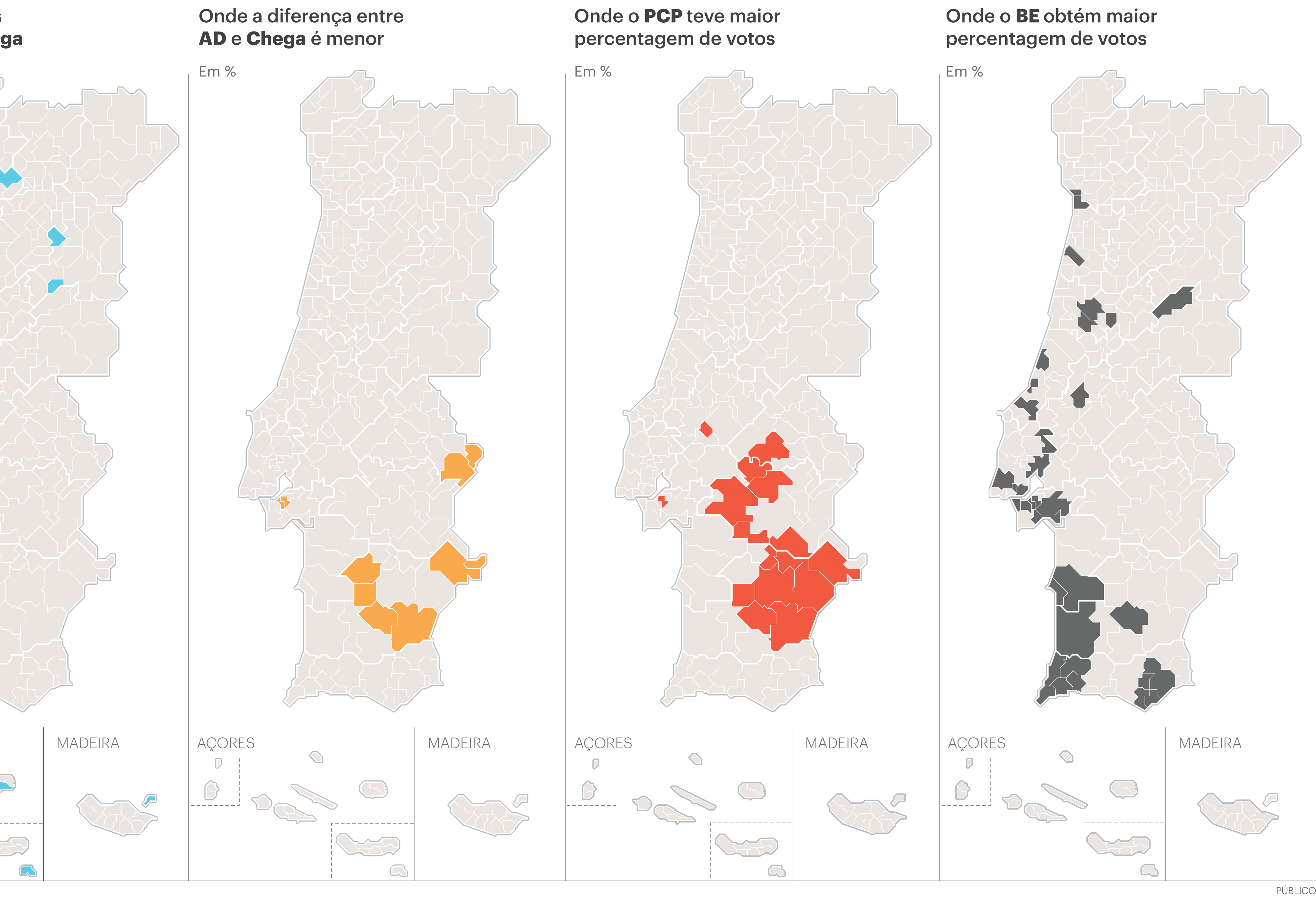
Houve praticamente mais cinco mil votantes no distrito de Faro nas eleições europeias deste domingo comparativamente com os registos de 2019, o que não será alheio à possibilidade aberta pelo voto em mobilidade. Isto distorce os resultados, mas não vale para as legislativas. O voto em mobilidade não será possível em legislativas, pois cada eleitor tem de votar no círculo eleitoral onde está recenseado. As eleições europeias funcionam com um único círculo eleitoral nacional.

PS domina no Centro e Sul

A lista encabeçada por Marta Temido venceu as europeias do passado domingo com menos de um ponto percentual de diferença para a AD, no entanto o mapa de Portugal continental mostra um claro domínio do PS, especialmente visível no Centro e Sul do país, bem como na região da grande Lisboa.

O maior registo conseguido pelo PS foi em Gavião, distrito de Portalegre, no Alentejo, com os socialistas a alcançarem 50,6% dos votos, seguindo Vila Velha de Rodão (48,3%), no distrito de Castelo Branco. Seja como for, a terceira melhor percentagem do PS foi conseguida no Minho, com os 47,5% registados

Acompanhe em
publico.pt/europeias-2024



em Vizela. Segue-se Soure (45,1%), no distrito de Coimbra, e Borba (45,1%), no distrito de Évora.

PSD penaliza "centrão" a Sul

Na sequência das eleições legislativas de Março, houve vários títulos a anunciar o fim do bipartidarismo. Nunca PS e PSD tinham valido tão pouco. Nestas eleições europeias, salvaguardadas as diferenças de motivações eleitorais, o mapa do país permite observar os locais onde os dois maiores partidos juntos são mais frágeis.

Em termos de concelhos, o município onde os chamados "partidos do centrão" valem menos é em Serpa: apenas 49%. Neste município alentejano, o partido mais votado foi o PS (32%) e a CDU conseguiu ter 25%. Já a AD obteve 17% e o Chega 11%. Nos concelhos assinalados, é fácil verificar que o somatório de AD e PS é mais por culpa dos tradicionais baixos resultados dos sociais-democratas nestas regiões do país.

A Oeste nada de novo

O mapa que mostra onde a IL fica à frente do Chega mostra claramente que os eleitores do litoral são mais sensíveis ao programa político dos liberais do que ao do partido de André Ventura. A população residente nestes concelhos apresenta, em regra, níveis mais elevados de instrução, o que vai ao encontro de várias sondagens que já foram feitas sobre o tipo de eleitorado do Chega (o partido de Ventura é mais forte junto dos eleitores com menores níveis de escolaridade). De acordo com uma sondagem do ICS para a SIC/*Expresso* em Março, o Chega tinha o valor proporcionalmente mais baixo de licenciados (22%), sendo mais forte entre os que têm secundário (55%). Já a sondagem do Cesop da Universidade Católica para o PÚBLICO, RTP e Antena 1, publicada a 6 de Junho passado, indica que a maior fatia do eleitorado da IL consiste em licenciados.

AD e Chega estão mais próximos no Alentejo

É no Alentejo que a Aliança Democrática e o Chega surgem separados por menor diferença, o que se deve à conjugação de dois factores: o facto de historicamente o PSD ter dificuldades de implantação nesta região e também a capacidade que o Chega vem mostrando de conseguir bons registos eleitorais no Alentejo. Em Aljustrel o Chega ficou mesmo à frente da aliança PSD/CDS/PPM, com uma diferença inferior a um ponto percentual.

Mas não foi no Alentejo que AD e Chega ficaram muito próximos. Também no concelho de Moita, distrito de Setúbal, o partido de André Ventura ganhou à AD, neste caso por cerca de 0,9 pontos. Assim, o Algarve não mostra o mesmo que em Março e por isso os concelhos onde a distância entre Chega e AD é menor não se encontram em peso no Algarve, mas no Alentejo.

A queda dos bastiões

Depois do vendaval das legislativas de Março, em que a CDU foi ultrapassada pelo Chega no Alentejo, o partido de Paulo Raimundo vê o mapa eleitoral saído das europeias retomar alguma normalidade. Nos antigos bastiões comunistas, os distritos de Beja e Évora, a CDU consegue ultrapassar o Chega, garantindo o terceiro lugar nos dois círculos eleitorais.

O mapa da CDU mostra onde estão concentrados os votos comunistas: os redutos continuam no Alentejo. Continuando a acentuar-se a tendência das últimas eleições, a erosão eleitoral do PCP pode ser apenas uma questão de tempo. Este fenómeno, aliás, começou a registar-se nas eleições autárquicas, onde o partido era mais forte do que nas legislativas, e nunca conseguiu reverter a perda. Neste momento, tem apenas a presidência de 19 câmaras municipais.

BE resiste

O BE perdeu um dos dois lugares de eurodeputados que tinha em Bruxelas, mas em termos de *score* eleitoral manteve o resultado das legislativas de Março: teve 4,2% dos votos que comparam com os 4,3% para a Assembleia da República.

O mapa dos melhores resultados por concelho mostra que o partido resiste nos grandes centros urbanos, Lisboa e Porto (em Gaia obteve 5,2%). Em Março, em vários concelhos destes distritos tinha-se deixado ultrapassar pelo Livre, algo que agora não aconteceu, talvez por causa da notoriedade da candidata, Catarina Martins, que já tinha sido líder do Bloco de Esquerda. Na Covilhã, chegou aos 5,2%, por exemplo. A sul, segura eleitorado na costa alentejana e em zonas do Algarve como Tavira (5,5%).

Derrota da AD

Oposição exige mais diálogo. Montenegro devolve recado

Joana Mesquita

No rescaldo das eleições europeias, a oposição voltou a reforçar que o executivo não tem maioria e precisa de dialogar no Parlamento. Pedro Nuno Santos, secretário-geral do PS, nas celebrações do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas, deixou mesmo um aviso ao Governo encabeçado por Luís Montenegro: "Tem de haver cedências." Por sua vez, o primeiro-ministro assinalou que "há, com certeza", pontos de contacto entre PS e PSD e pediu a todos os partidos um "esforço para aproximar posições".

Pedro Nuno Santos, em declarações à margem das celebrações do 10 de Junho, considerou que a vitória do PS nas europeias mostra que o Governo, "com anúncios de 15 em 15 dias, tem uma derrota".

"É muito claro que os portugueses não gostaram da forma como o Governo foi lidando com o Parlamento e a oposição", defendeu o secretário-geral do PS. "Senão, o Governo que tomou posse há dois meses não tinha acabado de perder umas eleições."

Já a estratégia do PS não se vai alterar, assegurou Pedro Nuno, acrescentando que um "Governo profundamente minoritário" tem de dialogar.

"Não é do PS que virá a instabilidade política. Agora é bom que o Governo e o primeiro-ministro percebam o quadro parlamentar que têm, respeitem o Parlamento e procurem com vontade genuína dialogar", vincou. O executivo "não pode achar que o PS tem os seus deputados no Parlamento para dizer que sim a tudo", argumentou, e lançou o aviso: "Por isso, tem de haver cedências."

Inês Sousa Real, porta-voz do PAN, reforçou esta ideia, ao dizer, citada pela Lusa, que o executivo "não tem maioria absoluta". "Por isso mesmo, deve também ouvir não apenas a voz da sua força política, da sua bancada, mas da sociedade civil e dos partidos da oposição, como o PAN, que têm trabalhado de forma construtiva."

Também o líder parlamentar do Chega aproveitou a ocasião para sugerir que o Governo altere a sua estratégia depois de ter perdido as europeias. Pedro Pinto afirmou que o Chega tem apresentado propostas que, "por pura ideologia política, o PS e o PSD têm votado contra". "Esperemos que agora Luís Montenegro perceba o que é que aconteceu ontem [domingo] nas eleições e comece a votar a favor", concluiu o deputado.

Pelo seu lado, Luís Montenegro sublinhou, citado pela Lusa, que é preciso materializar a palavra diálogo e que "há, com certeza", pontos de contacto, para o futuro, entre PS e PSD.

"Todos falam, de facto, muito em diálogo, mas todos têm de fazer um esforço para aproximar posições. Vamos tentar fazê-lo", disse o primeiro-ministro, em declarações aos jornalistas, já depois da cerimónia comemorativa do Dia de Portugal.

Questionado sobre se o secretário-geral do PS agigantou a vitória de domingo nas europeias, Montenegro escusou-se a comentar, preferindo lembrar que o dia é de celebração da "portugalidade, da alma portuguesa, do sentido de unidade, de coesão e de independência" de Portugal.

José Pedro Aguiar-Branco, presidente da Assembleia da República (AR), adoptou uma posição conciliadora, referindo que, mesmo antes das eleições, já trabalhava "para que esse consenso [entre PS e AD] existisse, naquilo que é o interesse nacional".

"A tentativa de se chegar a consenso, a tentativa de se chegar ao interesse nacional é sempre um desafio da AR. O estímulo para o diálogo deve existir sempre, já existia antes e continuará", declarou o antigo ministro da Justiça e também da Defesa, reforçando que assiste "todos os dias a essa tentativa de se chegar a consensos" no Parlamento.

Rui Rocha sublinhou que a "estabilidade governativa depende do próprio Governo", recusando fazer leituras acerca da estabilidade da governação a partir dos resultados das europeias. "O Governo agora terá de mostrar trabalho", atirou o presidente da IL, pedindo a "execução" das medidas anunciadas. "Exigimos" resultados, apontou. Na saúde, na habitação e em matéria de crescimento económico, Rui Rocha defendeu que há muito "por cumprir".



Luís Montenegro e Nuno Melo

Europeias arrefecem clima de crise iminente em Portugal

Análise

São José Almeida

Se há sensação que o resultado eleitoral das europeias trouxe à democracia portuguesa, foi a de alívio. Ao arrepio da expectativa do risco de que o populismo radical de extrema-direita, protagonizado pelo partido de André Ventura, o Chega, tivesse uma grande expressão eleitoral, os partidos democráticos, moderados e europeístas elegeram 17 dos 21 deputados portugueses, no Parlamento Europeu, e asseguraram mais de 72% dos votos juntos. A saber: a coligação entre o PSD, o CDS e o PPM, a Aliança Democrática, elegeu sete eurodeputados e teve 31,12% dos votos e a IL elegeu dois e teve 9,1%. Já o PS, o vencedor das europeias, obteve oito deputados e 32,10%.

Além do alívio democrático que o país político viveu, há também um alívio político que resulta destas eleições. O que advém da percepção de que, após as europeias de 9 de Junho, poderá acalmar o clima de crispação política entre Governo e oposições. Até porque, dos resultados nas urnas, fica a ideia de que qualquer tentativa de antecipar novas eleições legislativas abriria a porta a uma incógnita e, provavelmente, a um novo resultado e um perfil parlamentar tão débil como o actual ou, pior, a uma situação de mais difícil governabilidade.

É certo que o PS ganhou, ainda que perdendo um mandato em relação a 2019. Mas a esquerda à sua esquerda encolheu. O BE e a CDU elegeram apenas um deputado cada um, respectivamente a ex-coordenadora Catarina Martins e o ex-líder parlamentar João Oliveira, quando ambos tinham dois eurodeputados. Isto é, mantêm a tendência de perda eleitoral que se manifestou nas legislativas. Num quadro destes, nunca o PS conseguiria formar governo.

E o secretário-geral do PS, Pedro Nuno Santos, sabe disso. Por mais que tenha proclamado uma vitória eleitoral — que, de facto, teve —, no discurso de fim de noite eleitoral não deixou de garantir: "Não será pelo PS que haverá instabilidade política. Nós não temos pressa nenhuma."

Pedro Nuno Santos sabe que tem — e está a fazê-lo — de reestruturar e renovar o partido, restabelecer laços com a sociedade, que oito anos de governação de António Costa desgastaram, nomeadamente com a juventude. Não é por acaso que o líder do PS aproveitou a noite eleitoral para anunciar que irá recuperar os Estados Gerais para lançar um novo projecto de governação para o país, à semelhança do que fez António Guterres, quando chegou à liderança do PS.

Não quer isto dizer que Pedro Nuno Santos vá alterar a sua estratégia de oposição. É normal que continue a cumprir o papel de principal partido da oposição, a apresentar projectos de lei na Assembleia da República e a procurar que o seu ideário programático vingue parlamentarmente, até em negociações com o Governo.



Dos resultados, fica a ideia de que qualquer tentativa de antecipar novas legislativas abriria a porta a uma incógnita

Já o presidente do PSD, líder da Aliança Democrática e primeiro-ministro, Luís Montenegro, teve um resultado pouco confortável. Três meses depois de ganhar as legislativas, perdeu as europeias. Uma legitimação simbólica de poder, que uma vitória lhe traria, esfumou-se. A AD teve 31,12% dos votos e manteve os sete eurodeputados que PSD e CDS somavam, nos hemiciclos de Estrasburgo e Bruxelas.

Luís Montenegro sabe que continua a depender dos equilíbrios na Assembleia da República, onde caminha sobre gelo fino. E sabe que terá de aprender a dialogar mais, ainda que tenha proclamado, no discurso da noite eleitoral, que tenciona apresentar serviço: "Podem contar com um Governo e uma AD a cumprir os seus compromissos todas as semanas." Aliás, como o PÚBLICO noticiou, a estratégia de comunicação do Governo passa mesmo por picos de informação sobre decisões e medidas governativas, pelo menos, até ao Orçamento do Estado para 2025.

Mas, na noite eleitoral, Luís Montenegro amaciou o discurso face ao PS. Elogiou o ex-ministro da Administração Interna José Luís Carneiro, nomeando-o, pelo sucesso da inovação do voto em mobilidade, que contribuiu para diminuir a abstenção. E fez questão de anunciar que o Governo "tudo fará para que tenha sucesso" uma candidatura de António Costa à presidência do Conselho Europeu.

Para a acalmia política do país, que se indicia, há um facto imponderável, o do comportamento do partido populista radical de extrema-direita, liderado por André Ventura, o Chega. É uma incógnita, para o país, as conclusões que André Ventura tirará da derrota eleitoral que obteve: o Chega elegeu dois eurodeputados, mas teve apenas 9,79% dos votos, cerca de metade dos 18% que conquistou nas legislativas.

Na noite eleitoral, André Ventura fez questão de assumir pessoalmente a derrota: "Isso não era o resultado que pretendíamos e nós assumimos isso, o responsável por isso naturalmente sou eu próprio." Mas a verdade é que, no hemiciclo de São Bento, o Chega continua a ter 50 deputados e é essa realidade parlamentar que conta para a capacidade de o Governo de Luís Montenegro sobreviver em funções.

É sabido que André Ventura tem comportamentos políticos erráticos e até sobre o mesmo assunto muda de posição com facilidade. Irá manter a estratégia de oposição que tem tido? Será que o Chega irá ponderar se vai continuar a votar favoravelmente as propostas do PS? Se é importante lembrar que o Chega votou as medidas de impacto social dos governos de António Costa, é, porém, difícil acreditar que André Ventura, como líder populista radical de extrema-direita, vá abandonar os seus comportamentos políticos e a sua estratégia de provocar o confronto, a crispação e de criar o caos, que descredibiliza as instituições.

Jornalista

O abraço a António Costa

Editorial



Helena Pereira

Apesar dos ataques enérgicos no Parlamento entre AD e PS, a concertação no seio do bloco central ainda existe e funciona

Acabaram as dúvidas: Luís Montenegro assumiu claramente que vai fazer o que estiver ao seu alcance para que o próximo presidente do Conselho Europeu seja o português e socialista António Costa. Mais: os esforços concertados começaram há muito tempo, ainda quando o segundo era primeiro-ministro e o primeiro, líder do maior partido da oposição.

Luís Montenegro lançou a novidade na noite eleitoral, talvez para também desviar as atenções da derrota da AD, mas acabou por fazê-lo em sintonia com Costa, que em directo se apressou a confirmar e a dizer que de outro modo nem sequer aceitaria vir a ser indicado para o cargo. Ou seja, o apoio do primeiro-ministro português, que não é da sua área política, é condição necessária para vir a tentar uma candidatura. Disso não há dúvidas. António Costa já não esconde que ainda ambiciona o cargo que chegou a dar como completamente afastado em Novembro, quando se demitiu na sequência de buscas em São Bento.

Mal deixou o cargo de chefe de governo, pediu para ser ouvido pela Procuradoria-Geral da República, reunião que demorou mais de um mês a ser marcada, mas que acabou por se realizar, tendo Costa saído da audiência não como arguido, mas como mera "testemunha e depoente" da *Operação Influencer*. Perante o mundo político, em Lisboa e em Bruxelas, o sinal estava dado, como este domingo à noite o próprio fez questão de sublinhar na sua estreia como comentador televisivo na CMTV: não havia qualquer suspeita que o fizesse arguido.

Apesar dos ataques enérgicos entre AD e PS, no Parlamento, a propósito da alegada "cheringonça" e coligações negativas, a concertação no bloco central ainda existe e funciona. O ministro dos Negócios Estrangeiros, Paulo Rangel, já tinha dado um pequeno sinal, quando na primeira entrevista após a sua posse disse timidamente que o actual Governo nunca teria "posição negativa" perante a possibilidade de Costa ser presidente do Conselho Europeu.

A noite eleitoral de domingo trouxe alguma tranquilidade sobre os receios do fim do bipartidarismo, muito discutido em Março perante os resultados das legislativas. Mas trouxe também alguma tranquilidade sobre os consensos entre PSD e PS. Claro que Pedro Nuno Santos não é António Costa, mas o país aguarda para ver em que matérias o actual secretário-geral do PS e o primeiro-ministro da AD se irão encontrar a meio da ponte. Uma coisa é certa e os políticos perceberam a mensagem: ninguém quer ouvir falar em eleições antecipadas.

CARTAS AO DIRECTOR

O 10 de Junho

Mais uma vez tivemos a comemoração do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas, que mistura no mesmo pacote assuntos diferentes. Posso estar equivocado (e penitencio-me por isso, pois não estive atento a todos os discursos oficiais feitos nestas comemorações), mas creio que pouco ou nada se disse sobre Camões.

Na comunicação social destacou-se, por exemplo, o jornal PÚBLICO, que fez honras aos 500 anos do nosso grande poeta, mas nas comemorações oficiais quem se referiu a ele com a dimensão que a sua evocação merecia? Não seria de, futuramente, separar os assuntos e haver realmente um dia dedicado por inteiro a um dos homens que mais contribuíram para tornar a nossa língua universal? A língua portuguesa e a figura, ainda com tanto de desconhecido, de Luís de Camões bem o merecem.

Fernando Santos Pessoa, Faro

Desvario da inflação de notas

Ocorreram as reuniões de avaliação dos alunos do 9.º, do 11.º e do 12.º anos de escolaridade. Este ano, porventura ainda mais do que nos anteriores, de novo se sentiram pressões dos alunos e dos pais tão eficazmente que cada vez mais professores parecem transformados em defensores da inflação de classificações.

Desde há vários anos que as pautas de classificação das disciplinas de 12.º não sujeitas a exame nacional revelavam uma fartura de vintes, nalguns casos, chocante. O prof. David Justino chegou a chamar publicamente a atenção para o caso, mas depois, que eu me desse conta, calou-se sobre o assunto. Houve ainda umas acções da inspecção em algumas escolas, mas de nada adiantou.

Agora, o mal estendeu-se às próprias disciplinas que têm exame e manifesta-se igualmente no 11.º ano e mesmo no 10.º. Basicamente, os professores entusiastas do procedimento advogam-no como medida pedagógica, "argumentando" com a importância de qualquer décima para se entrar no curso pretendido ou para ficar numa universidade mais perto de casa ou, simplesmente, por ser um procedimento de "justiça", para "não prejudicar ninguém". A escola chegou a este ponto.

Sempre muito disponível para fazer sugestões e emitir opiniões no espaço público, o senhor presidente da Associação Nacional de Directores de Agrupamentos e Escolas Públicas, Filinto Lima, não terá nada a dizer? E o senhor presidente da Associação Nacional de Dirigentes Escolares, Manuel António Pereira? E organismos como o Conselho de Escolas? E o senhor ministro da Educação, Fernando Alexandre?

José Batista d'Ascenção, Braga

O cemitério da Europa

As clamorosas derrotas eleitorais de Emmanuel Macron e de Olof Scholz indicam que os franceses e os alemães dizem não ao extremar belicista. O Presidente francês foi assertivo quando disse que era preciso ajudar a Rússia a sair da Ucrânia. No entanto, pouco tempo pousou a pomba branca da paz no seu gabinete. Talvez influenciado por Ursula von der Leyen, de proponente da paz na guerra Ucrânia/Rússia passou ao extremismo, chegando ao ponto de afirmar o envio de soldados franceses. (...) Esperemos que a Federação Russa recue e que o complexo militar e industrial norte-americano não veja na guerra uma forma de ganhar milhares de milhões de dólares. Façamos votos para que a Ucrânia não seja o cemitério da Europa.

Ademar Costa, Póvoa de Varzim

Perdoar a Netanyahu?

Netanyahu continua a matar inocentes na Faixa de Gaza, seja atacando hospitais, colunas humanitárias, escolas da ONU ou qualquer outra coisa porque é, na realidade, um verdadeiro "criminoso". Não há que ter medo das palavras. A verdade é o que é, e tem sempre que continuar a ser dita. Não consigo compreender por que razão o mundo livre continua a perdoar tudo e mais alguma coisa a Netanyahu. Joe Biden condena, e bem, as atrocidades que a Rússia leva a cabo na Ucrânia. É por isso mesmo que não compreendo por que razão não faz o mesmo relativamente a Israel. (...) Os direitos humanos têm que ser respeitados, seja o agressor a Rússia, Israel ou outro qualquer país. O valor da vida humana é, ou deveria ser, só um e igualitário em qualquer lugar do mundo.

Manuel Morato Gomes, Senhora da Hora

PÚBLICO ERROU

Um erro no gráfico dos resultados nacionais das eleições para o Parlamento Europeu, publicado na edição de ontem, fez com que a barra relativa ao PS se destacasse dos resultados da AD, quando a diferença de votos entre os dois foi pouco expressiva. Aos leitores, o nosso pedido de desculpas.

As cartas destinadas a esta secção têm de ser enviadas em exclusivo para o PÚBLICO e não devem exceder as 150 palavras (1000 caracteres). Devem indicar o nome, morada e contacto telefónico do autor. Por razões de espaço e clareza, o PÚBLICO reserva-se o direito de seleccionar e editar os textos e não prestará informação postal sobre eles **cartasdirector@publico.pt**

A opinião publicada no jornal respeita a norma ortográfica escolhida pelos autores

ESCRITO NA PEDRA

Quem se modera raramente se perde
Confúcio, filósofo

O NÚMERO

5.º

Portugal foi o quinto país da União Europeia onde a taxa de participação nas eleições europeias mais subiu, com um acréscimo de 6,7 pontos percentuais face a 2019, anunciou ontem o Parlamento Europeu

Os "betinhos" bem-vindos

Ainda ontem



Miguel Esteves Cardoso

Nunca hei-de votar na Iniciativa Liberal, mas gosto que exista. Gosto que se vote nela, e um dia, quem sabe, se os partidos em que voto me desiludirem muito, até sou capaz de votar nela. É bom ter um partido em que nunca se votará no qual poder votar.

Porquê esta boa vontade, Miguel Vicente? Tanto me bateu esta pergunta entre os tímpanos, que tive de responder.

Em primeiro lugar, que me perdoem os lutadores de classes, mas têm toda a razão: as classes sociais existem e, por muito que procuremos transcendê-las, nunca conseguimos transcendê-las, porque são uma espécie de genes de trazer por casa, em que a casa é a maneira de falar e de ver as coisas das meninas e dos meninos que quisemos encantar na infância.

As meninas e os meninos da IL são "betinhos" como eu. E isso é bom. É bom para mim. É isso a democracia: a soma de todos os bons para mins.

É verdade o que dizem os "não-betinhos". E é mentira o que diz a IL: são o partido dos "betinhos". Só não se chamam Iniciativa Betinha porque precisam dos votos dos "não-betinhos" e porque muitos "betos" continuam a teimar que são pilares do povo.

E as outras qualidades dos iniciáticos, que não tenham a ver com a sorte de ter tido os paizinhos que tiveram?

A primeira é que estão lentamente a converter-se à social-democracia, à medida que vão conhecendo melhor a realidade portuguesa. A segunda é que são honestos e destravados, exprimindo-se em público como se exprimem entre amigos. (Digo isto apesar de não ter um único amigo – ou conhecido – que seja da IL).

São bem-educados. Deixam falar. O respeito que têm pelos adversários é, como todo o respeito que é genuíno e não apenas fingido para corresponder à legalidade, uma espécie de gratidão. São, como o Livre, um partido novo que não se importa nada de representar as personalidades dos militantes.

É um partido pessoal no sentido profundo: são as pessoas que fazem os partidos, por muito que isso custe ao maralhal reinante.

Sejam muito bem-vindos.

ZOOM PEDRÓGÃO GRANDE

NUNO FERREIRA SANTOS



Na cerimónia do 10 de Junho, o secretário-geral socialista e o líder parlamentar do Chega, respectivamente Pedro Nuno Santos e Pedro Pinto, surgem de costas voltadas, uma espécie de metáfora da distância ideológica entre ambos

P

publico.pt



Lisboa (sede: editor e redacção)
Edifício Diogo Cão,
Doca de Alcântara Norte
1350-352 Lisboa
Tel. 210 111 000

Porto
Rua Júlio Dinis,
n.º 270 Bloco A 3.º
4050-318 Porto
Tel. 226 151 000

DIRECTOR
David Pontes
Directores adjuntos
Andreia Sanches, Marta Moitinho Oliveira, Sónia Sapage, Tiago Luz Pedro
Directora de arte
Sónia Matos
Directora de design de produto digital
Inês Oliveira
Editoras executivas
Helena Pereira, Patrícia Jesus
Editor de fecho
José J. Mateus

Editor de Opinião Álvaro Vieira **Editor P2** Sérgio B. Gomes **Online** Ana Maria Henriques, Mariana Adam, Pedro Esteves, Pedro Guerreiro, Pedro Sales Dias (editores), Amílcar Correia (redactor principal), Carolina Amado, João Pedro Pincha, José Volta e Pinto, Marta Leite Ferreira, Miguel Dantas, Sofia Neves (última hora); Rui Barros (jornalista de dados); Ruben Martins, Inês Rocha (áudio); Joana Bougard (editora multimédia), Carlos Alberto Lopes, Joana Gonçalves, Mariana Godet, Teresa Miranda (multimédia); Amanda Ribeiro (editora de redes sociais), Ana Zayara, Michelle Coelho, Patrícia Campos (redes sociais) **Política** David Santiago (editor), Ana Sá Lopes, São José Almeida (redactoras principais), Ana Bacelar Begonha, Liliana Borges, Margarida Gomes, Maria Lopes, Nuno Ribeiro **Mundo** Ivo Neto, Paulo Narigão Reis (editores), Bárbara Reis, Jorge Almeida Fernandes, Teresa de Sousa (redactores principais), Rita Siza (correspondente em Bruxelas), Alexandre Martins, António Rodrigues, António Saraiva Lima, João Ruela Ribeiro, Leonete Botelho, Maria João Guimarães, Sofia Lorena **Sociedade** Natália Faria, Gina Pereira (editoras), Clara Viana (grande repórter), Alexandra Campos, Ana Cristina Pereira, Ana Dias Cordeiro, Ana Henriques, Ana Maia, Cristiana Faria Moreira, Daniela Carmo, Joana Gorjão Henriques, Mariana Oliveira, Patrícia Carvalho, Samuel Silva, Sónia Trigueirão **Local** Ana Fernandes (editora), Luciano Alvarez (grande repórter), André Borges Vieira, Camilo Soldado, Mariana Correia Pinto, Samuel Alemão, Teresa Serafim **Economia** Pedro Ferreira Esteves, Isabel Aveiro (editores), Manuel Carvalho (redactor principal), Cristina Ferreira, Sérgio Aníbal (grandes repórteres), Ana Brito, Luís Villalobos, Pedro Crisóstomo, Rafaela Burd Relvas, Raquel Martins, Rosa Soares, Victor Ferreira **Ciência** Teresa Firmino (editora), Filipa Almeida Mendes, Tiago Ramalho **Azul** Andrea Cunha Freitas (editora), Claudia Carvalho Silva (subeditora), Aline Flor, Andréia Azevedo Soares, Clara Barata, Nicolau Ferreira, Tiago Bernardo Lopes (multimédia), Gabriela Gómez (infografia), Rodrigo Julião (webdesign) **Cultura/Ípsilon** Paula Barreiros, Inês Nadais (editoras), Pedro Rios (editor Ípsilon), Isabel Coutinho (subeditora), Nuno Pacheco, Vasco Câmara (redactores principais), Isabel Salema, Sérgio C. Andrade (grandes repórteres), Daniel Dias, Joana Amaral Cardoso, Lucinda Canelas, Luís Miguel Queirós, Mariana Duarte, Mário Lopes **Desporto** Jorge Miguel Matias, Nuno Sousa (editores), Augusto Bernardino, David Andrade, Diogo Cardoso Oliveira, Marco Vaza, Paulo Curado **Fugas** Sandra Silva Costa, Luís J. Santos (editores), Alexandra Prado Coelho (grande repórter), Luís Octávio Costa, Mara Gonçalves **Guia do Lazer** Sílvia Pereira (coordenadora), Cláudia Alpendre, Sílvia Gap de Sousa **Ímpar** Bárbara Wong (editora), Carla B. Ribeiro, Inês Duarte de Freitas **P3** Inês Chaíça, Renata Monteiro (subeditoras), Mariana Durães **Terroir** Ana Isabel Pereira **Newsletters e Projectos digitais** João Pedro Pereira **Projectos editoriais** João Mestre **Fotografia** Miguel Manso, Manuel Roberto (editores), Adriano Miranda, Daniel Rocha, Nelson Garrido, Nuno Ferreira Santos, Paulo Pimenta, Rui Gaudêncio, Alexandra Domingos (digitalização), Isabel Amorim Ferreira (documentalista) **Paginação** José Souto (editor de fecho), Marco Ferreira (subeditor), Ana Carvalho, Cláudio Silva, Joana Lima, José Soares, Nuno Costa, Sandra Silva; Paulo Lopes, Valter Oliveira (produção) **Copy-desks** Aurélio Moreira, Florbela Barreto, Joana Quaresma Gonçalves, João Miranda, Manuela Barreto, Rita Pimenta **Design Digital** Alex Santos, Ana Xavier, Nuno Moura **Infografia** Célia Rodrigues (coordenadora), Cátia Mendonça, Francisco Lopes, Gabriela Pedro, José Alves **Comunicação Editorial** Inês Bernardo (coordenadora), João Mota, Ruben Matos **Secretariado** Isabel Anselmo, Lucinda Vasconcelos **Documentação** Leonor Sousa

Publicado por PÚBLICO, Comunicação Social, SA.
Presidente Ângelo Paupério
Vogais Cláudia Azevedo, Ana Cristina Soares e João Günther Amaral

Área Financeira e Circulação Nuno Garcia **RH** Maria José Palmeirim **Direcção Comercial** João Pereira **Direcção de Assinaturas e Apoio ao Cliente** Leonor Soczka **Análise de Dados** Bruno Valinhas **Marketing de Produto** Alexandrina Carvalho **Área de Novos Negócios** Mário Jorge Maia

NIF 502265094 | Depósito legal n.º 45458/91 | Registo ERC n.º 114410
Proprietário PÚBLICO, Comunicação Social, SA | Sede: Lugar do Espido, Via Norte, Maia | Capital Social €8.550.000,00 | Detentor de 100% de capital: Sonaecom, SGPS, S.A. | **Publicidade** comunique.publico.pt/publicidade | comunique@publico.pt | Tel. 210 111 353 / 210 111 338 / 226 151 067 | **Impressão** Unipress, Tv. de Anselmo Braancamp, 220, 4410-350 Arcozelo, Valadares; Empresa Gráfica Funchalense, SA, Rua da Capela de Nossa Senhora da Conceição, 50, 2715-029 Pêro Pinheiro | **Distribuição** VASP – Distrib. de Publicações, Quinta do Grajal – Venda Seca, 2739-511, Agualva-Cacém | geral@vasp.pt

Membro da APCT Tiragem média total de Maio **18.733 exemplares**

O PÚBLICO e o seu jornalismo estão sujeitos a um regime de auto-regulação expresso no seu Estatuto Editorial **publico.pt/nos/estatuto-editorial**
Reclamações, correcções e sugestões editoriais podem ser enviadas para **leitores@publico.pt**

ASSINATURAS Linha azul **808 200 095** (dias úteis das 9h às 18h)
publico.pt/assinaturas • **assinaturas@publico.pt**

Tudo na mesma no país do empate técnico

A coluna vertebral



Amílcar Correia

O PS tem de agradecer a Marta Temido a vitória nestas eleições europeias. A escolha de Pedro Nuno Santos revelava um piscar de olhos ao eleitorado socialista, tendencialmente mais velho, aquele que mais precisou de ser protegido pelos estados de emergência, resposta hospitalar durante a pandemia e processo de vacinação.

Quem teve mais medo nesse período delicado não esquece a omnipresença de Temido. Mas a escolha representava riscos. A ex-ministra da Saúde tinha acabado de ser eleita para a Assembleia da República e a sua ida para Bruxelas podia ser entendida como falta de respeito pelo círculo eleitoral de Lisboa, por onde foi eleita.

Como se isso não bastasse, Marta Temido não estava suficientemente preparada para debater os principais temas europeus, nem sequer lhe era conhecido um discurso sustentado sobre os mesmos, para além da experiência europeia na compra de vacinas.

As suas prestações televisivas não foram as ideais, mas também não foram decisivas. O que foi decisivo para esta curta vitória do PS foi a campanha de proximidade da ex-ministra. Marta Temido fez uma campanha laboriosa, pela positiva, e humilde.

A derrota por "poucochinho" da AD decorre de uma campanha oposta. Sebastião Bugalho bem quis fazer uma campanha, como dizia, de proximidade, mas não possui o mesmo capital afectivo e atitude de Marta Temido, sem falar na sua popularidade.

A escolha de um independente jovem, em linha com opções semelhantes em outros países, alguém fora das lides partidárias, mas de dentro do "sistema", tinha tudo para funcionar? A AD acabara de ganhar as legislativas, os ministros tiveram uma participação activa na campanha e o executivo não se coibiu de governar, em certa medida, de forma a ter um impacto nos resultados. Luís Montenegro nunca deixou o candidato sozinho. E Ursula von der Leyen foi a cereja em cima do bolo, ou o seu contrário, no penúltimo comício de campanha, no Porto.

O empate técnico entre PS e AD não convida a grandes temeridades. Uma diferença de 40 mil votos é demasiado ínfima para que o PS se atreva a seja o que for e para que a AD se convença de que o seu Governo é a oitava maravilha do mundo. Quem lucrou com a descida acentuada do Chega não foi a aliança.

O partido de André Ventura é apenas um partido deste e de uma série de figurantes tresmalhados de outros partidos e da falta de comparência de alguém mais interessante. Já se suspeitava de que António Tânger Corrêa teria uma grande tendência para alvejar os seus próprios pés, o que não quer dizer que o eleitorado que prefere o Chega não aprecie a destreza. Mas Tânger Corrêa teve uma prestação mais negativa do que aquela que era expectável. A entrada de Ventura em campanha para substituir o candidato não resultou e só serviu para o chamuscar.

O resultado do Chega está longe de traduzir uma diminuição da sua ascensão. É muito cedo para declarar o canto-do-cisne desta extrema-direita em Portugal. Mas não deixa de ser sintomático que este recuo seja oposto ao que aconteceu na generalidade da União Europeia, embora sem a hecatombe que se receava, e que quem tenha lucrado mais com isso tenha sido a Iniciativa Liberal.

Tal como o PS, a IL tem de estar grata ao seu candidato. Este resultado é fruto da seriedade e convicção com que João Cotrim Figueiredo fez a sua campanha. Cotrim foi particularmente incisivo à esquerda e à sua direita. Neste caso, para um eleitorado mais jovem, pouco aliciado pela mensagem política dos partidos de esquerda e pelos partidos mais ao centro, não havia qualquer dúvida entre Cotrim e Tânger Corrêa.

Este empate técnico entre os dois partidos pode ter sido meramente conjuntural, mas tem a particularidade de transmitir ao Chega que a sua estratégia de terra queimada não terá resultados garantidos eternamente.

O que esta conjuntura nos diz, quer no país, quer na Europa, é que há uma maioria convincente e solidificada à direita e que a esquerda tem vindo a desvanecer-se, de forma impotente, sem argumentos e capacidade para alargar o seu eleitorado.

O Livre fez mais um *hara-kiri*. As primárias são uma trapalhada que negam a nobreza da ideia. Até parece que Rui Tavares não quer que o Livre deixe de ser o partido de Rui Tavares. Depois do crescimento nas últimas legislativas, o Livre perdeu uma oportunidade, como já tinha perdido aquando da eleição de Joacine Katar Moreira, e refreou o seu próprio crescimento.

CDU e Bloco de Esquerda continuam numa linha descendente que não conseguem inverter. Os três partidos de esquerda estão igualmente num empate técnico e em perda de representatividade. Num país com tantos empates técnicos, tão cedo não vamos ouvir falar em eleições legislativas.

Jornalista. Escreve à terça-feira

Constatações de uma noite eleitoral



Raul Almeida

As eleições europeias foram, mais uma vez, a expressão sábia e muito reveladora do que é neste momento a vontade popular. Para além do óbvio, a vitória magra do PS e a derrota tangencial da AD, numa inversão de papéis face às legislativas, convocam a uma reflexão sobre tudo o que se passou. Na realidade, os dois partidos do centro do sistema estão há meses empatados, ganhando circunstancialmente aquele que consegue um bocadinho mais de mobilização em cada momento.

Primeira constatação, os portugueses não reconhecem uma liderança ao centro, não encontram um projecto mobilizador que convoque uma maioria capaz de fazer a diferença eleitoral suficiente para produzir soluções políticas estáveis.

Segunda constatação, o colapso do Chega de Ventura não se traduz num ganho real da AD. Metade dos que em março confiaram em Ventura viu rapidamente a sua confiança traída, o seu voto desperdiçado, mas não terá regressado ao espaço da AD. Desta hecatombe, só a IL terá beneficiado, com uma provável deslocação do eleitorado jovem, após a traição da "cheringonça" com o chumbo dos benefícios para os jovens e classe média do pacote fiscal do Governo. Ventura pagou caro, mas a AD não retirou dividendos.

Terceira constatação, há um eleitorado crescente de centro-direita sem casa política. As variações bruscas do Chega e da IL mostram que há uma grande volatilidade e experimentalismo à direita, sinais de falta de identificação com lideranças e projectos estáveis. Sociologicamente, parece abrir-se espaço para um novo partido no centro-direita, capaz de agregar sob uma liderança forte e um projecto político mobilizador esta importante massa perdida de eleitorado.

Quarta constatação, as equipas contam. Numa disputa entre níveis de força idênticos, fez obviamente diferença ter de um lado um jovem estreante sem uma equipa para mostrar e do outro uma ex-ministra seguida de dois pesos pesados do Partido Socialista, capazes de apelar entre si a diferentes eleitorados do centro. É óbvio que Sebastião Bugalho é um jovem inteligente, com visibilidade mediática, trabalhador e com qualidades inegáveis, mas sozinho não chega para fazer frente a Marta Temido, Francisco Assis e Ana Catarina Mendes.

Quinta constatação, a experiência conta. O resultado do PS é dos três primeiros candidatos, todos políticos experientes; o resultado da IL é de João Cotrim Figueiredo, visto à direita como o único adulto na sala e, de longe, o candidato mais experiente e bem preparado. Tivesse Luís Montenegro optado por um candidato também experiente, credível e bem preparado, e a sua noite eleitoral seria seguramente diferente. Foram muitos os que acreditaram que assim seria, mas não foi. As escolhas e o modo de as fazer têm sempre um preço.



Tivesse Luís Montenegro optado por um candidato também experiente, credível e bem preparado, e a sua noite eleitoral seria seguramente diferente

Sexta constatação, não há condições para uma mudança a curto prazo no estado de coisas actual. A derrota da AD não obriga a uma demissão de Montenegro, que poderá continuar a governar, obrigado a procurar sempre que possível o compromisso. A magra vitória do PS não permite ambições imediatas a Pedro Nuno Santos, que terá de corrigir a trajetória de irresponsabilidade que marcou o seu exercício de oposição até agora. Em suma, exige-se bastante mais e melhor a ambos.

Feitas estas seis constatações, vemos que, apesar de não se anteverem mudanças nos tempos mais próximos, há espaço para mudanças substanciais na política portuguesa. A mobilidade eleitoral, que durante anos funcionou em pêndulo entre PSD e PS, assume novas formas e dá sinais de abertura a soluções diferentes. Há uma clara vontade que não encontra satisfação nas propostas e protagonistas actuais. Tudo sinais de que um novo ciclo é desejado e que o vazio actual estará aberto a quem se mostre à altura de o preencher.

Líder da bancada do Movimento Rui Moreira: Aqui Há Porto na Assembleia Municipal do Porto

A subcontratação do pensamento



Pedro Norton

Não posso aceitar como razoável a possibilidade de o Estado delegar em privados a sua capacidade de pensar, de regular e de desenhar políticas públicas

Vale a pena regressar ao caso da contratação da consultora privada IQVIA Solutions para apoiar o Governo no desenho do Plano de Emergência para a Saúde. Não vou perder tempo com o facto de Pedro Nuno Santos e Marta Temido não terem, evidentemente, qualquer autoridade para criticar o executivo neste particular (durante o consulado do PS a mesmíssima empresa terá sido contratada não uma, mas 55 vezes, a maior parte das quais por ajuste direto, para trabalhar com várias entidades da administração central na área da saúde). Sobre isso já escreveu, eloquentemente, João Miguel Tavares na semana passada e não é tanto a trica política que me interessa.

Recentremos, pois, a questão. Descontado esse incómodo pormenor, independentemente da discussão acerca dos exatos contornos deste caso concreto, a verdade é que a reflexão que o secretário-geral do PS convoca é interessante, tem utilidade e é muitíssimo oportuna. Quem tem a extraordinária paciência para acompanhar semanalmente os meus escritos dificilmente ficará surpreendido se eu disser que não tenho qualquer preconceito ideológico acerca da possibilidade de o Estado delegar em privados a execução de uma parte dos serviços que presta. Assim daí resulte, evidentemente, um benefício económico claro, um ganho de eficiência ou uma melhoria na qualidade dos serviços prestados aos cidadãos.

Mas a minha inclinação liberal tem os seus limites. E a verdade é que não posso aceitar como razoável a possibilidade de o Estado delegar em privados a sua capacidade de pensar, de regular e de desenhar políticas públicas. A privatização da execução, sem ser elevada a dogma, pode ser um excelente princípio de governação. A privatização do pensamento e da capacidade de idealizar políticas públicas é a negação da própria razão de ser de um Estado.

Não excluo, evidentemente, a possibilidade de este procurar conhecimento, inspiração ou conselhos na sociedade civil. Pelo contrário. Num mundo tão complexo como aquele em que vivemos é irrealista pensar que a administração pública pode ser absolutamente autossuficiente em todas as áreas do conhecimento. Não consigo, aliás, conceber um Estado que se fecha sobre si próprio ou um Governo que se isola numa torre de marfim. Mas uma coisa é acolher sugestões, procurar informações ou aceitar contributos, outra, radicalmente diferente, é perder a capacidade crítica para os avaliar, selecionar e transformar em políticas que visam a defesa e a promoção do bem comum. Desengane-se quem possa ter a ingenuidade de achar que entregar a uma consultora privada ou a um qualquer escritório de advogados a responsabilidade última por desenhar uma estratégia ou uma política pública pode ser uma prática minimamente saudável ou um exercício isento de insanáveis conflitos de interesses.

Sucede que é precisamente deste modelo de governação que, pouco a pouco, invisivelmente, pela calada, mais por omissão do que por deliberação, nos temos vindo a aproximar. Há muito tempo que, por genuína convicção ou por mera cedência eleitoralista, abdicámos de pensar o Estado. A ideia de reformá-lo foi-se fazendo um anátema. Sugerir que devemos estabelecer prioridades para a sua atuação tornou-se um sinónimo de um nefasto radicalismo neoliberal. Sendo que a fragilidade do momento político só agudizou ainda mais este problema. Para o Governo, para a oposição, perdidos no aqui e no agora, inebriados pela expetativa de uma crise que acreditam estar para vir, tudo é hoje importante, tudo é urgente, tudo é uma questão de indiscutível justiça. Não há nexo orientador, não há estratégias verdadeiramente discerníveis e parece até não haver restrições ou limites. Dir-se-ia que, por milagre, fazer escolhas deixou mesmo de ser a definição da arte de governar ou legislar.

Ora, num país de recursos escassos, esta não-política que tem sido comum aos sucessivos governos tem evidentemente elevados custos. Quando tudo é prioritário, nada pode ser verdadeiramente uma prioridade. Quando a tudo se atende, pouco é o que não fica para trás. Quando se acode a todos não se acode a ninguém. Quando o Estado paga a muitos, a todos paga mal. As indignidades sucedem-se e multiplicam-se. As condições de trabalho deterioram-se. A capacidade de atração esboroa-se da mesma forma que se torna uma quimera conseguir reter os melhores.

Com servidores mal pagos e desmoralizados, com uma administração pública descapitalizada por falta de coragem política para tomar verdadeiras opções de fundo, o Estado torna-se simultaneamente gigantesco e fraco. Perde conhecimento, perde a capacidade de pensar, perde a capacidade de regular, perde a capacidade de negociar. Torna-se frágil e precisa de procurar fora de si aquilo que devia estar no seu centro. Ao fazê-lo, torna-se naturalmente permeável aos mais variados interesses que, não raras vezes, o capturam para o fazer ainda mais inefectivo, mais depauperado e mais fraco. O ciclo de profunda perversidade fecha-se assim sobre si mesmo.



Há muito tempo que, por convicção ou mera cedência eleitoralista, abdicámos de pensar o Estado. A ideia de reformá-lo foi-se fazendo um anátema

Para o romper, vale a pena notá-lo, não é preciso que convirjamos em torno das opções em concreto. Não é preciso eleger funções ou áreas predeterminadas. Numa sociedade aberta é saudável que se confrontem mundivisões diferentes. As prioridades para a ação do Estado não têm de ser as mesmas, à esquerda e à direita. A própria escala e dimensão do Estado, estando evidentemente sujeita a restrições (é esse, aliás, o meu ponto central), não pode estar cientificamente prefixada nem fechada a um debate, se necessário vivo e acalorado. Numa sociedade aberta há evidentemente uma razoável amplitude para que possam conviver projetos mais liberais, mais sociais-democratas, ou mais estatistas. Numa sociedade aberta podem debater-se visões muito diferentes sobre fiscalidade e sobre mobilização de recursos públicos.

Não se trata, pois, de constranger, em absoluto, as opções. Trata-se tão-só de reconhecer que é preciso e é urgente tomá-las. A única verdadeira loucura é a de imaginar que se persistirmos em não pensar o Estado e a suas funções primordiais podemos quebrar o ciclo do seu progressivo e perverso enfraquecimento. Trata-se tão-só de reconhecer que um Estado, num quadro de inevitáveis restrições, por força de querer atender a tudo, por força de tudo querer executar, perde inevitavelmente a capacidade de cumprir aquela que é a sua função primordial: pensar. E o pensamento não se subcontrata, a defesa do interesse comum não se delega, as políticas públicas não se encomendam.

Gestor

MANUEL ROBERTO



“Muito se prometeu, mas pouco chegou ao território.” Em Pedrógão, questiona-se a festa



Presidente quis dar força aos territórios devastados pelo incêndio de 2017. Quem lá vive diz que pouco mudou e pede atenção à região – na saúde, educação ou na floresta

Reportagem

Maria Lopes Texto
Nuno Ferreira Santos Fotografia

Passarão sete anos, na próxima segunda-feira, desde que a tragédia do fogo se abateu sobre os municípios de Pedrógão Grande, Castanheira de Pêra, e Figueiró dos Vinhos. Se na paisagem verde já pouco se nota da destruição de então, na alma e no corpo de muitos as “mazelas” continuam bem visíveis. Para sempre. Foi isso que o bombeiro Rui Rosinha foi dizer ao microfone da cerimónia militar deste 10 de Junho, a convite do Presidente da República. E deixou muitos na plateia de voz embargada (como ele próprio), lágrimas nos olhos e a acenar com a cabeça em concordância.

Rui Rosinha falou de si (como pai, bombeiro de Castanheira de Pêra e homem amarrado a uma cadeira de rodas na sequência de um acidente grave no incêndio, aos 39 anos), das “vidas preciosas, amigos e familiares” que se perderam e de cicatrizes “profundas e irreparáveis” nas terras e na alma. Pediu que não se esqueçam os “muitos feridos” – foram cerca de 250 – e as famílias que precisam de “apoio contínuo para reconstruir a vida” e deixou um apoio público para um “compromisso sério com estes territórios de baixa densidade”, para uma “verdadeira coesão territorial, social e estrutural, e não apenas medidas em papel sem concretização efectiva”.

“Uma nação inteira chorou e ajudou na reconstrução. Muito se falou e prometeu, mas pouco chegou ao território”, afirmou, apontando as muitas debilidades no acesso à saúde (falta médico de família) e à educação, nas políticas ambientais, nos transportes públicos (não há autocarro para Coimbra), no sistema de emergência e telecomunicações, nas estradas e no emprego. “Continuamos aqui, resistindo estoicamente para transformar este território.”

Hora e meia antes, Isabel levava a neta pela mão enquanto os olhos procuravam dois lugares nas bancadas do público, onde pontuavam os chapéus de palha e os leques de madeira oferecidos pelo Turismo de Leiria. Trocou uma aldeia de Castanheira de Pêra por Coimbra há muitos anos, mas é lá que volta amiúde e neste feriado veio fazer mais uma “homenagem” a pessoas conhecidas que morreram nos incêndios – ninguém da família, felizmente.

“Isto serve de consolo, mas não sei se servirá para muito mais”, afirma, encolhendo os ombros. “E engalanaram as terras...”, acrescenta, para receber Marcelo Rebelo de Sousa, que desde sábado andou pelos três concelhos. Mais à frente, é João Martins, de 58 anos, que acrescenta que os festejos dão “visibilidade” à região, o que é positivo, e é um orgulho para quem aqui vive ver-se na televisão “por bons motivos”. E traz turistas? “Logo se verá mais para o Verão.”



Celebração do 10 de Junho em Pedrógão com desfile militar. Bombeiro Rui Rosinha fez discurso emotivo

O ex-presidente da Junta de Freguesia de Pedrógão lamenta que a prometida regeneração da floresta não tenha passado de *show-off*

Aos locais não se ouvem muitos elogios sobre o que mudou nestes sete anos – pelo contrário, e até se escusam a falar disso; quem vem de fora para as comemorações é porque tem filhos, netos ou companheiros entre os 1300 militares de todos os ramos das Forças Armadas que desfilaram pela Avenida Comendadora Maria Eva Nunes Corrêa e algumas pessoas admitiram ao PÚBLICO ter ficado a conhecer o nome destas vilas por causa dos incêndios. “Mas já está tudo muito verdinho. É bonito”, aponta Paula Rodrigues, mãe de uma militar.

A paisagem de um verde luxuriante em torno da vila esconde, no entanto, muitos perigos, realça Pedro Nunes. Era presidente da Junta de Freguesia de Pedrógão Grande em 2017 e é com alguma mágoa na voz, e nas críticas, que vai recordando aqueles meses de angústia. Trazer o 10 de Junho para a vila “é de louvar”, mas são iniciativas que “não trazem nada de concreto ao interior”, aponta, vincando que o que foi anunciado na reforma da floresta, na remodelação de estradas ou no sistema de emergência “foi esquecido”.

“O que andaram a fazer?”

Nem a regeneração da floresta em redor se fez convenientemente: a maior parte da área ardida não foi limpa nem reflorestada (“houve umas campanhas de *show off*”), os esqueletos das árvores apodreceram em pé, rebentaram novamente e agora a massa combustível é ainda maior que em 2017, avisa o também antigo bombeiro voluntário. E diversas estradas estão piores porque a maquinaria pesada de alguma limpeza das encostas deu cabo do pavimento.

“Estava a ouvir o Rui Rosinha e a rever-me”, afirma, subscrevendo cada palavra do discurso. “A



realidade é aquela. O que andaram as pessoas a fazer sete anos? Onde está a reorganização florestal? Onde está o emprego, a habitação, a protecção social? E a reabilitação das casas de primeira habitação que ficou por fazer?” Há quem ainda more, por empréstimo, na casa de familiares. As terras são pequenas, “toda a gente conhece toda a gente que ficou realmente afectada”. A somar aos “processos burocráticos e administrativos já de si demorados vieram os interesses”, afirma, lembrando as polémicas com a reconstrução que valeram processos judiciais e condenações, incluindo do então presidente da câmara. E o processo de responsabilidade por 63 mortes e 44 feridos por negligência contra o comandante dos bombeiros, que acabou absolvido.

Pedro Nunes pega na descrição de Rui Rosinha sobre a resiliência dos habitantes da zona para insistir na ideia de que têm sido eles a “desenrascarem-se” por si. Houve apoios para empresas se fixarem no parque industrial do concelho, mas algumas cansaram-se de esperar pelos lotes para as fábricas e desistiram. Ao seu lado, a mulher, Sandra Palheira, técnica de turismo, olha para a oportunidade das comemorações do 10 de Junho e diz que o evento devia ter sido mais divulgado para trazer mais gente ou até para lançar outras iniciativas de projectos para a região.

Nono discurso do Presidente no 10 de Junho

Marcelo foi a Pedrógão Grande pedir coesão e integração de estrangeiros

Maria Lopes

No seu penúltimo discurso do Dia de Portugal e o primeiro com Luís Montenegro como primeiro-ministro, Marcelo Rebelo de Sousa não destoou do princípio habitual da exaltação do orgulho nacional e da defesa da coesão territorial, mas acrescentou-lhe a integração, fazendo caber nos destinatários do 10 de Junho “os nacionais e os estrangeiros”, e uma réstia do assunto quente da reparação histórica, admitindo que não deve haver “complexos na confissão dos erros”.

Em Pedrógão Grande, onde se concentrou a cerimónia militar e o discurso de encerramento dos três dias de comemorações que também passaram por Castanheira de Pêra e Figueiró dos Vinhos (distrito de Leiria) para assinalar os incêndios de 17 de Junho de 2017 “com respeito e comoção”, o Presidente da República pediu: “Que este 10 de Junho de 2024 queira dizer ‘tragédias como as de 2017, nunca mais!” A que somou o pedido de um futuro “mais igual e menos discriminatório para todas as terras e para todos os portugueses, dever de missão, lugar para a esperança, a confiança e o sonho, mesmo nos instantes mais sofridos da nossa vida colectiva”.

Marcelo começara o discurso defendendo que “Portugal não é só mar, oceanos e litorais; não é só interiores mais ou menos profundos; não é só metrópoles, sedes, aldeias, vilas ou lugares mais ou menos ermos”, nem é só feito de “história, cultura e ciência dos letrados (...) ou do povo anónimo (...).” Nem se resume à “memória das glórias”, nem à “dos fracassos, dramas e tragédias de nove séculos”.

“Desengane-se quem olha para nós, cá dentro e lá fora, e pensa que cedemos ao primeiro contratempo, que vacilamos à primeira provação, que hesitamos à primeira contrariedade, que baqueamos à primeira tragédia. As raízes são antigas e fortes. A têmpera é, se possível, ainda mais forte”, haveria de descrever, insuflando a alma nacional.

“Portugal é tudo isso, e é um só, um mesmo Portugal. E o 10 de Junho, ao celebrar Portugal, celebra-o todo, uno na sua diversidade”, defendeu o Presidente, para dizer que as populações de regiões como esta não podem ser vistas “como menos portugueses, menos cidadãos (...) menos portadores de esperança”. Uma comemoração que “evoca o passado, mas que quer sobretudo dizer futuro, reconstrução, novos jovens, novos residentes, nacionais e estrangeiros e novos sonhos para amanhã e depois”, aponta Marcelo Rebelo de Sousa, como que num remoque ao Governo sobre a questão da imigração e do apertar das regras para a entrada de estrangeiros no país – ainda que na região do Pinhal Interior os imigrantes tenham mais a vertente de povoadores.

Orgulhos nas origens

O Presidente realçou que este ano se juntam os 500 anos de Camões, o “rufião” e ao mesmo tempo o “poeta lírico e épico, contador da nossa História”, exemplo de quem vive com todos. Tal como este expoente da literatura em que os portugueses devem ter orgulho, também devem “todos ser orgulhosos dos seus caboucos [alicerces], das suas origens, com gente dispersa pelas comunidades nas Europas, nas Áfricas, nas Américas, nas Ásias e nos Pacíficos”.

Uma dispersão que vem de longe no tempo. “Éramos poucos e aportámos a todos os continentes. Acertámos e falhámos, e assumimo-nos como somos, sem complexos na confissão dos erros, mas orgulhosos do mais que nos fez ser o que temos sido”, afirmou, numa referência indirecta à questão da reparação histórica que levou o Parlamento a discutir, a pedido do Chega, a abertura de um processo criminal que os deputados acabaram por chumbar. Como chefe supremo das Forças Armadas, assumiu ainda o orgulho nos combatentes, os antigos e os actuais, que viu desfilar pouco depois na avenida de Pedrógão.

O novo afago ao orgulho nacional viria já a rematar o discurso: “Não se iludam outros, não nos iludamos nós. Portugal e os portugueses são sempre, mas sempre melhores do que as antevisões dos arautos dos infortúnios. Nós, portugueses, somos sempre melhores do que às vezes pensamos e do que muitos outros gostam de pensar. Por isso, nós, orgulhosamente, vivemos quase 900 anos de passado sempre feito futuro.”

NUNO FERREIRA SANTOS



Presidente espera que “tragédias como as de 2017, nunca mais”

“Falta fazer muito”

PS e direita elogiam “apelo à unidade” feito pelo Presidente

Joana Mesquita

Direita e Partido Socialista elogiaram o discurso do Presidente da República nas comemorações do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas, este ano celebrado em Pedrógão Grande, concelho afectado pelos incêndios de 2017. Depois de Marcelo Rebelo de Sousa ter dito que Portugal “não é só mar, oceanos e litorais”, nem “só interiores”, mas “tudo isso, um só e o mesmo Portugal”, seguiram-se também os apelos dos partidos a uma maior coesão territorial.

Pedro Nuno Santos disse rever-se no discurso do Presidente da República, noa “apelo à unidade, na necessidade de conseguirmos trabalhar em conjunto, de seguir juntos” e considerou que “falta fazer muito” pelo interior, referindo que é preciso “investimento empresarial e habitação” para travar o “despovoamento”. O líder socialista defendeu ainda que “os maiores investimentos” no interior do país “foram feitos por governos do PS”.

Antes de Marcelo, Rui Rosinha, bombeiro ferido nos incêndios de 2017, também discursou para lamentar que as promessas feitas para o território não tenham chegado. E Luís Montenegro deixou uma garantia: “Da parte que nos toca, tentaremos fazê-lo agora, nos próximos anos.”

“O objectivo de termos um país coeso do ponto de vista social e territorial é uma prioridade, é uma prioridade garantir que todos os portugueses têm as mesmas oportunidades, independentemente da terra onde vivem e da condição familiar e económica que têm”, vincou o primeiro-ministro.

Depois de a Iniciativa Liberal ter criticado Marcelo Rebelo de Sousa por ter defendido reparações históricas às ex-colónias, Rui Rocha mostrou-se agora em sintonia com o Presidente. “Estas sim, as reparações com Pedrógão, as tragédias de 2017” são aquelas em que o país se deve concentrar, sublinhou o presidente dos liberais.

Pedro Pinto, que qualificou o discurso como “bom” e dirigido ao “país real”, assinalou que o “Presidente tem feito várias chamadas de atenção” para o interior do país, “os governos é que não têm feito nada”. O “alerta” de Marcelo é “importante”, mas, “mais do que alertas, são precisos actos”, pediu o líder parlamentar do Chega.

Supremo Tribunal anula concurso de promoção de juízes e manda mudar júri

Órgão de cúpula dos tribunais administrativos e fiscais condenado por práticas ilegais. Situação é considerada inédita. Há juízes a acusar conselho que os governa de falsificação de documentos

Ana Henriques

O órgão responsável pela gestão e disciplina dos tribunais administrativos e fiscais foi condenado na passada semana por ter cometido ilegalidades num concurso destinado a promover juízes da primeira instância a desembargadores. A situação é vista como inédita.

O acórdão que conclui que o Conselho Superior dos Tribunais Administrativos e Fiscais violou os princípios da transparência e da imparcialidade no concurso de magistrados que organizou é da autoria do ex-vice-presidente do Tribunal Constitucional Pedro Machete e subscrito por outros conselheiros do Supremo Tribunal Administrativo. E ordena não só que os candidatos sejam alvo de nova seriação, "desta feita com base em critérios legais", mas também que o júri que os avaliou seja todo substituído.

Embora ainda passível de recurso, a decisão coloca o conselho numa situação particularmente melindrosa, uma vez que se vê condenado numa área do direito que é suposto dominar, a dos concursos administrativos.

As quatro juízas de primeira instância que impugnaram o concurso agora em grande parte anulado pelo Supremo são candidatas às secções de contencioso tributário, mas um procedimento idêntico destinado a preencher vagas nas secções de contencioso administrativo está igualmente a ser contestado em tribunal por magistrados que sentem ter sido prejudicados.

A violação da transparência de que fala o ex-vice-presidente do Constitucional fica também patente no facto de o Conselho Superior dos Tribunais Administrativos e Fiscais se ter recusado a fornecer aos candidatos que lhos pediram os pareceres preliminares do júri, documentos em que os jurados analisam de forma detalhada as características de cada candidato. Alegava este órgão, que é dirigido pela conselheira Dulce Neto, e nessa qualidade presidente dos júris, que os pareceres tinham "natureza reservada" e não podiam, por isso, ser considerados documentos administrativos passíveis de consulta, mas sim meras notas pessoais: "Não podem ser facultados aos exmos. senhores juízes."

Mesmo antes de verem a questão de fundo da legalidade do concurso resolvida – o que, de resto, ainda só sucedeu no caso dos concorrentes às secções de contencioso fiscal, e não nos do contencioso administrativo –, os candidatos foram assim obrigados a recorrer a tribunal para obterem os pareceres. Também aqui o conselho saiu derrotado, com o Supremo Tribunal Administrativo a obrigá-lo a entregar os documentos. Citando decisões judiciais anteriores no mesmo sentido, os juízes recordaram a este órgão em Janeiro e Fevereiro deste ano que deve abster-se, em nome da transparência, de "comportamentos que se traduzam em ilegítimas restrições dos direitos, liberdades e garantias que a Constituição prevê".

Porém, existem neste momento juízes a alegar que os pareceres preliminares fornecidos após a ordem do Supremo nesse sentido não foram elaborados pelos membros do júri mas forjados pelo próprio conselho, razão pela qual exigem que a Polícia Judiciária lhes faça uma perícia informática.

DANIEL ROCHA



MANUEL DE ALMEIDA/LUSA



O acórdão é da autoria do antigo vice-presidente do Constitucional Pedro Machete

Além de pelo menos nove candidatos terem contestado judicialmente a seriação, os dois concursos tinham sido alvo de cerca de três dezenas de reclamações para o próprio conselho. Tendo em conta que foram 118 os concorrentes à progressão na carreira, estamos a falar de uma taxa de reclamação na ordem dos 25%.

Dados fornecidos pelo Conselho Superior dos Tribunais Administrativos e Fiscais dão conta de que nos últimos concursos, realizados em 2017, foram 20% os candidatos a reclamar. Este órgão escusou-se a dizer se vai ou não recorrer da sua condenação, que no limite pode levar à despromoção dos desembargadores que já tenham tomado posse, obrigando-os a regressar à primeira instância. No concurso para o contencioso administrativo, sobre cuja legalidade o Supremo ainda não se pronunciou, já foram empossados os candidatos ordenados até ao 13.º lugar, havendo também candidatos já a exercer na segunda instância do contencioso tributário.

No cerne da anulação do concurso para as secções tributárias, que terá agora de recuar até à fase de análise de candidaturas, está o facto de o júri ter alterado os critérios de avaliação já mais de dois meses depois de terminado o prazo para os candidatos entrarem na corrida e apresentarem os seus currículos, a pretexto de aprimorar as regras estabelecidas. "A modificação do sistema de classificação determina a invalidade da graduação final dos candidatos", determinou o Supremo Tribunal Administrativo esta semana, "uma vez que constitui fundamento bastante da violação dos princípios da transparência e da imparcialidade da administração".

O facto de o júri estar na posse das candidaturas que lhe foram apresentadas na altura em que modificou os critérios, com o risco de ter podido adaptar regras por forma a favorecer ou prejudicar determinados concorrentes, constitui a razão da anulação. E o facto de se ignorar se houve efectivamente fraude não é, para Pedro Machete e os colegas, determinante: basta a suspeita de que possa ter sucedido para abalar a confiança no procedimento.

Impondo-se a reapreciação das candidaturas, o Supremo diz que a melhor solução passa por nomear um novo júri "sem preconceitos e de espírito aberto". Como se o processo que se desenrolou até aqui nunca tivesse existido. "À administração não basta ser imparcial, exigindo-se-lhe também que apareça como imparcial, tendo em vista evitar práticas susceptíveis de afectarem a imagem pública de imparcialidade", pode também ler-se no acórdão, que considera que neste caso esse risco foi exponenciado pelas más práticas do júri.

"Trata-se de uma situação inédita", observa o presidente da Associação Sindical dos Juízes Portugueses, Nuno Matos, acrescentando que o conselho vai ter muito trabalho para conseguir resolver o problema.

Recusando-se a comentar a sua condenação pelo Supremo, este órgão respondeu ao PÚBLICO que está, e sempre esteve, convicto de que o procedimento concursal "decorreu em observância das normas legais e regulamentares aplicáveis ao mesmo, não tendo sido praticadas quaisquer ilegalidades", tendo pautado "toda a sua actuação no respeito pelos princípios da legalidade, da transparência, da imparcialidade, da justiça e da igualdade".

No que diz respeito à divulgação dos pareceres preliminares do júri, "foram disponibilizados a todos os candidatos que requereram a passagem de certidão dos mesmos".

Hospital da SCML recebeu 37 casos de internamentos sociais em meio ano

Daniela Carmo

Executivo pretende "recorrer a opções da rede a nível social e privado" para libertar camas nos hospitais do SNS

Em pouco mais de meio ano, a Residência Temporária no Hospital Ortopédico de Sant'Ana, na Parede (Cascais), acolheu um total de 37 utentes permitindo libertar camas em unidades do Serviço Nacional de Saúde (SNS). Esta é uma resposta da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa (SCML), que foi protocolada com o anterior executivo e que começou a funcionar a 20 de Dezembro de 2023 para acolher pessoas em situação de internamento social. Um projecto que o novo Governo quer continuar, recorrendo ao sector social e privado.

O Governo entende que, "apesar de implicar encargos mais elevados, estes serão sempre mais baixos do que a diária do internamento hospitalar em unidade de patologia aguda", pelo que a libertação de camas indevidamente ocupadas nos internamentos hospitalares é um dos eixos do Plano de Emergência e Transformação na Saúde, apresentado recentemente pelo executivo para ajudar a responder a um problema crónico do SNS. Os números mais recentes, com data de 20 Março, apontam para mais de 2100 pessoas internadas de forma inapropriada nos hospitais por falta de outro tipo de respostas.

De acordo com o balanço feito pela Misericórdia de Lisboa ao PÚBLICO, dos 37 utentes admitidos na residência temporária, 12 "já foram integrados em resposta definitiva", ou seja, regressaram a casa ou foram encaminhados para uma Estrutura Residencial Para Pessoas Idosas (ERPI). Esta resposta dispõe de 27 camas.

Até à data, foi realizado um total de 102 avaliações em meio hospitalar, que são referenciadas pelos hospitais de Lisboa. "Posteriormente a equipa interdisciplinar da RT [Residência Temporária] (Acção Social e Saúde) avalia em meio hospitalar se os utentes têm critérios para admissão", refere a Santa Casa.

Antes mesmo de o plano de emergência na saúde ter sido apresentado pelo Governo, como o PÚBLICO noticiou, era já conhecida a intenção da tutela em libertar cerca de mil camas de internamento que estão, actualmente, alocadas aos designados "internamentos sociais", ou seja, que são protelados nos hospitais pelo facto de os utentes não terem para onde ir, apesar de já terem alta clínica.

Para tal, a tutela pretende "recorrer a opções da rede a nível social e privado", além de promover também a hospitalização domiciliária, sempre que aplicável. Ao PÚBLICO, o presidente da União das Misericórdias Portuguesas, Manuel Lemos, confirmou, em meados de Maio, ter sido consultado pelo executivo sobre este tema, à semelhança do que já tinha sucedido com o anterior Governo. Entretanto, ainda não houve novos contactos entre as partes.

Actualmente, a comparticipação da Segurança Social para o acolhimento temporário e transitório em resposta social corresponde ao valor mensal convencionado de 1400 euros por pessoa, no caso das vagas em ERPI, conforme definido na portaria que regulamenta este tipo de hospitalização. Para as vagas em lares residenciais cuja ocupação seja efectuada pelos serviços do Instituto da Segurança Social, no âmbito deste diploma, o valor mensal convencionado é de 1770,51 euros por pessoa.

Mais de duas mil pessoas permanecem internadas nos hospitais do SNS por falta de outro tipo de respostas

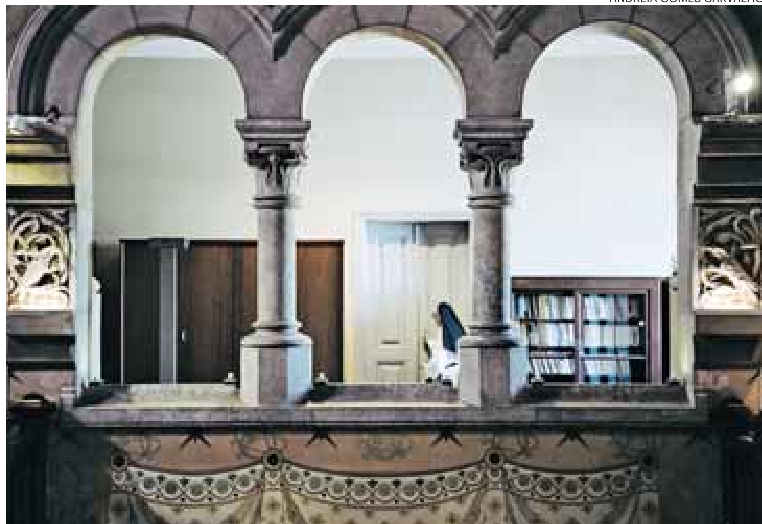
De acordo com o plano do Governo, uma das soluções para libertar camas nos hospitais para utentes que tenham, de facto, gravidade clínica, "poderá passar pela ocupação transitória de camas em unidades privadas, onde, apesar de implicar encargos mais elevados, estes serão sempre mais baixos do que a diária do internamento hospitalar em unidade de patologia aguda".

"Portanto, tirar estes utentes dos hospitais de agudos e colocá-los noutras logísticas de apoio é importante do ponto de vista operacional para o bom funcionamento da Saúde, mas também é excelente para o interesse público, pois inevitavelmente representará uma solução económica financeira mais vantajosa no contexto global do Estado", sublinha ainda o executivo.

De acordo com o cronograma de actividades do Governo que consta do plano de emergência, o primeiro passo consistirá no mapeamento de camas indevidamente ocupadas nos internamentos hospitalares, seguindo-se as reuniões com potenciais parceiros para locais mais carenciados e na terceira e última fase avançar-se-á para a comunicação das parcerias aos hospitais e a contratualização descentralizada.

De acordo com o relatório de actividade entregue pela anterior equipa da Direcção Executiva do SNS à ministra da Saúde, só nos primeiros três meses deste ano foram retirados dos hospitais mais de 381 utentes para resposta social. "No ano de 2023 foram colocados 2099 utentes, numa média de cerca de 174 utentes/ mês, e no primeiro trimestre de 2024 foram colocados 381", contabiliza a DE-SNS. A 31 de Março, segundo o quadro disponível no relatório, 585 utentes aguardavam colocação em resposta social de internamento. Dos quais, 300 utentes na região de Lisboa e Vale do Tejo e 211 no Norte.

O anterior Governo avançou com um protocolo entre os serviços dos hospitais e os serviços do Instituto da Segurança Social para dar resposta aos casos sociais. Iniciada em 2020, a medida foi entretanto alargando o número de vagas disponíveis com parceiros do sector privado e a SCML. Desde Março de 2020 até ao final de 2023, foram colocados nesta resposta transitória 6697 utentes.



ANDREIA GOMES CARVALHO

O actual Governo quer replicar modelos como este da Santa Casa

Marcha contra o racismo lembra vítimas e pede justiça no Carmo, onde a ditadura caiu

Já no fim do protesto houve confrontos entre manifestantes antifascistas e nacionalistas que obrigaram à intervenção da PSP



Um círculo com 14 nomes de alegadas vítimas do racismo em Portugal foi ontem colocado no Largo do Carmo, em Lisboa, no final de uma marcha anti-racista repleta de palavras de ordem, cor e música, que surpreendeu os turistas. Quando tudo estava a terminar, houve confrontos com manifestantes da extrema-direita.

Há 29 anos, no Dia de Portugal, foi assassinado Alcindo Monteiro, em Lisboa. O crime ocorreu perto de onde os manifestantes de reuniram ontem e começaram o protesto. Há uma placa alusiva na Rua Garrett, colocada pela Câmara de Lisboa há quatro anos.

Alcindo Monteiro, cidadão cabo-verdiano assassinado por um grupo neonazi, em 1995, foi uma referência presente na marcha. O seu nome estava bem visível em vários dos cartazes com que os participantes desfilaram pela Rua Garrett, seguindo depois pela Rua Serpa Pinto, Travessa do Carmo e, finalmente, o Largo do Carmo. É, aliás, um dos 14 evocados em pequenos *posters* vermelhos que foram colocados, em círculo, no chão do Largo do Carmo, onde há 50 anos caiu a ditadura.

"Racistas, fascistas, chegou a vossa hora, os imigrantes ficam e vocês vão embora!", gritavam os manifestantes com a ajuda de megafones e ao som dos tambores que estiveram sempre presentes ao longo da marcha, tal como vários elementos da PSP, apoiados em viaturas. Para Flávio Almeida, porta-voz do movimento Vida Justa, esta iniciativa tem como objectivo fazer com que "não caia no esquecimento o que aconteceu no 10 de Junho, com a morte de Alcindo Monteiro". Mas também mostrar que "o combate anti-racista não pode ser dissociado da questão material e que não é o combate de um dia, é um combate de todos os dias".

Para José Falcão, da organização SOS Racismo, o Governo devia avançar já com a legalização de todos os imigrantes e dar-lhes o direito de voto, além de aprovar a criminalização do racismo. O dirigente associativo congratulou-se por a questão anti-racista mobilizar cada vez mais pessoas e associações, mas deixou um lamento: "Infelizmente, quem está no Governo não faz isso."

Seyne Torres, da Frente Anti-racista (FAR), uma das organizações promotoras desta marcha, mostrava-se convencido de que esta jornada faz ainda mais sentido um dia depois de o Parlamento Europeu ficar "cada vez mais de direita, de extrema-direita". Por reconhecer que "as políticas da União Europeia influenciam as políticas nacionais", considerou ser determinante "marcar este dia de luta contra o racismo, contra todas as políticas neoliberais, para uma maior democracia e um país mais igualitário".

O colorido dos participantes e a música, a que se sobrepunham as palavras de ordem, apanharam de surpresa os turistas que aproveitaram para registar o momento com as câmaras dos telemóveis, com alguns a sair mesmo dos cafés e restaurantes para verem passar a marcha. Além da FAR, organizaram o protesto a Associação Desportiva e Recreativa "O Relâmpago", o Conselho Português para a Paz e Cooperação, a União de Sindicatos de Lisboa e o movimento Vida Justa.

Já por volta das 18h, junto ao Padrão dos Descobrimentos, houve um confronto entre manifestantes antifascistas e nacionalistas. A PSP teve de intervir para pôr fim à situação. A Unidade Especial da Polícia teve de separar manifestantes de ambos os lados, constatou a agência Lusa no local. Depois de separar os dois grupos, a PSP usou bastões sobre estes manifestantes. Os confrontos ocorreram após cerca de meia hora de provocações mútuas entre os dois movimentos que se encontravam separados por poucos metros. Além de palavras de ordem, houve arremesso de balões com tinta, tochas e potes de fumo. Na sequência dos incidentes, a PSP alargou o perímetro de segurança, afastando também turistas que se encontravam no local.

A colectividade mais antiga de Lisboa ainda marcha: "O coração não se cansa!"

Está a chegar a noite em que as marchas dos bairros de Lisboa descem a Avenida da Liberdade. Entre elas, está uma organizada pela colectividade mais antiga da cidade, em Alcântara

Reportagem

Teresa Serafim Texto
Nuno Ferreira Santos Fotografia

A noite já vai longa, mas os marchantes continuam empenhados como se tivessem acabado de chegar ao ensaio. "Pisa, pisa, cinco, seis, sete e vai: pisa e ajoelha", comanda o ensaiador Vitor Kpez (nome artístico) de microfone na mão. No Pavilhão Desportivo da Ajuda, entre balizas e cestos de basquetebol, os elementos da marcha de Alcântara treinam a coreografia que apresentarão na Avenida da Liberdade amanhã à noite. "Não precisam de ir com tanta pressa", recomenda Kpez. Os marchantes ouvem-no atentos, fazem perguntas e dão recomendações também. Entre eles, vão-se rindo, trocando impressões e brincando.

Uma das marchantes mais sorridentes é Mariana Pires – a mais nova, com 14 anos. Este é o segundo ano em que entra e sente que está a seguir os passos da sua família. Embora viva na Penha de França, as suas raízes são em Alcântara. "Os meus avôs já participaram e cheguei a marchar na barriga da minha mãe", partilha. Em 2018, foi mascote e hoje marcha ao lado dos seus primos e mãe.

Nem sabe bem explicar a emoção que sente quando faz as exibições em público – seja na Meo Arena ou na Avenida da Liberdade. "Sentimos uma coisa no coração e uma ansiedade que é inexplicável", tenta descrever. No ano passado, teve mesmo um ataque de nervos na avenida. Era muita coisa a acontecer: as luzes, a televisão, a multidão. Este ano, garante que está mais calma.

Mariana Pires tem a mesma idade de Amália Rodrigues (1920-1999) quando a fadista participou na marcha de Alcântara, em 1935. Para Francisco Ferreira, este é um dos momentos a assinalar na história da marcha de Alcântara e da colectividade Sociedade Filarmónica Alunos Esperança, que a organiza desde 1932. "Nessa altura, ela e a irmã [Celeste Rodrigues] faziam parte da marcha de Alcântara", conta o coordenador da marcha e tesoureiro da colectividade.

A Sociedade Filarmónica Alunos Esperança, com sede em Alcântara, foi fundada em 1850 e é a colectividade mais antiga da cidade de Lisboa, de acordo com a Confederação Portuguesa das Colectividades de Cultura, Recreio e Desporto, que refere que este é a sua filiada mais antiga em funcionamento no concelho de Lisboa. A marcha é uma das grandes actividades da sociedade.

É o "amor ao bairro"

Há cerca de 70 pessoas envolvidas na marcha, incluindo a equipa técnica. Marchantes são à volta de 50 e Francisco Ferreira diz que a maioria é de Alcântara. "Damos preferência às pessoas de Alcântara. Uma grande parte das pessoas da marcha é da freguesia. Não quer dizer que todos estejam cá a viver, mas são de cá", indica.

O coordenador diz que há pessoas que tiveram de sair do bairro porque houve "vários pontapés": "Quando fizeram a ponte [25 de Abril, então Salazar], em 1966, foi uma série de malta embora. Depois fizeram a travessia de comboios do Tejo e também foi uma série de pessoas embora. Agora vem aí o metro!" Com esses pontapés, considera que foram as colectividades que ficaram a perder. A marcha acaba por ser uma forma de dar vida ao espírito de bairro.

Mara Brito vive em Alcântara e entrar na marcha é uma forma de mostrar o seu "amor ao bairro". Participa desde 2000 e seguiu a tradição de família – os pais e a irmã já o tinham feito. Agora foram também os seus filhos. Esta altura do ano é especial para ela: "É trabalhar, casa e marcha. Sempre a ensaiar. Não faço mais nada", conta a panificadora de um supermercado. "Os ensaios são muito intensos. Vamos até à exaustão!"

O empenho é tal que até já nasceu um bebé durante os ensaios. "A minha irmã estava no ensaio, tivemos de parar porque ela não se estava a sentir bem e ela teve o bebé na rua", recorda a marchante de 45 anos. Também diz que, por vezes, há chatices, mas a paixão acaba por prevalecer. "A marcha é uma alegria, um orgulho, uma felicidade!"

Este ano houve mudanças. A marcha tem um novo cenógrafo, que era já também o figurinista. É a dar os últimos pormenores nos arcos que encontramos Renato Godinho. À sua frente, vemos as estruturas que os marchantes levarão na mão à Avenida da Liberdade repletas de pincéis, latas de tinta e paletas com muitas cores. Muitas cores mesmo. A base dos arcos é como se fosse um escadote. Já o trono de Santo António está apoiado num andaime e a auréola foi substituída por uma paleta do pintor. O tema de Alcântara deste ano é uma homenagem aos pintores de rua de Lisboa.

"Depois de o tema estar escolhido, vou para casa, esmifro, esmifro, esmifro e faço uma série de estudos", relata Renato Godinho, que é cenógrafo do Teatro da Comuna há 40 anos. Nunca deixa que sejam os primeiros desenhos a ir para a frente, porque gosta de ir limpando, evoluindo, até que se chega ao resultado final. Só passa para os arcos depois de ter os figurinos e de a "história começar a aparecer".

Nunca marchou, mas há já cerca de dez anos que Renato Godinho colabora com a marcha de Alcântara. E nunca esperou ter este amor pelas marchas: "A minha família ia sempre ver, mas eu não achava muita piada." Até que no teatro começaram a insistir com ele, ele aceitou participar e participar é hoje uma paixão. "Sabe aquela sensação que se tem de 'borboletas na barriga'? Foi essa a sensação que tive quando desci a avenida com a marcha pela primeira vez..."

Em Alcântara, todos o receberam muito bem e acabou por encontrar também uma família. Agora diz que durante todo o ano pensa em ideias para a ocasião. "Tornou-se uma paixão muito grande!" E antes de irmos embora pede para nos mostrar uma peça essencial nos arcos: uma ventoinha holográfica com luzes que têm símbolos de instituições ligadas a Alcântara. "Disse para mim: 'Tenho de ter luzes nos arcos e têm de ser contemporâneas'", recorda. "Bom, mas agora vou ter de as desligar para poupar energia para a avenida."

O coração nunca se cansa

Outra das mudanças deste ano é o ensaiador. Para Vitor Kpez, as marchas foram também uma novidade, tal como para Mafalda Matos, a outra ensaiadora. "É a



Notam que antes era mais a parte do bairro onde a colectividade fica, mas agora é Alcântara em peso que apoia os marchantes

> **O corpo está cansado, a cabeça está cansada, mas o coração nunca se cansa. O coração marcha por amor às raízes**
>
> **Ana Vidal**
> Marchante







primeira vez que estamos a ensaiar marchas", afirma Vitor Kpez, que é natural do Porto e diz nunca ter tido uma ligação ao evento. Um amigo não estava disponível para o fazer e o convite acabou para passar para ele.

Vitor Kpez e Mafalda Matos estudaram muito em casa e foram vendo outras marchas. "Tínhamos de perceber como funcionava. Existe liberdade para a criatividade, mas há regras", nota o bailarino e professor de dança, que trabalha maioritariamente com *street dance*. Mafalda Matos é bailarina e professora de *jazz*. "Tentamos ter um bocado da nossa linguagem na marcha", avisa o bailarino.

Até agora, Vitor Kpez não tinha nenhuma ligação a Alcântara, mas a forma como foi recebido fê-lo sentir quase como fizesse parte do bairro. Perguntamos-lhe: talvez participe na marcha para o ano? E responde de imediato: "Não diria um talvez. É um sem dúvida!" Durante o ano, quem sabe, talvez possa dar umas aulas de dança na colectividade — fica essa vontade. Por agora, vai treinando a marcha.

"Já estão nas posições?", pergunta o coreógrafo ao grupo. As marchantes perfilam-se de mãos nas ancas e, quando a música toca, lá vai a marcha. "Ele é pintor,/Vai espalhando novas cores/Cobre prédios de amores/Trichando-os de cor pastel", ouve-se, na música *O Pintas do Pintor* com letra escrita por David Ferreira e Jorge Ramos. E as marchantes lançam um gesto na mão com um beijinho. "Iá, isto funciona", transmite o ensaiador quando a música pára. "Mas vou dar-vos uma dica."

Ana Vidal tem ouvido com muita atenção todas as "dicas" dos seus novos ensaiadores. "Estou a 'amar'! Se há um ano me dissessem se era capaz de fazer o que estou a fazer este ano, dizia-lhe que não conseguia", diz a marchante, de 37 anos, de sorriso nos lábios, sobre os passos de dança que tem aprendido.

Desde 2003 que Ana Vidal, que é operadora de loja, participa na marcha e diz que esta ocupa uma parte importante da sua vida. Foi aqui que conheceu o seu marido: "Apesar de ter andado com ele na escola, só tivemos contacto aqui." Ana chegou a marchar grávida e o seu filho tornou-se, mais tarde, a mascote. Nada a fez parar: teve o parto da sua outra filha numa quinta-feira e na segunda estava já nos ensaios. Desde que começou só parou quando foi obrigatório - nos anos da pandemia.

Não descarta que os ensaios são intensos: normalmente, começam por volta das 21h30 e podem terminar só pela 1h. Arrancaram em Março e estão desde Abril no pavilhão quase todos os dias. O orgulho que tem à causa transforma o cansaço em amor: "O corpo está cansado, a cabeça está cansada, mas o coração nunca se cansa." O coração marcha por amor às raízes. É nascida e criada em Alcântara e a sua avó já tinha entrado na marcha. Também ela tem vindo a observar mudanças: antes era mais a parte do bairro onde a colectividade fica, mas agora diz que Alcântara em peso apoia os marchantes.

Actualmente, a Sociedade Filarmónica Alunos Esperança está localizada num segundo andar de um prédio da Rua de Alcântara. "Felizmente, temos [uma sede] que é nossa, mas há colectividades que têm essa dificuldade [em manter um espaço] devido ao aumento das rendas", assinala Francisco Ferreira. Hoje tem cerca de 200 sócios — mas já foram muitos mais. As marchas e as actividades desportivas são o principal motor da colectividade, que também tem a suas dificuldades. "As pessoas desabituaram-se [de ir à sede]", refere o tesoureiro da sociedade. "Acomodaram-se a ficar em casa. Até a tomar café!" Diz que a juventude lá vai aparecendo e que praticamente todas as pessoas que participam na marcha são sócias.

O orçamento necessário para a marcha pode chegar aos 50 mil euros. Como tal, a colectividade tem de ter apoio: 30 mil provêm da Câmara Municipal de Lisboa e o restante da Junta de Freguesia de Alcântara ou do comércio local. Davide Amado (PS), presidente da junta, refere que é dado um apoio financeiro de cerca de 12 mil euros ou com transporte e *T-shirts*. "A marcha é muito importante para nós como freguesia", nota, também presente nos ensaios. Quanto à colectividade, informa que é dado apoio para as actividades que realizam, como as desportivas.

Um outro apoio para a marcha é o dos padrinhos: o actor Pedro Granger e a jornalista Ana Sofia Cardoso. "O nosso apoio é um compromisso emocional", diz Ana Sofia Cardoso, que vem aos ensaios sempre que pode. "E muito humano", completa Pedro Granger. Ambos já não são novatos na marcha de Alcântara e, ao longo dos anos, têm vindo a criar laços de amizade com os marchantes.

Bairros em competição

Pedro Granger chegou há dez anos à marcha de Alcântara, mas já tinha sido padrinho da de Benfica e da Graça. O "bichinho" pelas marchas foi criado nessa última, ao lado da actriz Carla Andrino. Aqui, em Alcântara, considera que construiu "uma família". Ana Sofia Cardoso estreou-se há nove anos em Alcântara. Quando a convidaram, nem queria acreditar, porque nem acompanhava as marchas. Hoje é uma paixão: "Percebi que as marchas são uma verdadeira experiência social. É espectacular o ambiente que aqui se vive e as dinâmicas de bairro que vejo."

Para Pedro Granger, os marchantes e a colectividade são uma espécie de "guardiões de Alcântara". "A marcha é um espelho da sociedade. Em Alcântara, temos ainda muita gente do bairro", diz, sublinhando que há ainda muitos marchantes a viver neste bairro de Lisboa. "Têm orgulho e paixão pelo seu bairro."

Esta será uma das marchas que desfilarão amanhã na Avenida da Liberdade. O evento começa às 21h com a marcha infantil as Escolas de Lisboa, a marcha infantil d'A Voz do Operário, a dos Mercados ou a da Santa Casa. Depois, em competição estarão a de vários bairros lisboetas: Olivais, Alfama, Baixa, Santa Engrácia, Carnide, Castelo, Bela Flor-Campolide, Alcântara, Bica, Madragoa, São Vicente, Bairro da Boavista, Bairro Alto, Graça, Alto do Pina, Belém, Marvila, Penha de França, Mouraria e Lumiar.

Para Francisco Ferreira, o mais importante é que as pessoas do bairro gostem da marcha — é a experiência que lhe diz isso. O actual coordenador começou a participar, por brincadeira, em 1988, e foi marchante até 2011. Depois, sentiu-se na obrigação de sair para ajudar na parte cénica e tem descido a Avenida da Liberdade como aguadeiro.

Nuno Matias também diz sempre que este ano é o seu último, mas depois acaba sempre por vir. À sua frente está Bernardo Correia, de 16 anos, um dos mais recentes membros do grupo. Que conselho dá o marchante mais velho ao mais novo? Nuno Matias, de 48 anos, olha para ele e reflecte que no primeiro ano lhe ensinaram tudo. "Agora é só aperfeiçoar o que foi aprendendo e fazer o seu trabalho, que faz muito bem", diz-lhe, transmitindo que nem sempre é fácil entrar para a marcha, pois não há vaga para todos.

Este é o segundo ano em que Bernardo Correia participa e confessa que ser marchante é um sonho de criança que concretizou. "Vivo em Alcântara e via sempre as marchas. Andei muitos anos atrás dela e no ano passado consegui entrar", conta com um brilhozinho nos olhos. "No ano passado, quando fizemos a exibição no pavilhão [da Meo Arena], disse mesmo: 'Estou aqui!' Foi das coisas mais marcantes da minha vida."

Conselho de Segurança aprova acordo de cessar-fogo proposto pelos EUA

“Hoje, votámos a favor da paz”, declarou a embaixadora norte-americana nas Nações Unidas, Linda Thomas-Greenfield, logo após uma votação em que só a Rússia se absteve

Paulo Narigão Reis

A ofensiva diplomática dos Estados Unidos para alcançar um cessar-fogo na Faixa de Gaza obteve ontem um resultado que pode ser decisivo, com a aprovação pelo Conselho de Segurança das Nações Unidas de uma resolução a apoiar a proposta norte--americana para pôr fim aos combates entre Israel e o Hamas no enclave.

A resolução levada à mesa pelos EUA, cujo texto ficou finalizado no domingo após seis dias de negociações com as nações com assento no Conselho de Segurança, obteve o voto favorável de 14 dos 15 membros, com a Rússia a abster-se.

“Hoje, votámos a favor da paz”, declarou a embaixadora dos EUA na ONU, Linda Thomas-Greenfield, logo após a votação. A resolução apoia a proposta norte-americana de cessar-fogo, afirma que Israel a aceitou e apela ao Hamas que o faça também, pedindo “a ambas as partes a aplicação integral dos seus termos, sem demora e sem condições”.

Numa reacção inicial à votação no Conselho de Segurança, o grupo islamista afirmou estar pronto a cooperar com os mediadores na implementação dos princípios do plano dos EUA.

“O Hamas congratula-se com o que está incluído na resolução do Conselho de Segurança, que afirma o cessar-fogo permanente em Gaza, a retirada total, a troca de prisioneiros, a reconstrução, o regresso dos deslocados às suas áreas de residência, a rejeição de qualquer alteração demográfica ou redução da área da Faixa de Gaza e a entrega da ajuda necessária ao nosso povo na Faixa”, afirmou o Hamas através de um comunicado.

Poucas horas antes da votação no Conselho de Segurança, o secretário de Estado norte-americano, Antony Blinken, iniciava um novo périplo diplomático pelo Médio Oriente, com o objectivo de pressionar os líderes dos países árabes a pressionarem o Hamas a aceitar a proposta de cessar-fogo.

Em Nova Iorque, a Argélia, o único membro árabe do Conselho de Segurança, deu um sinal positivo ao apoiar a resolução. “Acreditamos que pode representar um passo em frente em direcção a um cessar-fogo imediato e duradouro”, disse o embaixador argelino na ONU, Amar Bendjama.

ABED KHALED/REUTERS



Médicos no hospital dos Mártires de Al-Aqsa, em Gaza, tratam crianças feridas num ataque israelita no domingo

Numa reacção inicial à votação, o Hamas afirmou estar pronto a cooperar com os mediadores

Na que é a sua oitava visita à região desde que o Hamas atacou Israel em 7 de Outubro, Blinken chegou ontem à noite a Israel , onde informou o primeiro-ministro Benjamin Netanyahu sobre “os esforços diplomáticos em curso para planear o período pós--conflito”, disse o porta-voz do Departamento de Estado, Matthew Miller, num comentário sobre o encontro com o chefe de Governo israelita.

Blinken também “reiterou que a proposta em cima da mesa abriria a possibilidade de calma ao longo da fronteira norte de Israel e de uma maior integração com os países da região”, acrescentou Miller.

Plano de três fases

Biden apresentou um plano de cessar-fogo de três fases em 31 de Maio, que descreveu como uma iniciativa israelita, o que levou alguns membros do Conselho de Segurança a questionar se Israel tinha de facto aceitado o plano para acabar com os combates em Gaza.

Mas, após a aprovação, Thomas--Greenfield disse que a votação mostrou ao Hamas que a comunidade internacional estava unida.

“Unidos por um acordo que salvará vidas e ajudará os civis palestinianos em Gaza a começar a reconstruir e a sarar. Unidos por um acordo que reunirá os reféns com as suas famílias, após oito meses de cativeiro”, afirmou.

As conversações para chegar ao cessar-fogo intensificaram-se desde o discurso de Biden no qual propôs o acordo, tendo o director da CIA, William Burns, viajado na quarta-feira para Doha para discutir o plano com altos funcionários dos mediadores Qatar e Egipto, antes da deslocação de Antony Blinken.

As forças israelitas resgataram no sábado quatro reféns detidos pelo Hamas desde Outubro, num ataque em Gaza durante o qual 274 palestinianos foram mortos, mas o chefe da diplomacia dos EUA recusou comentar a possibilidade de a incursão israelita ter consequências no acordo.

“Em última análise, não me posso colocar – nenhum de nós se pode colocar – na mente do Hamas ou dos seus líderes”, disse Blinken. “Portanto, não sabemos qual será a resposta.”

A viagem de Blinken acontece depois de o ministro israelita Benny Gantz ter anunciado, no domingo, a sua demissão do Governo de Netanyahu, ele que era o único membro moderado no gabinete de guerra israelita. **com agências**

Suíça alerta para ciberataques e desinformação antes da cimeira para a paz na Ucrânia

Governo suíço evita culpar Moscovo directamente e diz que a Rússia deverá estar envolvida num futuro processo de paz

A preparar-se para receber a cimeira para a paz na Ucrânia, a Suíça registou nas últimas semanas um aumento de ataques informáticos e de desinformação, informou ontem o Governo. Noventa Estados e organizações, incluindo Portugal, registaram-se para participar nas conversações que terão lugar numa estância perto da cidade central de Lucerna, de 15 a 16 de Junho, cerca de metade dos quais da América do Sul, Ásia, África e Médio Oriente.

A Rússia não foi convidada, mas o Governo suíço disse que as conversações tinham como objectivo "definir conjuntamente um roteiro" sobre a forma de envolver tanto a Rússia como a Ucrânia num futuro processo de paz.

A Presidente da Suíça, Viola Amherd, disse numa conferência de imprensa que os ataques informáticos aumentaram nas últimas semanas e foi questionada sobre como o seu executivo estava a lidar com os ataques pessoais contra ela nos meios de comunicação russos, que foram divulgados na Suíça.

"Não convocámos o embaixador", disse Amherd. "É assim que eu queria, porque a campanha de desinformação é tão extrema que se pode ver que pouco dela reflecte a realidade." O ministro dos Negócios Estrangeiros, Ignazio Cassis, disse que havia um claro "interesse" em perturbar as conversações, mas evitou dizer quem estava por detrás dos ataques, quando questionado se a Rússia estava envolvida.

A Suíça concordou em acolher a cimeira a pedido do Presidente ucraniano Volodymyr Zelensky e tentou angariar apoio entre os países que têm melhores relações com Moscovo do que as principais potências ocidentais.

Moscovo considerou a cimeira uma perda de tempo. Segundo a Suíça, a Rússia não foi convidada porque já tinha manifestado o seu desinteresse em participar. Cassis reiterou, no entanto, que a Rússia deve fazer parte do processo de paz. A sua ausência encorajou poderosos aliados de Moscovo, como a China, a dizer que não faz sentido haver conversações de paz sem a participação conjunta da Rússia e da Ucrânia. Isso reduziu as expectativas de qualquer tipo de avanço importante na Suíça.

A cimeira na estância de Buergenstock deverá discutir áreas de interesse internacional, como a necessidade de segurança nuclear e alimentar, a liberdade de navegação, bem como questões humanitárias, como a troca de prisioneiros de guerra.

A Turquia e a Índia participarão, disseram as autoridades suíças, embora não tenha ficado claro em que nível. Não ficou claro se o Brasil e a África do Sul participariam. Cerca de metade dos países participantes será representada por chefes de Estado ou de governo, disse a Suíça.

A cimeira deverá ser concluída com uma declaração final, "idealmente" apoiada por unanimidade, disse Cassis. O objectivo é também definir qual será o próximo passo no processo de paz. Quando questionado sobre quem poderia suceder à Suíça na próxima fase, Cassis observou que estavam em curso esforços para algo "fora da parte ocidental do mundo". Isso poderia impulsionar a inclusão do "Sul Global e dos países árabes" no processo, acrescentou. **Reuters**

PIERRE ALBOUY/REUTERS



Viola Amherd, Presidente da Suíça

Agência para a reconstrução perde chefe

O chefe da agência para a reconstrução da Ucrânia, Mustafa Nayem, demitiu-se ontem devido a "obstáculos sistémicos" que o impediram de realizar o seu trabalho "eficazmente", especialmente desde Novembro passado.

Ao longo dos últimos meses, as autoridades ucranianas suspenderam o orçamento para a manutenção das estradas e dos sistemas de abastecimento de água e energia, afirmou Nayem numa declaração publicada no Facebook.

Nayem também denunciou que os salários foram consideravelmente reduzidos nos últimos meses. Apesar de tudo isto, Nayem, que até agora tem estado encarregado de liderar os trabalhos de reconstrução na Ucrânia, elogiou o seu empenho nos últimos meses.

"Apesar de todos estes obstáculos, durante todo o tempo da grande guerra não falhámos nem parámos um único projecto", afirmou Nayem, que reconhece que este é "o trabalho mais difícil" que teve de enfrentar na sua vida.

Nayem fez um balanço dos projectos realizados nos últimos tempos e que foram inaugurados "sem relações públicas, cortes de fita ou sessões fotográficas". "Era o nosso trabalho, não uma proeza", afirmou.

A demissão surge depois de o primeiro-ministro ucraniano, Denis Shmigal, se ter oposto à deslocação de Nayem à conferência sobre a reconstrução da Ucrânia em Berlim, a terceira edição do fórum que se realiza hoje na capital alemã. De acordo com a imprensa ucraniana, uma grande parte da equipa de Nayem demitiu-se também.

Governo revê prioridades e muda orçamento do Fundo Ambiental

Anterior Governo socialista deixou previstos compromissos de 1,77 mil milhões que o Ministério do Ambiente está a rever. Maria da Graça Carvalho quer "mais eficácia e transparência" no uso de verbas

Ana Brito

O Ministério do Ambiente e Energia (MAE) esteve a rever os protocolos de financiamento preparados pelo anterior Governo para o Fundo Ambiental em 2024 e vai fazer alterações aos compromissos previstos no orçamento que foi divulgado em Fevereiro.

"Quando o Governo tomou posse, as receitas previstas para o ano de 2024 do Fundo Ambiental (FA) estavam praticamente todas comprometidas", recordou ao PÚBLICO o ministério liderado por Maria da Graça Carvalho.

No despacho relativo ao orçamento do FA para 2024, o anterior ministro do Ambiente, Duarte Cordeiro, deixou uma verba de 64 milhões de euros (ou 3,5% de um bolo total de 1,8 mil milhões de euros de receitas) para as políticas do próximo executivo.

O MAE "respeitou os protocolos já assinados", explica o gabinete de Maria da Graça Carvalho, acrescentando que "as outras rubricas constantes no despacho foram avaliadas e alguns protocolos estão já preparados para serem celebrados com as entidades".

"Quanto ao orçamento remanescente para 2024, o Governo está a ponderar as prioridades em relação aos apoios a atribuir. Assim, o despacho que aprova o orçamento do Fundo Ambiental para 2024 será revisto", afirmou o MAE.

No Despacho 2062-A/2024, de 22 de Fevereiro, Duarte Cordeiro assegurava que o Orçamento de 2024 representa um "exercício minimalista e de priorização", que acautelava "o cumprimento de compromissos legais e contratuais, bem como de compromissos internacionais; a comparticipação nacional de fundos europeus; o financiamento de projectos em execução com carácter de plurianualidade; o financiamento do regular funcionamento de entidades ou ainda a resposta a necessidades imperiosas, como são exemplo as intervenções de emergência ou urgentes".

Do montante orçamentado de 1,8 mil milhões de euros, a maior fatia, de 1,316 mil milhões, seria canalizada para programas de apoio aos sectores da água, da energia e dos transportes, mas o destino final destas verbas poderá agora ser alterado.

Entre as principais fontes de receita do fundo estão 630 milhões oriundos dos leilões de licenças de emissões de carbono e outros 410 milhões que dizem respeito à cobrança da taxa de carbono.

ADRIANO MIRANDA



NUNO FERREIRA SANTOS



A nova ministra do Ambiente e Energia quer "maior eficácia e transparência" na gestão do fundo

No programa do Governo, apresentado em Abril, o executivo referiu a necessidade de "credibilizar" a gestão deste fundo, criado em 2017. Embora tenha reconhecido que a fusão de diversos fundos (como os extintos Fundo Português de Carbono, Fundo de Intervenção Ambiental e Fundo de Protecção dos Recursos Hídricos, entre outros) foi vantajosa "ao nível da gestão integrada e execução de verbas", o Governo refere que "a operacionalização deste instrumento tornou-se pouco transparente, complexa e difícil de escrutinar na forma como as receitas são alocadas".

"Dada a importância estratégica" do FA, o ministério de Graça Carvalho "está a trabalhar no sentido de introduzir alterações a este instrumento, de modo a assegurar que as suas verbas são devidamente aplicadas em prol das políticas públicas de ambiente, acção climática e eficiência no uso dos recursos".

Em 2022, de acordo com o último relatório de gestão, o FA teve receitas totais de 2,82 mil milhões

Concursos na Cresap

"Encontramo-nos a avaliar em profundidade o FA, incluindo os seus resultados, para que possamos proceder às alterações que se venham a revelar necessárias para uma maior eficácia e transparência", acrescenta o MAE. Na mesa está uma "revisão e um reforço dos critérios de afectação de receitas e de controlo, monitorização e avaliação dos resultados".

O Governo quer ainda "dar maior visibilidade aos concursos/avisos lançados, bem como à divulgação de benefícios e de resultados, dando também uma maior previsibilidade aos beneficiários" das medidas.

O Fundo Ambiental, cujas contas estão em análise no Tribunal de Contas, a pedido do PCP, como foi noticiado pelo *Eco* em Fevereiro, passou a ser gerido em 2022 pela Secretaria-Geral do Ministério do Ambiente, fazendo com que os recursos humanos afectos ao fundo transitassem para os quadros da secretaria-geral. Marco Rebelo (ex-adjunto de João Galamba nas Infra-Estruturas e técnico especialista na secretaria de Estado da Energia quando era liderada pelo mesmo ex-governante socialista) e Joaquim Dias, que foram nomeados, em Abril do ano passado, para os cargos de secretário-geral e secretário-geral adjunto da Secretaria-Geral do Ambiente, em regime de substituição, passaram a ser então director e subdirector do FA, respectivamente.

Os concursos para os cargos de secretário-geral e secretário-geral adjunto, que foram pedidos ainda pelo Governo PS, decorreram entre 29 de Dezembro e 12 de Janeiro de 2024, mantendo-se neste momento em fase de avaliação na comissão que selecciona os gestores públicos, a Cresap.

Em 2022, de acordo com o último relatório de gestão publicado recentemente, o FA teve receitas totais de 2,82 mil milhões de euros. As receitas de impostos totalizaram 1,87 mil milhões de euros, as receitas próprias totalizaram 825 milhões de euros (dos quais 673 milhões dos leilões de licenças de emissões) e as de fundos europeus foram de 124 milhões.

Quanto à despesa realizada em 2022, totalizou 2,794 mil milhões de euros, dos quais boa parte foi extraordinária e destinada a fazer face à perturbação dos mercados energéticos causados pela guerra da Ucrânia.

O fundo "foi financiado essencialmente por receitas de impostos (66%), no entanto, 80% dessa receita [e consequente despesa] foi de carácter extraordinário e destinada a um fim específico, nomeadamente o regime transitório de estabilização de preços do gás (1.000.000.000 euros) e a necessidade de contenção dos preços das tarifas de electricidade", com um apoio de 500 milhões de euros, explicou a entidade.

Estes apoios aos preços do gás e electricidade vieram directamente do Orçamento do Estado, como esclarece o relatório. O FA continuou também a executar os fundos do Plano de Recuperação e Resiliência, "tendo cobrado neste âmbito 122.175.661,30 euros, que correspondem a 4% da receita cobrada do ano".

Supremo condena IEFP a pagar 1,6 milhões a antigos formadores precários

Raquel Martins

Instituto de Emprego terá de pagar subsídios de férias, de Natal e de refeição aos formadores precários regularizados no PREVPAP

O Supremo Tribunal de Justiça tem vindo a confirmar as sentenças de tribunais inferiores que condenaram o Instituto do Emprego e Formação Profissional (IEFP) a pagar os subsídios de férias, de Natal e de refeição a dezenas de formadores, pelo tempo que estiveram a recibos verdes. Nos processos já conhecidos, que envolvem cerca de meia centena de formadores de Vila Real, Viana do Castelo, Porto e Portalegre, está em causa o pagamento de 1,6 milhões de euros de subsídios, a que ainda acrescem juros de mora.

Tal como o PÚBLICO já tinha noticiado, dezenas de formadores integrados nos quadros do IEFP no âmbito do Programa de Regularização Extraordinária dos Vínculos Precários na Administração Pública (PREVPAP) avançaram com processos judiciais para reclamar os subsídios que não lhes foram pagos durante os anos em que estiveram com falsos recibos verdes.

A primeira sentença foi conhecida em 2022. O tribunal de Vila Real condenou o instituto a pagar um total de mais de 432 mil euros a 12 formadores. O IEFP recorreu e o caso chegou ao Supremo Tribunal de Justiça que, numa sentença de 6 de Março de 2024, veio confirmar o entendimento da primeira instância.

O Supremo dá como provados alguns dos indícios da existência de um contrato de trabalho (artigo 12.º do Código do Trabalho) entre o IEFP e estes formadores no período de Março de 2013 a Abril de 2020. Na perspectiva do tribunal, os formadores deviam ter tido um contrato de trabalho com o instituto em vez de serem contratados em regime de prestação de serviços. O problema é que o IEFP é um instituto de direito público, não podendo admitir trabalhadores ao abrigo do Código do Trabalho, o que significa que esses contratos de trabalho seriam sempre considerados nulos.

Contudo, o Supremo entende que isso não significa que os formadores não possam reclamar dos créditos que lhes são devidos pelos anos em que estiveram com falsas prestações de serviço: "O contrato de trabalho declarado nulo ou anulado produz efeitos como válido em relação ao tempo em que seja executado" e, por isso, os formadores têm direito aos créditos laborais reconhecidos anteriormente.

Embora a sentença já tenha transitado em julgado, os trabalhadores de Vila Real ainda não receberam o dinheiro que lhes é devido. A situação é confirmada pelo advogado dos formadores, Vítor Peixoto, que contava que o pagamento fosse feito juntamente com o salário de Abril ou de Maio. Caso o IEFP não faça a transferência até 20 de Junho, o advogado admite avançar com uma penhora.

Questionado pelo PÚBLICO sobre este caso em concreto, o IEFP assegura que "cumpre as decisões dos tribunais nos seus precisos termos". "O pagamento dos valores em causa será processado junto com o vencimento relativo ao mês de Junho", garante, acrescentando que os juros de mora estão contabilizados até ao dia 20.

Fonte oficial justifica a demora no pagamento a estes formadores por estarem em causa remunerações e por ter sido preciso "calcular os retroactivos da Segurança Social, IRS e demais descontos e abonos".

Além deste processo de Vila Real, o Supremo também se pronunciou sobre outros três que decorreram nos tribunais de Viana do Castelo, Porto e Portalegre. Em todos eles confirma-se que o IEFP terá de pagar os subsídios de férias, de Natal e de refeição devidos pelo tempo em que os formadores estiveram a recibos verdes, num total de 1,2 milhões de euros.

O PÚBLICO questionou o IEFP sobre o número de processos relacionados com a regularização dos formadores em que está envolvido, quantas pessoas abrangem e qual o valor total reclamado. Fonte oficial não esclareceu.

Além destes processos relacionados com subsídios em dívida, alguns formadores também já avançaram com acções – desta vez nos tribunais administrativos – a reclamar a contagem de todo o tempo de serviço. No processo de regularização, os cerca de 500 formadores abrangidos foram colocados na segunda posição remuneratória da carreira técnica superior e, posteriormente, o IEFP contabilizou o tempo de serviço que prestaram em 2015 em diante para afeitos de progressão na carreira. O problema é que algumas dezenas de formadores estiveram dez, 20 ou 30 anos a recibos verdes.

O facto de o IEFP não lhes ter contado esse tempo todo tem consequências no nível salarial em que se encontram e na atribuição de um conjunto de direitos transversais aos funcionários públicos.

Lançado em 2017, o PREVPAP permitiu regularizar a situação de mais de 17.800 pessoas que trabalhavam na administração central ou no sector empresarial do Estado com vínculos precários. No caso dos formadores, o processo teve algumas particularidades e nem todos se puderam candidatar.

Lançado em 2017, o PREVPAP permitiu regularizar a situação de mais de 17.800 pessoas com vínculos precários no Estado

BARBARA RAQUEL MOREIRA



As acções judiciais em causa envolvem meia centena de formadores

Governo assina primeiros 83 termos de responsabilidade com municípios para construir habitação

São José Almeida

Castro Almeida e Pinto Luz dão início à assinatura de protocolos com as câmaras para desbloquear o PRR para a habitação acessível



Pinto Luz diz que Portugal corria risco de perder verbas do PRR

São 83 os termos de responsabilidade que serão assinados, hoje e amanhã, pelo ministro Adjunto e da Coesão Territorial, Manuel Castro Almeida, e pelo ministro das Infra-Estruturas e Habitação, Miguel Pinto Luz, com vários municípios para a reabilitação e construção de habitação acessível.

Estes protocolos têm como objectivo a reabilitação e construção de 2871 fogos, no valor de 328 milhões de euros, em 83 concelhos, cinco no Algarve, 14 no Centro, 24 no Alentejo e 40 no Norte.

Até dia 20 de Junho serão assinados termos de responsabilidade com todos os municípios cujos projectos de construção estão pendentes de aprovação pelo Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana (IHRU), sendo que mais para o fim deste processo haverá cerimónias de assinatura que contarão com a presença do primeiro-ministro, Luís Montenegro.

"Estamos a concretizar" o programa para a habitação aprovado pelo Governo, afirma ao PÚBLICO o ministro das Infra-Estruturas e Habitação, Miguel Pinto Luz. O ministro frisa que esta "foi a solução encontrada" pelo executivo e "acordada com os municípios e com Bruxelas". O objectivo é que se construam os 13.000 fogos, que faltava lançar, do programa de construção e reabilitação de habitação acessível, previsto no Plano de Recuperação e Resiliência (PPR).

"O risco era Portugal perder parte das verbas do PRR" para a habitação, explica Miguel Pinto Luz, já que as habitações têm de estar finalizadas até Junho de 2026. No total, o PRR prevê um investimento de 1,8 mil milhões de euros em habitação. Com este termo de responsabilidade assinado, "as câmaras podem concretizar, lançar os concursos", enquanto a fiscalização dos projectos vai sendo feita, em simultâneo, pelo IHRU.

Miguel Pinto Luz sublinha que não há qualquer responsabilidade a apontar ao IHRU peloatraso nos processos. O que se passou, explica, é que "a quantidade de candidaturas foi tão grande que o IHRU não tinha meios para dar resposta". E concluiu: "O número de candidaturas dos municípios é demonstrativo da falta de habitação em Portugal."

Recorde-se que a presidente da Associação Nacional de Municípios Portugueses (ANMP) e presidente da Câmara de Matosinhos, Luísa Salgueiro, começou por rejeitar esta solução, em entrevista ao PÚBLICO e à Rádio Renascença, a 16 de Maio. Mas, a 5 de Junho, o conselho directivo da ANMP aprovou a medida e aceitou assinar os termos de responsabilidade.

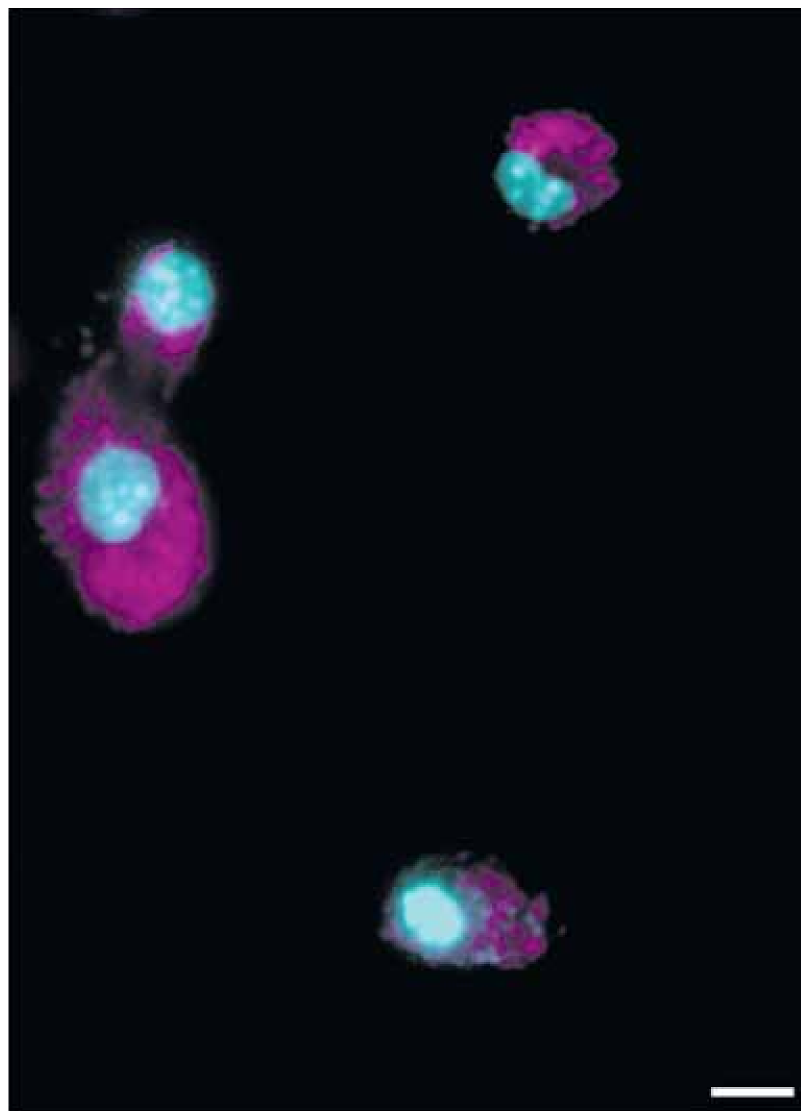
A solução agora encontrada, para permitir que sejam aplicadas todas as verbas do PRR para a habitação, faz parte do programa Construir Portugal, aprovado em Conselho de Ministros, de 27 de Maio. E o decreto que cria estes termos de responsabilidade foi publicado, em Diário da República, na passada sexta-feira.

No mesmo Conselho de Ministros foram aprovadas outras medidas para a habitação, já em execução. Entre elas estão as revogações do arrendamento forçado aplicado a habitações devolutas e da Contribuição Extraordinária sobre o Alojamento Local. Mas também alterações ao programa de apoio extraordinário à renda e regras do IRS, acabando com obstáculos fiscais à mobilidade geográfica por motivos laborais. E ainda a criação de um regime legal semiautomático de aproveitamento de imóveis públicos devolutos ou subutilizados.

Especificamente para os jovens, o programa Construir Portugal inclui a garantia pública aos jovens para viabilizar o financiamento bancário, a isenção do Imposto Municipal sobre as Transmissões Onerosas de Imóveis e do Imposto do Selo na compra da primeira casa para jovens até aos 35 anos, a reformulação do programa Porta 65 e um programa de emergência para o alojamento estudantil.

Cientistas portugueses descobrem nova terapia para a sepsia

A administração intravenosa da proteína CD5L mostrou-se eficaz para tratar a sepsia em ratinhos. "Que cura ratinhos, lá isso cura", diz investigador da equipa





Filipa Almeida Mendes

CD5L: é este o nome da proteína que circula abundantemente no nosso sangue e que poderá revolucionar o tratamento da sepsia em humanos, segundo uma investigação recente liderada por cientistas portugueses.

O estudo que revela que a administração intravenosa da CD5L, uma proteína biológica circulatória e anti-inflamatória, é eficaz no tratamento da sepsia em ratinhos (e poderá vir a ser em humanos) foi liderado por Liliana Oliveira e Alexandre Carmo, cientistas do Instituto de Investigação e Inovação em Saúde (i3S) da Universidade do Porto, e publicado recentemente na revista científica *Nature Communications*.

A sepsia ou septicemia (do grego *sépsis*, putrefacção) – uma resposta extrema do sistema imunitário a uma infecção grave, que pode causar a falência dos órgãos e até a morte – é directamente responsável por quase 20% dos óbitos em todo o mundo, sendo a principal causa de morte em unidades de cuidados intensivos e a terceira em hospitais, de acordo com um comunicado do i3S.

A nota esclarece ainda que, "em vários tipos de infecções, e sobretudo em pessoas com a imunidade debilitada ou comprometida, o sistema imunitário pode reagir desproporcionadamente, de tal forma que a resposta inflamatória desencadeada torna-se incontrolável e provoca mais danos do que o agente infeccioso propriamente dito". "Sepsia é precisamente o termo mais generalizado para estas inflamações sistémicas severas e pode ser mortal depois de esgotadas todas as terapias antimicrobianas [antibióticos e antivirais, por exemplo]", acrescenta.

O i3S destaca que não existe, actualmente, "nenhuma terapia totalmente eficaz contra a sepsia", pelo que "é cada vez mais premente encontrar soluções". Foi precisamente isso que o grupo liderado por Alexandre Carmo e Liliana Oliveira tentou fazer, ao centrar a sua investigação na proteína CD5L, uma proteína-chave no controlo da homeostase (ou estabilidade) imunitária e da doença inflamatória, que é produzida pelo organismo.

Proteína abunda no sangue

"A CD5L é uma proteína muito abundante em circulação, portanto, no sangue. É endógena, ou seja, existe em toda a gente e existe em grandes quantidades", explica ao PÚBLICO Liliana Oliveira. A investigadora do i3S esclarece que, em circulação, esta proteína está normalmente "ligada a um tipo de anticorpo que se chama IgM e, por estar ligada a este anticorpo, ela fica inactiva – no fundo, ela está lá [no sangue] em grande quantidade, mas está biologicamente inerte".

Além disso, a CD5L é produzida pelos macrófagos, "um tipo de célula que está implicado na eliminação de partículas, bactérias ou 'lixo biológico'". "Estas células existem nos tecidos e no sangue. Portanto, onde existir este tipo de células, à partida, teremos também produção desta proteína", explica Liliana Oliveira, acrescentando, porém, que a comunidade científica tem observado que "a produção desta proteína [a CD5L] por esse tipo de células normalmente é feita como resposta a uma infecção ou a alguma patologia que a pessoa possa ter".

Para estudar esta proteína, os investigadores utilizaram ratinhos com sepsia de origem abdominal. "No fundo, induzimos uma infecção que vem do intestino dos ratinhos e que começa nessa zona abdominal e, dependendo da gravidade, pode espalhar-se para o resto do corpo", nota Liliana Oliveira.



I3S

O que a equipa observou, segundo a investigadora do i3S, foi que quando a proteína CD5L foi injectada nos ratinhos em forma de tratamento, os animais tratados sobreviveram em cerca de 75% dos casos comparando com os ratinhos não-tratados, em que a taxa de sobrevivência foi de 0%.

"Vimos que a proteína é capaz de conter esta infecção na zona abdominal. Nos ratinhos que não sobreviveram, a infecção não foi contida neste local tão eficientemente e isso desencadeou uma inflamação exagerada" – o que levou à morte dos animais –, afirma Liliana Oliveira. "No caso dos ratinhos tratados, a proteína foi dada de forma intravenosa e vimos que, mesmo deste modo, ela conseguiu aumentar o recrutamento dos neutrófilos – as células [um tipo de glóbulo branco] que, quando temos alguma infecção, são as primeiras a serem chamadas para esse local onde está a haver a infecção."

No fundo, a proteína CD5L actua no recrutamento dos neutrófilos, aumentando o número destas células no local da infecção. "Estas células, como estão lá em maior número e também estão mais activadas, são mais eficientes em gerir as bactérias e a controlar a infecção e, depois, não se desencadeia toda a síndrome inflamatória que advém dessa infecção", frisa a cientista. É isso que faz com que o animal sobreviva.

Liliana Oliveira refere ainda, em comunicado, que a equipa verificou que a CD5L "está bloqueada com a proteína IgM, o primeiro anticorpo a ser activado na resposta imunitária a uma infecção". "Acontece que, quando há uma inflamação, a CD5L consegue-se separar da IgM, embora a sua acção esteja limitada a 20% do seu potencial", explica. Foi por isso que a equipa decidiu produzir esta proteína e injectá-la no modelo animal com sepsia, com o objectivo de aumentar o número de neutrófilos.

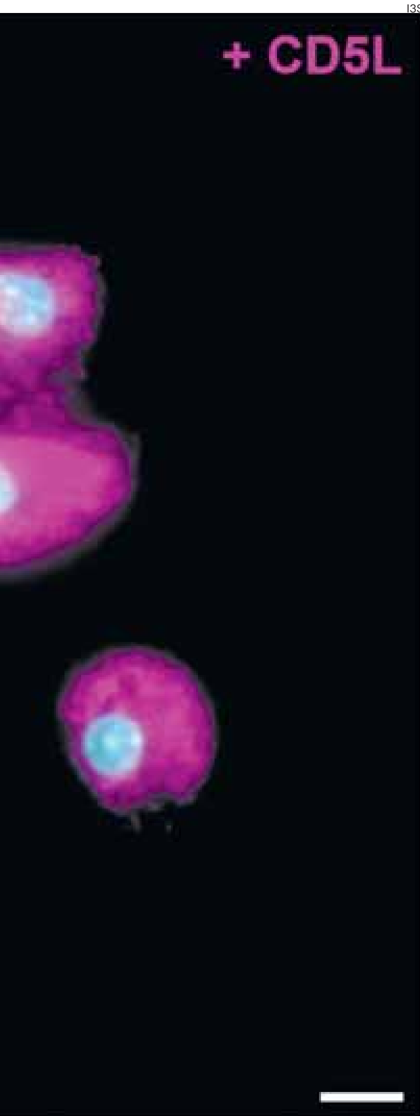
"Ao injectarmos esta proteína para regular o sistema imunitário, estamos a administrar uma grande concentração de CD5L que tem a sua actividade a 100%, porque não está ligada à IgM, logo, a sua acção é muito eficaz", conclui a investigadora.

"Esta proteína é mesmo muito eficaz", sublinha, em comunicado, Alexandre Carmo. "Não consigo dizer com certeza que vai curar humanos, mas que cura ratinhos, lá isso cura..."

Os próximos passos

Liliana Oliveira afirma ao PÚBLICO que "a sepsia já é conhecida há muito tempo e há muita investigação no campo, mas, na verdade, nunca foi descoberto nenhum tratamento"

I3S



Em cima, a "ingestão" de partículas bacterianas (a magenta) na presença da CD5L por células do sistema imunitário; ao lado, Alexandre Carmo e Liliana Oliveira

60

anos ou mais é a idade que os ratinhos vão mimetizar no próximo estudo dos investigadores do i3S sobre a sepsia

para esta infecção generalizada. O que está relacionado, entre outras coisas, "com o facto de os modelos animais que se usam não serem os melhores e os mais adaptados para depois transpor este conhecimento para os humanos".

Para garantir que os modelos animais utilizados são os mais apropriados e mimetizam o que acontece às pessoas numa situação hospitalar, o próximo passo da equipa será fazer o mesmo teste de tratamento, mas em dois contextos diferentes.

"Sabemos que a sepsia afecta muito e, sobretudo, pessoas mais idosas ou com outros problemas de saúde associados. Por isso, vamos fazer os mesmos estudos, mas usando ratinhos idosos — ou seja, ratinhos que vão mimetizar pessoas com cerca de 60 ou mais anos", explica a investigadora Liliana Oliveira.

Além disso, outro grupo de risco para a sepsia são as pessoas que têm problemas cardiovasculares relacionados com o excesso de peso ou obesidade, pelo que a equipa vai também utilizar um modelo de ratinhos obesos e com diabetes — patologias que os animais vão desenvolver em resposta a uma má alimentação.

Na próxima investigação da equipa, além dos dois modelos de ratinhos que serão usados, a parte da infecção também será diferente. "O modelo abdominal está estabelecido na literatura [científica] para a sepsia, mas ele representa apenas uma pequena parte dos casos de sepsia que se vêem na clínica. A sua maioria são infecções de origem pulmonar. Portanto, estes dois modelos de ratinhos agora vão ser infectados de uma maneira que representa melhor a infecção pulmonar", afirma a investigadora do i3S.

Neste estudo, os cientistas observaram que, embora a proteína fosse injectada intravenosamente e a infecção fosse abdominal, havia uma espécie de "migração" da CD5L do sangue para o local da infecção. Por isso, esperam que aconteça o mesmo com a infecção de origem pulmonar.

O pedido de patente já está em curso. De acordo com Liliana Oliveira, assim que a equipa obteve os primeiros resultados, "muito promissores", mesmo antes da publicação do estudo na revista *Nature Communications*, foi submetido um pedido de patente a nível nacional. Agora, os investigadores estão também a submeter um pedido de patente internacional, para a Europa e os Estados Unidos.

O grande objectivo da equipa é "levar isto até uma fase clínica" — ou seja, eventualmente desenvolver um tratamento que possa ser testado em humanos. Mas, até lá, há um passo intermédio "muito importante" que são os ensaios pré-clínicos, "em que se faz uma série de testes regulamentados pela Agência Europeia do Medicamento" — como os testes de toxicidade e biodistribuição (modo como afecta os outros órgãos) num outro modelo de mamífero como, por exemplo, a ratazana —, explica Liliana Oliveira.

Essa próxima fase, segundo a investigadora, "implica recursos bastante avultados", pelo que a equipa terá de procurar financiamento substancial a nível internacional — como, por exemplo, da União Europeia ou outro tipo de financiamento — ou encontrar um parceiro industrial que queira explorar esta descoberta.

Até porque, diz a investigadora Liliana Oliveira, "o objectivo é sempre investigar de maneira a conseguir aplicar as descobertas à clínica e às pessoas".

Mieloma múltiplo: um desafio para o Serviço Nacional de Saúde

Opinião



Manuel Cunha

O mieloma múltiplo é uma doença hematológica maligna, pouco conhecida do público, mas que causa muito sofrimento a quem dela padece, e que diminui a esperança de vida da maioria dos doentes. Muitos chamam-lhe "cancro dos ossos" porque o atingimento destes é frequente, associando-se a dores de difícil controlo e a fraturas patológicas, muitas vezes incapacitantes. Noutros casos atinge os rins, causando insuficiência renal, às vezes com necessidade de diálise.

Quase sempre, os doentes queixam-se de cansaço, por vezes extremo, em grande parte relacionado com a anemia. Há, no entanto, um pequeno grupo de doentes, diagnosticado em análises de rotina, que não precisa de tratamento, pelo menos imediato.

O mieloma múltiplo é, na grande maioria dos casos, incurável e associa-se, em geral, a dores ósseas, insuficiência renal e anemia, com um aumento da incidência de infeções, resultantes da própria doença ou da toxicidade dos tratamentos. Estas infeções implicam muitas vezes internamentos hospitalares, sendo por vezes fatais.

Infelizmente, há, em demasiados casos, atraso no diagnóstico, o que causa um sofrimento desnecessário e pode levar à lesão irreversível de órgãos, como os rins ou os ossos, e prejudicar a resposta aos tratamentos e a sobrevivência.

No acompanhamento destes doentes, o "cuidador", geralmente um familiar, tem um papel crucial, dada a debilidade do doente, a complexidade dos tratamentos e a multiplicação das idas ao hospital.

A incidência (número de novos casos por cada 100 mil habitantes em cada ano) tem vindo continuadamente a aumentar, em Portugal e no mundo, sendo atualmente referida como nove casos por 100 mil. Este aumento deve-se a um conjunto de fatores, do envelhecimento das populações ao aumento da capacidade de diagnosticar correctamente e a um inquestionável papel negativo de fatores ambientais - pesticidas, poluição e infeções.

Embora sejam escassos os dados estatísticos em Portugal, alguns dados preliminares do nosso Serviço de Hematologia da Unidade Local de Saúde de Trás-os-Montes e Alto Douro apontam para uma incidência que pode ultrapassar os dez novos casos por 100 mil habitantes, por ano. Tal implicaria cerca de 1000 novos casos por ano em Portugal, o dobro do que é habitualmente identificado. A maioria destes doentes necessita de tratamento logo na altura do diagnóstico.

Os mesmos dados do nosso Serviço de Hematologia projetariam um número de doentes em acompanhamento, em Portugal, que deveria estar mais próximo dos dez mil, em vez dos 4000 a 5000 habitualmente referidos.

O aumento da prevalência traduz o aumento de novos casos e, principalmente, o aumento da sobrevivência, relacionado com os avanços terapêuticos dos últimos 30 anos: novos grupos de fármacos, novos fármacos de cada grupo, associação de fármacos, consolidação com autotransplante de medula óssea, estratégias de manutenção e melhoria dos cuidados gerais de apoio.

Tudo isto permitiu mais do que duplicar a mediana de sobrevida (seis a oito anos), com um número crescente de sobreviventes de longo prazo, mais de dez anos, alguns deles funcionalmente curados.

A este sucesso crescente associa-se um aumento de custos em recursos humanos e financeiros. O custo total por cada doente, em especial os que sobrevivem mais tempo, pode ultrapassa em muito os 100 mil euros, sendo o mieloma múltiplo responsável por uma despesa anual próxima de 100 milhões de euros em Portugal, despesa essa que ainda está a crescer. Tal despesa engloba os custos de fármacos específicos, o autotransplante de medula óssea nos doentes elegíveis, todos os internamentos hospitalares implicados, todos os meios complementares de diagnóstico e a comparticipação dos fármacos de apoio que os doentes compram.

O mieloma múltiplo é uma preocupação de saúde pública, pelo crescente número de doentes, pelo sofrimento causado, pelos recursos humanos envolvidos no tratamento e por uma despesa preocupante e que continua a aumentar.

É necessário ouvir os profissionais de saúde, a Sociedade Portuguesa de Hematologia e o seu Grupo Português de Mieloma Múltiplo, e ouvir as associações de doentes com patologias hemato-oncológicas. Desse diálogo nasceriam estratégias a diversos níveis.

No diagnóstico

• Ao nível dos cuidados primários, sensibilizando os médicos para o mieloma múltiplo e criando canais de articulação com os serviços de hematologia.

• Ao nível dos laboratórios de análises, formando os profissionais para a identificação e alerta de casos potenciais (temos uma experiência muito positiva na nossa unidade local de saúde).

• Ao nível dos serviços de urgência, formando os médicos, em especial nas triagens, e nos serviços de ortopedia, nefrologia e medicina interna.

Assim conseguiremos diagnósticos mais precoces, com menos sofrimento, maior sucesso terapêutico e menos gastos.

No tratamento

• Criar no Serviço Nacional de Saúde (SNS) orientações para o tratamento do mieloma múltiplo, permitindo mais acerto e igualdade de cuidados, numa doença de grande complexidade terapêutica.

• Ultrapassar dificuldades no tratamento global dos doentes, através de equipas multidisciplinares, que envolvam também psicólogos, nutricionistas, rádio-oncologistas e unidades de cuidados paliativos, por exemplo. Uma pequena percentagem da despesa global com o mieloma múltiplo aplicada em equipas multidisciplinares seria muito mais útil aos doentes do que algum "encarniçamento" terapêutico nas fases terminais da doença. A maioria dos doentes beneficiaria mais se nós soubéssemos resistir a introduzir a última linha de tratamento específico — com baixíssima probabilidade de sucesso e alta incidência de toxicidade — e apostássemos mais nos cuidados paliativos e de apoio.

• Permitir ao SNS negociar melhores condições com a indústria farmacêutica, para manter o acesso à inovação com custos controlados.

• Apoiar uma rede de "cuidadores" e de doentes, dando-lhe formação, apoio logístico e, em casos selecionados, apoio económico. Este apoio poderia ser articulado com associações de doentes.

Estes são os desafios que todos temos pela frente numa doença tão complexa e tão difícil. Para isso, cá estamos todos.

Director do Serviço de Hematologia da Unidade Local de Saúde de Trás-os-Montes e Alto Douro

LAURA GILLI



A capacitação para lidar com um meio predominantemente masculino é um dos objectivos

Mulheres *rappers* procuram-se: o She Raps está aqui para isso

Capicua, Muleca XIII e Maze são alguns dos mentores do projecto que este ano se estreia em Portugal para ajudar a vingar e a rimar no feminino. As inscrições, gratuitas, encerram amanhã

Joana Amaral Cardoso

É preciso fazerum longo *swipe* para a esquerda até ao fim da lista para encontrar uma *rapper* entre os artistas de hip hop mais ouvidos no Spotify. Megan Thee Stallion lá está, antepenúltima no *ranking* desta que é uma das plataformas mais populares de *streaming* musical. Os números são necessários para salientar certas evidências: só há lugar para 3% de mulheres *rappers* nas tabelas de vendas europeias, aponta o projecto She Raps, que convida agora dez candidatas a entrar na sua incubadora para rimar mais e rimar melhor. A ideia é lutar "contra a sub-representação das minorias na cultura, na música, e especificamente de mulheres e pessoas que se identifiquem como mulheres", explica ao PÚBLICO Mariana Duarte Silva, a representante deste programa que pela primeira vez chega a Portugal.

O projecto de incentivo à profissionalização de mulheres *rappers* She Raps nasceu em França em 2021 como uma ramificação da incubadora Rappeuses en Liberté, sediada em Paris. Desde então já contribuiu para a formação de 30 mulheres r*appers*, lançando algumas em direcção a uma carreira real, possível e consolidada no meio.

As candidaturas à edição 2024 do She Raps estão abertas a maiores de 18 anos vindas de Portugal, da Bélgica, de França, da Croácia e da região dos Balcãs até às 23h59 de amanhã; serão seleccionadas dez candidatas portuguesas, jovens ou adultas, emergentes ou não, que depois terão acesso a vários tipos de formação e a sessões de gravação. Às três finalistas estão reservadas diversas actuações, nomeadamente no festival de hip hop mais importante da Europa, o Les Ardentes, em Liège, na Bélgica. É a primeira vez que o She Raps sai de França e abrange estes novos países.

Uma das formadoras envolvidas é Muleca XIII, ou Samantha Almeida, empenhada tanto no seu *fastflow* quanto no aumento da representatividade feminina no rap. Vêem-se instrumentos musicais ao fundo da janela do Zoom onde conversa com o PÚBLICO, a par de Mariana Duarte Silva, cuja Skoola, academia de música urbana nascida nos contentores do Village Underground, em Lisboa, é a parceira portuguesa do She Raps. Samantha Almeida é entusiástica: "Uma coisa eu garanto: eu vou-te dar a oportunidade de fazer um rap em pouco tempo, você vai entrar e vai sair com um rap", diz a carioca de 37 anos.

Juntamente com Muleca III no lote de formadores estão Capicua, Sam the Kid, Blaya, Rafaela Ribas, Bruno

> O ambiente [no hip hop] pode ser um pouco hostil em alguns momentos. Em eventos em que só há meninos há uma pressão maior
>
> **Muleca XIII**
> *Rapper*

Mushug ou Matilde Campilho, entre outros, cabendo a direcção artística a Maze, um "aliado" que Mariana Duarte Silva elogia particularmente pela "capacidade de ensinar e passar conhecimento". O ex-Dealema trabalha desde o início com a Skoola e "os miúdos adoram aprender" com ele. "Este grupo de mulheres também vai ver nele algo muito inspirador, não só por ser um mestre da palavra da escrita, da rima, mas porque tem um poder agregador e de liderança."

E liderança, além do passa-palavra para a comunidade, é o que se quer com o She Raps. O processo de inscrição em si é já um momento formador, de organização de imagens de perfil, de construção de portefólio; concluída a incubação, espalhar a mensagem a outras aspirantes ou *rappers* de tempos livres é um desejado efeito secundário. Pelo meio, há um júri português – Mariana Duarte Silva matuta se não lhes deveriam ter chamado "mentores" para afastar a ideia de juízo ou de concurso de talentos – composto por Dama Bete, Chong Kwong, Telma Tvon, Nuno Varela (Chelas é o Sítio, Hip Hop Sou Eu e Liga Knock Out) e D-Mars, aka Rocky Marsiano.

"Uma pressão maior"

"Das 68 faixas deste género musical nas tabelas do Spotify em França, Portugal, Croácia e Bélgica – os países envolvidos neste programa-piloto – apenas duas faixas são interpretadas por mulheres", frisa o She Raps num comunicado. É só mais um número para ilustrar as evidências de um problema sistémico e transversal, que naturalmente afecta também o meio cultural, e que aqui se tenta combater no rap e no hip hop. Mariana Duarte Silva, fundadora do espaço e plataforma cultural Village Underground Lisboa, dá um exemplo muito concreto: "Eu faço '*old school*', telefono às pessoas que me indicam como potenciais candidatas ao She Raps e muitas delas são mães solteiras, há a impossibilidade de não terem onde deixar o filho e de terem de trabalhar das 9h às 17h". O seu papel é tentar ajudá-las a criar condições para poderem aceder ao programa.



Muleca XIII, quase a cumprir 20 anos de carreira (o que a espanta jovialmente), não quer falar da falta de mulheres no meio. Quer falar da presença, que, "quando há, é realmente fundamental". Uma *rapper* encontrar outra *rapper* ou outra mulher nuns bastidores, num círculo, é "tipo uma terapia de rua", explica. É que "o ambiente pode ser um pouco hostil em alguns momentos" – é mais difícil "ter coragem de ir lá na frente de todo o mundo e fazer sua rima, que foi você que escreveu". Já lhe "aconteceu estar em eventos em que é só meninos, e é uma pressão maior".

A *rapper* enumera o que poderá transmitir da sua experiência às seleccionadas para o She Raps. Vai falar-lhes do "desbloqueio criativo, de como organizar os pensamentos, o *brainstorm* e as rimas, até chegar ao improviso – e também a questão da projecção da voz, da inspiração, a criação de melodias..." Mas não é tudo: "Eu também sou mais dessa parte da abertura de mentes, de dar acolhimento, de falar sobre preparação para subir no palco, para encarar um público, para não se desconcentrar no caos. Isso pode ser ensinado."

A formação abrangerá outros aspectos, tais como, por exemplo, a linguagem técnica num espectáculo, contexto em que a equipa "é sempre predominantemente masculina", explica a responsável pela Skoola. Serão ainda abordadas questões de saúde mental e de identidade artística; a introdução fica a cargo da investigadora Carla Menitra, da Universidade de Lisboa, que fará um retrato da sub-representatividade de género no hip hop português.

Depois de uma semana de aprendizagem em Julho e de outra em Setembro, as participantes actuarão para os formadores e depois para o público, respectivamente. Daí sairão as três finalistas. "É muito mais do que um programa de formação, é mesmo uma história que pode ser crucial para a vida de algumas delas, pelo *networking*, pelo viajar, por tudo", sublinha Mariana Duarte Silva.
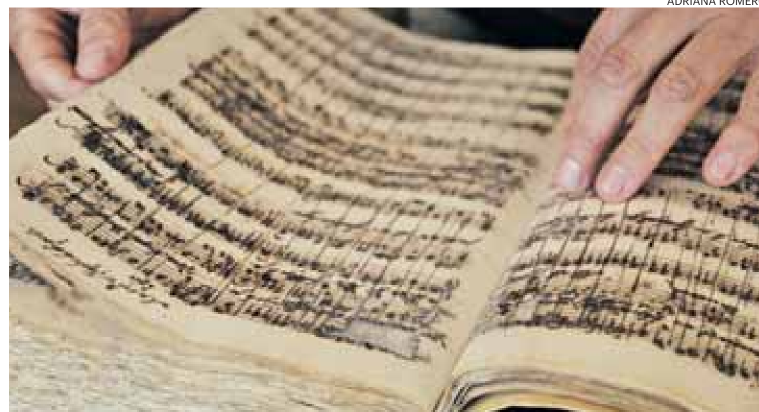
Em 2025, as finalistas de cada país vão gravar em conjunto. Farão uma digressão pela Europa que passa pelo Les Ardentes e, revela ainda Mariana Duarte Silva, participarão num festival em Paris e noutro em Lisboa, ainda a anunciar. "Para as mulheres, o buraco é mais em baixo", ilustra Samantha Almeida, numa imagem perfeita da dificuldade que é ascender em qualquer meio profissional, ou mesmo conquistar um lugar de fala, para alguém que se identifica no feminino. "É um pouquinho mais complicado para a mulher simplesmente pensar em seguir um sonho."

O projecto She Raps tem o apoio do programa Europa Criativa da União Europeia e as inscrições são gratuitas.

"Mande-me um vilancico": as trocas ibéricas na música de culto dos séculos XVI e XVII

Daniel Dias

Concerto na Capela de São Miguel, em Coimbra, marca a apresentação pública do projecto de investigação Bridging Musical Heritage



ADRIANA ROMERO

Um dos muitos manuscritos musicais da Universidade de Coimbra

Músicos de cinco grupos ibéricos (ou com ligações ao território peninsular) que se dedicam à interpretação da música antiga – O Bando de Surunyo, Capella Sanctae Crucis, Los Afectos Diversos, La Danserye e Ensemble Portingaloise – iniciam hoje uma residência aberta na Capela de São Miguel, da Universidade de Coimbra. Ali prepararão um concerto de entrada gratuita a apresentar no sábado, pelas 18h, no mesmo espaço. Será a última apresentação pública, e a única em solo nacional, do projecto Bridging Musical Heritage, que se iniciou em 2022 com o objectivo de dar a conhecer, sobretudo em Espanha mas também em França, a música de louvor produzida em Coimbra e Portugal nos séculos XVI e XVII.

Parceria entre a Universidade de Coimbra, a Universidade de Valladolid, dois dos grupos – o Bando de Surunyo, dirigido por Hugo Sanches, e o Capella Sanctae Crucis, que trabalha a partir de França, mas é liderado por outro português, Tiago Simas Freire – e a Artway, empresa dedicada à gestão artística e à edição discográfica na área da música erudita, o projecto de dois anos, financiado pelo programa Europa Criativa e pela Direcção-Geral das Artes, termina em Setembro. Na semana passada, recebeu o prémio de melhor projecto de cooperação continental da rede REMA – Early Music in Europe.

Por trás dele está o grupo de investigação da Universidade de Coimbra Mundos e Fundos, que nasceu há 12 anos e tem vindo a estudar o contexto e a natureza da música feita em Portugal, e particularmente em Coimbra, nos séculos XVI e XVII. Este património, diz ao PÚBLICO Paulo Estudante, professor na Universidade de Coimbra e coordenador do Mundos e Fundos e deste seu rebento, tem vários pontos em comum com aquele que na mesma altura foi produzido em Espanha. "Fazíamos mais ou menos a mesma música com os mesmos músicos. As composições eram iguais, ou então eram os mesmos textos com música diferente", conta, acrescentando que existem "registos históricos" dessa proximidade.

"O mestre de capela mandava para Espanha uma carta em que perguntava a outro, que tinha sido seu professor: 'Não me pode mandar uns vilancicos? Está a chegar o Natal, a igreja encomendou um vilancico novo para as celebrações e eu estive doente... Mande-me um rascunho, que eu componho o resto'", exemplifica. Este género musical com versos por vezes dialogados e personagens caricaturais, características do teatro vicentino, foi imensamente popular na Península Ibérica e era uma peça fulcral das festas religiosas (apesar de as palavras de louvor serem cantadas em castelhano e não em latim, factor que contribuiu para a sua aclamação popular).

Foi com a "consciência destas pontes" entre Portugal e Espanha que o Mundos e Fundos submeteu ao programa Europa Criativa a candidatura do Bridging Musical Heritage, que se traduziu, por exemplo, na realização e na gravação de vários concertos em solo espanhol. Paulo Estudante conta que a equipa também fez diferentes conferências sobre este repertório e conseguiu desenvolver um "projecto pedagógico" de um mês em Lyon. "Procurámos que esta música, maioritariamente portuguesa, fosse interpretada por colegas espanhóis – e franceses, no caso das actividades realizadas em Lyon. Todos a partilhar este repertório, tal como naquela altura", afirma.

Tal como no seu tempo, procura-se que este repertório seja hoje partilhado entre portugueses e espanhóis

No âmbito do Bridging Musical Heritage, os investigadores debruçaram-se apenas sobre (parcelas de) 16 dos muitos manuscritos musicais impressos que se encontram conservados na biblioteca da Universidade de Coimbra. "São livros com mais de 2500 páginas de música. Devemos ter visto 250. Contas de merceeiro." Determinados vilancicos datados de cerca de 1650 ilustram as tensões entre Portugal e Castela naqueles anos da guerra da Restauração da Independência. "Existe num deles uma discussão entre um português e um espanhol. O português pergunta-lhe: 'Quanto pesas?' O espanhol responde e o português diz: 'Só não te mato aqui porque depois és difícil de carregar.'" Paulo Estudante conta que o repertório "reflecte as preocupações e o ambiente social da época".

O coordenador reforça que o grande objectivo foi "criar pontes". "Trouxemos connosco algum material espanhol e partilhámos o português. Fizemos os nossos parceiros lá fora envolverem-se com o nosso património, o que me parece ser uma das melhores formas de o proteger e valorizar." A equipa está neste momento a trabalhar na edição de um CD-livro, e tem outras actividades em curso, como o "restauro de manuscritos em mau estado". No *site* estão também disponíveis algumas partituras: aparece quer a "gatafunhada" original, quer, ao lado, a "edição crítica" feita pelos investigadores. "Temos sempre de fazer uma intervenção editorial na música: às vezes faltam notas, ou não é claro se é para instrumentos ou para vozes. Somos transparentes, dizemos o que alteramos."

Além do concerto, haverá outras actividades públicas. Na quinta-feira, o grupo La Danserye dinamiza uma oficina de instrumentos de sopro antigos no Conservatório de Música. E no dia seguinte, num momento "mais *nerd*", decorrem no Colégio de São Jerónimo as Jornadas Mundos e Fundos/Bridging Musical Heritage.

CLASSIFICADOS

Edif. Diogo Cão, Doca de Alcântara Norte, 1350-352 Lisboa
pequenosa@publico.pt
Tel. 21 011 10 10/20 Fax 21 011 10 30
De seg a sex das 09H às 19H
Sábado 11H às 17H

universidade de aveiro
theoria poiesis praxis

Aviso (M/F)

(CARGOS DE DIRECÇÃO INTERMÉDIA DE 3.º GRAU)

CND-CCS-50-SGRH/2024 – I – Nos termos da alínea c) do n.º 3 do artigo 23.º dos Estatutos da Universidade de Aveiro, na versão homologada pelo Despacho Normativo n.º 1-C/2017, publicado na 2.ª Série do *Diário da República*, de 24 de abril, e do Regulamento dos Dirigentes da Universidade de Aveiro, publicado na 2.ª Série do *Diário da República* n.º 223, de 17 de novembro de 2010, torna-se público que, por despacho de 12/04/2024 do Reitor da Universidade de Aveiro, é aberto procedimento para contratação em regime de comissão de serviço, nos termos do Código de Trabalho, de **três Coordenadores** (cargo de direção intermédia de 3º grau) para os Serviços de Gestão de Recursos Financeiros: **um** para vertente de atuação de (i) **"Núcleo de Contabilidade e Património"** (Refª A), outro (Refª B) para a vertente de atuação de (ii) **"Núcleo de Programas e Projetos"** e outro (Refª C) para a vertente de atuação de (iii) **"Núcleo de Planeamento e Prestação de Contas"**.

Aos Serviços de Gestão de Recursos Financeiros compete implementar e assegurar a política de gestão de recursos financeiros, garantindo o cumprimento de todos os normativos legais e procedimentais aplicáveis, em conformidade com os princípios de responsabilização e prestação de contas.

II – Área de atuação dos cargos a contratar – Exercício das funções definidas na alínea c) do artigo 8.º do Regulamento dos Dirigentes da Universidade de Aveiro, conjugadas com o disposto no Regulamento Orgânico dos Serviços da Universidade de Aveiro, publicado na 2.ª Série do *Diário da República* n.º 82, de 29 de abril de 2019, alterado pelo Despacho n.º 510/2022, publicado na 2.ª Série do *Diário da República* n.º 9, de 13 de janeiro de 2022, no domínio das vertentes de atuação de (i) "Núcleo de Contabilidade e Património", (ii) "Núcleo de Programas e Projetos" e (iii) "Núcleo de Planeamento e Prestação de Contas.

III – Requisitos de admissão – Nos termos dos artigos 15.º e 16.º do supracitado Regulamento dos Dirigentes da Universidade de Aveiro em conjugação e por remissão para o artigo 21.º do Regulamento de Carreiras, Retribuições e Contratação do Pessoal Técnico, Administrativo e de Gestão em regime de contrato de trabalho da Universidade de Aveiro, publicado na 2.ª Série do *Diário da República* n.º 173, de 4 de setembro de 2020, alterado pelo Despacho n.º 8321/2023, publicado na 2.ª Série do *Diário da República* n.º 158, de 16 de agosto de 2023, são requisitos de admissão a detenção de competência técnica e aptidão para o exercício de funções coordenação e controlo de serviços, e a reunião, cumulativa, dos seguintes requisitos:

- Possuir licenciatura adequada, preferencialmente na área de **Contabilidade**;
- Possuir no mínimo dois anos de experiência profissional em funções para cujo exercício ou provimento seja exigível uma licenciatura.

Caso a habilitação académica tenha sido obtida no estrangeiro, exige-se reconhecimento, equivalência ou registo do grau nos termos da legislação aplicável.

IV – Perfil pretendido

Experiência profissional e competência técnica relevante, bem como aptidão para coordenação e controlo das atividades inerentes à área financeira, designadamente no âmbito do ensino superior, nomeadamente para:

i) **Na vertente de "Núcleo de Contabilidade e Património" (Ref. A):**
   a) Coordenação do pessoal técnico, administrativo de gestão, sob a orientação do chefe de divisão, de forma a assegurar o cumprimento das obrigações fiscais e declarativas; e a aplicação das instruções tutelares, normas legais, diretivas dos órgãos de gestão da Universidade, e princípios contabilísticos de acordo com o Sistema de Normalização Contabilística para as Administrações Públicas, no tratamento de todos os documentos contabilísticos;
   b) Acompanhamento do processo de fecho e prestação de contas, nomeadamente, da elaboração das Demostrações Financeiras da Universidade e da consolidação do Grupo;
   c) Elaboração de estudos, relatórios e informações relativas ao serviço, ao nível da contabilidade, património e tesouraria; d) Apoio técnico na avaliação de desempenho dos trabalhadores;
   e) Apoio especializado na definição e implementação de novos procedimentos e processos.

ii) **Na vertente de "Núcleo de Programas e Projetos" (Ref. B):**
   a) Coordenação do pessoal técnico, administrativo de gestão, sob a orientação do chefe de divisão, de forma a assegurar a divulgação da informação relativa a financiamentos e regras subjacentes nas áreas atinentes, bem como a aferição da conformidade do processo de candidatura com o aprovado, de programas de financiamento nacionais, comunitários e internacionais de programas e projetos;
   b) Acompanhamento, monitorização, controlo e prestação de contas da execução financeira dos Programas e Projetos;
   c) Realização de estudos técnico/contabilísticos no âmbito dos programas e projetos em execução;
   d) Apoio técnico na avaliação de desempenho dos trabalhadores;
   e) Apoio especializado na definição e implementação de novos procedimentos e processos.

iii) **Na vertente de "Núcleo de Planeamento e Prestação de Contas" (Ref. C):**
   a) Coordenação do pessoal técnico, administrativo de gestão, sob a orientação do chefe de divisão, de forma a assegurar o cumprimento da prestação de contas às diversas entidades; e a aplicação das instruções tutelares, normas legais, diretivas dos órgãos de gestão da Universidade, e princípios contabilísticos de acordo com o Sistema de Normalização Contabilística para as Administrações Públicas, no tratamento de todos os documentos contabilísticos;
   b) Cooperação na elaboração da proposta do Orçamento de Estado; e acompanhamento da execução orçamental das Unidades Orgânicas, prestando toda a colaboração na correta execução orçamental;
   c) Elaboração de estudos, relatórios e informações relativas ao serviço, ao nível do planeamento e prestação de contas;
   d) Apoio técnico na avaliação de desempenho dos trabalhadores;
   e) Apoio especializado na definição e implementação de novos procedimentos e processos.

V – Métodos de seleção – Serão utilizados os seguintes métodos de seleção:

a) Avaliação curricular – Serão avaliadas as habilitações académicas, formação e experiência profissional do candidato, relevantes para o exercício de cargo de direção intermédia de 3º grau.
b) Entrevista de avaliação de competências e perfil – Tem como objetivo obter, através de uma relação interpessoal, informações sobre comportamentos profissionais diretamente relacionados com as competências consideradas essenciais para o exercício do cargo.

V.1 – Os critérios de apreciação e ponderação da avaliação curricular e da entrevista de avaliação de competências e perfil, bem como o sistema de classificação final, incluindo a respetiva fórmula classificativa, constarão de ata de reunião do Júri.

VI – Local de trabalho – Serviços de Gestão de Recursos Financeiros da Universidade de Aveiro.

VII – Retribuição – A correspondente ao cargo de direção intermédia de 3.º grau, em conformidade com o disposto no artigo 24.º do Regulamento dos Dirigentes da Universidade de Aveiro.

VIII – Composição do Júri

Presidente: Professor Doutor Artur Manuel Soares da Silva, Professor Catedrático e Vice-Reitor da Universidade de Aveiro.

Vogais efetivos: Mestre Mónica Sofia Ferreira Tavares, Chefe de Divisão da Área de Contabilidade e Património e Dr.ª Cidalina Martins da Costa, Chefe de Divisão da Área de Recursos Financeiros, ambas dos Serviços de Gestão de Recursos Financeiros da Universidade de Aveiro.

Vogais suplentes: Dr. Mário Luís Dias Forte Pelaio, Administrador e Dr.ª Cátia Cristina Gante da Costa Pôncio, Chefe de Divisão da Área de Vínculos e Condições do Trabalho dos Serviços de Gestão de Recursos Humanos, ambos da Universidade de Aveiro.

IX – Apresentação de candidaturas

A candidatura será formalizada no portal JobsUA, até ao dia **vinte e cinco de junho de dois mil e vinte e quatro**, devendo ser submetida a seguinte documentação:

- *Curriculum Vitae*, com indicação do nome e endereço de correio eletrónico para o qual será notificado no âmbito deste procedimento concursal;
- Cópia do(s) certificado(s) de habilitações académicas e profissionais;
- Documento(s) comprovativo(s) de experiência profissional (certificados de trabalho, declarações de entidades patronais anteriores, contratos de trabalho, etc.);
- Outros documentos que entendam ser relevantes para apreciação do mérito, bem como de outros requisitos de admissão que possam ser exigidos no ponto III do anúncio.

IX.1 – A não apresentação dentro do prazo determinado, de requerimento contendo menção explícita ao presente anúncio e respetiva(s) referência(s), *curriculum vitæ* detalhado e documentos que comprovem a observância dos requisitos de admissibilidade estabelecidos no ponto III *supra*, implica a exclusão do processo de seleção.

X – Conforme exarado no Despacho Conjunto n.º 373/2000, de 1 de março, do Ministro-Adjunto, do Ministro da Reforma do Estado e da Administração Pública e da Ministra da Igualdade, faz-se constar a seguinte menção:

"Em cumprimento da alínea h) do artigo 9.º da Constituição, a Administração Pública, enquanto entidade empregadora, promove ativamente uma política de igualdade de oportunidades entre homens e mulheres no acesso ao emprego e na progressão profissional, providenciando escrupulosamente no sentido de evitar toda e qualquer forma de discriminação".

Aveiro, em 12 de abril de 2024
O Reitor, Prof. Doutor *Paulo Jorge dos Santos Gonçalves Ferreira*

UNIDADE LOCAL DE SAÚDE
AMADORA / SINTRA

ANÚNCIO
REF.ª 20/TS/2024

TÉCNICOS/AS SUPERIORES

UNIDADE DE PROJETOS, SERVIÇO DE SISTEMAS DE INFORMAÇÃO

Torna-se público que se encontra aberto, por um período de 10 dias úteis a contar da data da publicação do presente aviso, o processo de recrutamento para Técnicos/as Superiores para a Unidade de Projetos, Serviço de Sistemas de Informação, para preenchimento de vagas em regime de contrato de trabalho (nos termos da Lei n.º 7/2009, de 12 de fevereiro, que aprova o Código do Trabalho, bem como dos instrumentos de contratação coletiva, designadamente os acordos de empresa estabelecidos entre a Unidade Local de Saúde de Amadora/Sintra, E.P.E. e os sindicatos representantes dos respetivos grupos de pessoal, publicados no *Boletim do Trabalho e Emprego*, n.º 9, de 8 de março de 2024 e a respetiva revisão global publicada no *Boletim do Trabalho e Emprego*, n.º 15, de 22 de abril de 2024) e constituição de bolsa de recrutamento para vagas que venham a ocorrer.

Os requisitos, gerais e específicos, respetiva grelha com critérios e ponderações de avaliação, composição da Comissão de Avaliação e outras informações de interesse para apresentação de candidatura, encontram-se disponíveis em versão integral no anúncio de recrutamento disponível na página eletrónica da ULS Amadora/Sintra, EPE, em https://hff.min-saude.pt/hospital/recrutamento.

Amadora, 11 de junho de 2024

UNIDADE LOCAL DE SAÚDE
AMADORA / SINTRA

ANÚNCIO
Ref.ª 28/TAS/2024

TÉCNICOS/AS AUXILIARES DE SAÚDE

Torna-se público que se encontra aberto, por um período de 5 dias úteis a contar da data da publicação do presente aviso, o processo de recrutamento para Técnicos/as Auxiliares de Saúde, para preenchimento de vagas em regime de contrato individual de trabalho e constituição de bolsa de recrutamento.

Os requisitos, gerais e específicos, respetiva grelha com critérios e ponderações de avaliação, composição da Comissão de Avaliação e outras informações de interesse para apresentação de candidatura, encontram-se disponíveis em versão integral no anúncio de recrutamento disponível na página eletrónica da Unidade Local de Saúde Amadora/Sintra, EPE., em https://hff.min-saude.pt/hospital/recrutamento.

Amadora, 11 de junho de 2024

---

alzheimer PORTUGAL

Fundada em 1988 pelo Professor Doutor Carlos Garcia, a Associação Portuguesa de Familiares e Amigos de Doentes de Alzheimer - Alzheimer Portugal é uma Instituição Particular de Solidariedade Social. É a única organização em Portugal, de âmbito nacional, constituída há mais de 30 anos especificamente para promover a qualidade de vida das pessoas com demência e dos seus familiares e cuidadores. Tem cerca de dez mil associados em todo o país.

Oferece Informação sobre a doença, Formação para cuidadores formais e informais, Apoio domiciliário, Apoio Social e Psicológico e Consultas Médicas da Especialidade.

Como membro da Alzheimer Europe, a Alzheimer Portugal participa ativamente no movimento mundial e europeu sobre as demências, procurando reunir e divulgar os conhecimentos mais recentes sobre a Doença de Alzheimer, promovendo o seu estudo, a investigação das suas causas, efeitos, profilaxia e tratamentos.

Contactos

Sede: Av. de Ceuta Norte, Lote 15, Piso 3, Quinta do Loureiro, 1300-125 Lisboa - Tel.: 21 361 04 60/8 - E-mail: geral@alzheimerportugal.org

Centro de Dia Prof. Dr. Carlos Garcia: Av. de Ceuta Norte, Lote 1, Loja 1 e 2 - Quinta do Loureiro, 1350-410 Lisboa - Tel.: 21 360 93 00

Lar, Centro de Dia e Apoio Domiciliário «Casa do Alecrim»: Rua Joaquim Miguel Serra Moura, n.º 256 - Alapraia, 2765-029 Estoril - Tel. 214 525 145 - E-mail: casadoalecrim@alzheimerportugal.org

Delegação Norte: Centro de Dia "Memória de Mim" - Rua do Farol Nascente n.º 47A R/C, 4455-301 Lavra - Tel. 229 260 912 | 226 066 863 - E-mail: geral.norte@alzheimerportugal.org

Delegação Centro: Urb. Casal Galego - Rua Raul Testa Fortunato n.º 17, 3100-523 Pombal - Tel. 236 219 469 - E-mail: geral.centro@alzheimerportugal.org

Delegação da Madeira: Avenida do Colégio Militar, Complexo Habitacional da Nazaré, Cave do Bloco 21 - Sala E, 9000-135 FUNCHAL - Tel. 291 772 021 - E-mail: geral.madeira@alzheimerportugal.org

Núcleo do Ribatejo: R. Dom Gonçalo da Silveira n.º 31-A, 2080-114 Almeirim - Tel. 24 300 00 87 - E-mail: geral.ribatejo@alzheimerportugal.org

Núcleo do Algarve da Alzheimer Portugal: Urbanização do Pimentão, lote 2, Cave, Gabinete 3, Três Bicos, 8500-776 Portimão - Telemóvel: 965 276 690 - E-mail: geral.algarve@alzheimerportugal.org



Djamila Ribeiro esta noite no Encontro de Leituras
A académica e escritora brasileira Djamila Ribeiro estará hoje, às 22h, no clube de leitura do PÚBLICO e da *Quatro Cinco Um* para conversar sobre *Cartas Para a Minha Avó* (Caminho). A sessão acontece no Zoom e é aberta a todos os interessados. A ID é a 821 5605 8496 e a senha de acesso 719623.

Sugestões

Um mergulho na World Wide Web que se segue


AHMET SERDAR ESER/GETTY IMAGES



O Poder da Web3 e dos Mundos Virtuais para as Empresas do Futuro
Coordenação: Sara Teixeira e Jorge Silva Martins (Actual; 272 págs, 21, 90€. Já nas livrarias)

Uma das vantagens de *O Poder da Web3 e dos Mundos Virtuais* é a sua versatilidade. Embora o título se direccione "para as empresas do futuro", este livro não só serve quem já trata por tu conceitos como *blockchain*, NTF, *smart contracts*, metaverso e descentralização das marcas ou das finanças, como também é um excelente guia para todos aqueles que nem sequer distinguem Web 1.0 e Web 2.0 e desconhecem o que marcará a Web 3.0 (ou Web3) e os caminhos possíveis para a convergência da Web 4.0, em que a distinção entre mundo físico e mundo digital "começa a desvanecer-se", uma fusão que forjará o "figital" .

Outra vantagem é que se trata de uma obra colectiva. Treze autores escrevem um capítulo cada um, com abordagens distintas, cada um fornecendo contexto, diagnóstico e perspectivas de futuro.

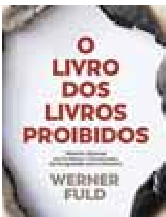
Pode-se ler tudo de fio a pavio, para um mergulho mais profundo na evolução digital e nos desafios que enfrentamos, ou pode-se simplesmente saltar para os capítulos que mais interesse despertem, porque os dois coordenadores, Jorge Silva Martins, advogado especialista em tecnologia, e Sara Teixeira, gestora especialista em marketing em Web3, também contribuem com capítulos próprios e uma introdução e uma conclusão que acabam por atar eventuais pontas soltas.

É inegável que a obra se foca no mundo empresarial, mas a diversidade de autores assegura uma cobertura que vai também à educação, à saúde, aos jogos electrónicos, às moedas digitais, às questões legais e regulatórias.

O papel preponderante da comunidade na Web3 é uma espécie de fio condutor de toda a obra, apesar de ter também direito a um capítulo próprio. Quem quiser perceber as implicações de uma "nova" Internet descentralizada tem aqui um curso completo.

Seria fácil "montar" um livro assim citando os estafados exemplos dos Estados Unidos, que todos os especialistas tomam como vanguarda e de que os não-especialistas já podem ter ouvido falar. Porém, há também a preocupação de olhar para dentro, apontando exemplos europeus e portugueses com os quais é mais fácil relacionarmo-nos como leitores e consumidores de Internet.

No fim de contas, trata-se de um mergulho na World Wide Web que se segue, sem a pretensão de a colocar numa bola de cristal, nem a arrogância de assumir que já há resposta para todas as questões que se levantam perante uma Internet "descentralizada", desintermediada, em que ser dono de uma marca ou empresa não chega para ser dono da história. **Victor Ferreira**



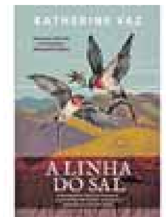
O Livro dos Livros Proibidos
Autoria: Werner Fuld (Trad.: Teresa e Marian Toldy; Edições 70; 292 págs., 25,90€. Já nas livrarias)
Uma história universal dos livros proibidos e ostracizados, que vai desde a Antiguidade até ao presente, feita pelo escritor e crítico literário alemão Werner Fuld. "Se os ditadores tivessem tido realmente o poder no qual acreditavam tão persistente e intransigentemente, uma parte considerável da nossa literatura mundial não existiria. O facto de as obras terem sobrevivido, apesar de todas as perseguições e proibições, é tão notável como a convicção dos perseguidores, desmentida repetidamente ao longo dos séculos, de que, com a eliminação do autor, seria possível erradicar também as suas ideias. (...) A história dos livros proibidos não descreve apenas a cadeia da opressão, as obras destruídas e os autores assassinados. Ela é também uma crónica das vitórias da palavra sobre o poder", lê-se no prefácio deste livro que nos leva também à censura na China, na Rússia e nos países islâmicos.



Antologia do Conto Erótico Brasileiro
Organização de Eliane Robert Moraes (Tinta-da-China; 408 págs., 22,90€. Já nas livrarias)
"Este livro apresenta uma amostra da escrita erótica brasileira desde as últimas décadas do século XIX, quando começou a ser produzida, até às primeiras do século XXI, compondo uma antologia que, organizada segundo o critério cronológico, se limita à produção de contos", lê-se na nota editorial desta obra organizada pela professora de Literatura Brasileira da Universidade de São Paulo Eliane Robert Moraes, que já tinha organizado a *Antologia da Poesia Erótica Brasileira* para a mesma editora, em 2017, e em 2023 lançou *A Parte Maldita Brasileira — Literatura. Excesso. Erotismo.* O volume reúne 59 textos escritos entre 1886 e 2023. São contos de Machado de Assis, Júlia Lopes de Almeida, Lima Barreto, Mário de Andrade, João do Rio, Graciliano Ramos, Hilda Hilst, Dalton Trevisan, Sérgio Sant'Anna, Silviano Santiago, Ana Miranda, Reinaldo Moraes ou Amara Moira.



Zami — Assim Reescrevo o Meu Nome
Autoria: Audre Lorde (Tradução: Alda Rodrigues; Orfeu Negro; 432 págs., 22€. Já nas livrarias)
"(...) A Louise Briscoe, que morreu quando era inquilina da minha mãe, num quarto mobilado com acesso à cozinha — mas sem direito a roupa de cama. Levei-lhe um copo de leite morno, que não quis beber; riu-se de mim quando me ofereci para lhe mudar os lençóis e chamar um médico. 'Só se for mesmo giro', respondeu Miz Briscoe. 'Ninguém me mandou vir para aqui, vim sozinha. E vou regressar do mesmo modo. Portanto, só preciso de um médico se for mesmo muito giro.' E o quarto cheirava a mentira." Eis um excerto desta "biomitografia", como lhe chama a editora, "um livro de memórias, da infância à maturidade, que acompanha o crescimento de uma menina muito míope e solitária que virá a tornar-se a fulgurante poeta 'negra, lésbica, feminista, mãe, guerreira' Audre Lorde (1934--1992)". É "muito "mais do que um relato autobiográfico".



A Linha do Sal
Autoria: Katherine Vaz (ASA; Tradução: Tânia Ganho; 352 págs., 20,90€. Hoje nas ivrarias)
"Dois amantes. Dois continentes. Uma história de amor e imigração inspirada em factos reais." Foi há 20 anos que Katherine Vaz, filha de pai açoriano e mãe irlandesa, autora de *Mariana*, viu umas estampas das terras e empresas que, no século XIX, pertenciam aos "Protestantes Portugueses do Illinois". No prefácio deste romance diz-nos: "Assim começou a minha longa viagem à descoberta da história verídica de um grupo de madeirenses que, tendo sido convertidos ao presbiterianismo por um missionário escocês chamado Robert Reid Kalley, foram alvo de perseguições religiosas e fugiram da Madeira rumo aos Estados Unidos. Eu nunca tinha ouvido falar deste episódio, mas ainda hoje existe uma 'Madeira Hill' em Jacksonville, no Illinois, a terra de Abraham Lincoln, onde muitos dos refugiados trabalharam (...) O meu trabalho de investigação conduziu-me a John Alves", explica.



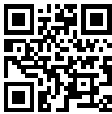
Aprender a Desaprender — Diálogos para a Descolonização da Arquitetura
Organização de Paulo Moreira (Dafne Editora e Instituto; 156 págs., 20€. Quinta-feira nas livrarias)
Este livro que conta com organização e edição do arquitecto Paulo Moreira (fundador do Instituto e director do Arquiteturas Film Festival) reúne contributos de Ibiye Camp, Margarida Waco, Mónica de Miranda, Luísa Santos, Banga Colectivo, Cartografia Negra, Natache Sylvia Iilonga, Thaís Andrade, Gabriela Leandro Pereira, Lara Isa Costa Ferreira, Demas Nwoko e Anyibofu Nwoko Ugbodaga. "Estes contributos desafiam as heranças coloniais, com as dificuldades e riscos inerentes. O objectivo é ampliar o alcance da disciplina da arquitectura, mesmo que não haja certeza nem convergência de ideias a propósito das suas ferramentas" refere a sinopse. Esta quinta-feira, às 21H30, o livro será apresentado por Kitty Furtado, André Tavares e Paulo Moreira, no Instituto (Rua dos Clérigos, 44), no Porto.

Guia

Cinema

O Teu Rosto Será o Último

Cartaz, críticas, trailers e passatempos em cinecartaz.publico.pt



Lisboa

Cinema City Alvalade
Av. de Roma, 100. T. 214221030
Daaaaaali! M12. 13h30; **Uma Vida Singular** M12. 17h; **Ainda Temos o Amanhã** M14. 14h45, 21h45; **Um Casal** 13h20, 17h35; **O Sabor da Vida** M12. 14h30, 19h10; **Garfield** M6. 13h15, 15h25, 17h35 (VP), 17h10, 19h45 (VO); **Origin - Desigualdade e Preconceito** 21h35; **Manga d'Terra** M14. 19h40; **A Quimera** M12. 15h05, 21h20; **O Auge do Humano 3** 19h; **O Teu Rosto Será o Último** 21h45; **Coney Island - As Primeiras Vezes** 13h35, 14h, 19h10, 20h

Cinema City Campo Pequeno
Centro de Lazer. T. 214221030
Challengers M12. 18h10, 21h20; **Pequenas Cartas Malvadas** M12. 19h50; **Profissão: Perigo** M12. 21h50; **O Reino do Planeta dos Macacos** M12. 15h45, 21h10; **Furiosa: Uma Saga Mad Max** M14. 15h30, 18h30, 21h40; **Garfield: O Filme** M6. 15h20, 17h30, 19h45 (VP); **Assassino Profissional** M12. 15h10, 19h40, 21h55; **The First Slam Dunk** M12. 15h40; **Bad Boys: Tudo ou Nada** M14. 15h55, 17h25, 18h40, 19h25, 21h30, 22h; **Dragonkeeper - Ping e o Dragão** M6. 15h30, 17h40 (VP); **The Watchers: Eles Vêem Tudo** M16. 15h20, 17h20, 19h10, 21h45

Cinema Ideal
Rua do Loreto, 15/17. T. 210998295
Manga d'Terra M14. 17h;
A Quimera M12. 14h30, 19h

Cinemas Nos Alvaláxia
R. Francisco Stromp. T. 16996
Dune - Duna: Parte Dois M12. 21h05; **Guerra Civil** M14. 13h20, 15h55, 22h; **Challengers** M12. 13h25, 16h25, 19h15, 22h05; **Profissão: Perigo** M12. 13h15, 16h10, 22h10; **O Reino do Planeta dos Macacos** 13h50, 17h10, 20h50; **Furiosa: Uma Saga Mad Max** M14. 13h40, 17h, 20h40; **Garfield: O Filme** M6. 13h35, 16h05, 18h25 (VP); **Assassino Profissional** M12. 13h30, 16h20, 19h05, 21h50; **A Maldição de Romanova** 21h45; **Origin - Desigualdade e Preconceito** 19h, 20h30; **Manga d'Terra** M14. 13h45, 16h, 18h20 ; **Bad Boys: Tudo ou Nada** M14. Sala Atmos - 13h10, 15h50, 18h30, 21h10; **Dragonkeeper - Ping e o Dragão** M6. 13h50, 16h15, 18h40 (VP); **O Auge do Humano 3** 19h10; **O Teu Rosto Será o Último** 14h20, 17h30, 21h; **The Watchers: Eles Vêem Tudo** M16. 14h, 16h30, 18h50, 21h20

Cinemas Nos Amoreiras
C.C. Amoreiras. Av. Engº Duarte Pacheco.
Uma Vida Singular M12. 13h25, 16h, 18h30; **Back to Black** 21h; **Challengers** M12. 21h40; **O Reino do Planeta dos Macacos** M12. 13h40, 17h, 20h10; **IF: Amigos Imaginários** M6. 13h10, 15h45 (VP); **Furiosa: Uma Saga Mad Max** M14. 18h40, 21h50; **Garfield: O Filme** M6. 13h30, 16h10, 19h (VP), 18h10, 20h30 (VO); **Assassino Profissional** M12. 13h50; **Bad Boys: Tudo ou Nada** M14. 13h15, 15h50, 18h25, 21h; **Dragonkeeper - Ping e o Dragão** M6. 13h50, 16h15 (VP)

Cinemas Nos Colombo
Edifício Colombo, loja A203. Av. Lusíada.
Challengers M12. 20h20; **Profissão: Perigo** M12. 21h, 23h50; **O Reino do Planeta dos Macacos** M12. 17h, 20h30, 23h55; **IF: Amigos Imaginários** M6. 13h40 (VP); **Os Estranhos: Capítulo 1** M16. 19h, 21h50, 00h10; **Furiosa: Uma Saga Mad Max** M14. 14h, 18h, 21h20, 23h30; **Garfield** M6. 13h10, 15h40, 18h20 (VP); **Assassino Profissional** M12. 12h40, 15h10, 17h50, 21h40, 00h25; **Manga d'Terra** M14. 13h50, 16h20; **Bad Boys: Tudo ou Nada** M14. 13h30, 16h, 18h40, 21h30, 00h20; **Dragonkeeper - Ping e o Dragão** M6. 13h, 15h20, 17h40 (VP); **The Watchers: Eles Vêem Tudo** M16. 13h30, 15h50, 18h30, 21h10, 24h; **Bad Boys: Tudo ou Nada** Imax - 12h50, 15h30, 18h, 20h45, 23h40

Cinemas Nos Vasco da Gama
C.C. Vasco da Gama, Parque das Nações.
O Reino do Planeta dos Macacos M12. 13h50, 17h30; **Os Estranhos: Capítulo 1** M16. 21h; **Furiosa: Uma Saga Mad Max** M14. 13h35, 20h50, 23h20; **Garfield: O Filme** M6. 13h20, 15h50, 18h20 (VP); **Assassino Profissional** M12. 18h30, 21h10, 23h35; **Bad Boys: Tudo ou Nada** M14. Sala Atmos - 13h15, 16h, 18h45, 21h30, 23h40; **Dragonkeeper - Ping e o Dragão** M6. 13h40, 16h10 (VP); **The Watchers: Eles Vêem Tudo** M16. 13h20, 16h05, 18h35, 21h05, 23h55

Cinemateca Portuguesa
R. Barata Salgueiro, 39. T. 213596200
O Barqueiro do Volga 19h; **Beyond the Time Barrier + La Jetée** 21h30; **Escola de Raparigas** 15h30;

Medeia Nimas
Av. 5 Outubro, 42B. T. 213142223
Os Contos dos Crisântemos Tardios M12. 12h30; **Ricardo e a Pintura** M12. 15h; **Paixão** 17h; **Manga d'Terra** M14. 19h30; **A Quimera** M12. 21h30;

UCI Cinemas - El Corte Inglés
Av. Ant. Aug. Aguiar, 31. T. 213801400
A Sombra de Caravaggio M16. 15h45, 21h10; **Uma Vida Singular** M12. 13h35, 19h15; **Pequenas Cartas Malvadas** M12. 16h50, 21h55; **O Reino do Planeta dos Macacos** M12. 13h25, 18h50; **Ainda Temos o Amanhã** M14. 16h25, 19h, 21h35; **IF: Amigos Imaginários** M6. 14h05 (VP); **O Sabor da Vida** M12. 13h15, 16h05, 18h55, 21h45; **A Natureza do Amor** M14. 16h30, 22h; **Furiosa: Uma Saga Mad Max** M14. 16h, 21h20; **Garfield: O Filme** M6. 14h, 16h20, 18h45 (VP), 21h05 (VO); **Graça Furiosa** M14. 13h45, 19h05; **Assassino Profissional** M12. 13h55, 16h35, 19h10, 21h40; **As Aventuras de Jeff Panacloc e Jean-Marc** 13h20, 18h30; **O Bêbado** 14h10, 19h20; **Origin - Desigualdade e Preconceito** 15h, 18h, 21h15; **A Quimera** M12. 13h30, 16h15, 19h05, 21h55; **Bad Boys: Tudo ou Nada** M14. 13h45, 16h20, 18h55, 21h30; **Dragonkeeper - Ping e o Dragão** 13h35, 16h (VP); **O Teu Rosto Será o Último** 16h10, 21h45; **The Watchers: Eles Vêem Tudo** 14h20, 16h45, 19h25, 21h50

Estreias

Manga d'Terra
De Basil da Cunha. Com Lucinda Brito, Nunha Gomes, Evandro Pereira, Gonçalo Ramalho. POR/SUI. 2023. 96m. M14.
Terceira longa-metragem do luso-suíço Basil da Cunha, conta a história de Rosa, uma jovem que deixa os filhos pequenos em Cabo Verde e chega a Portugal determinada a singrar na vida.

A Quimera
De Alice Rohrwacher. Com Josh O'Connor, Carol Duarte, Vincenzo Nemolato, Isabella Rossellini, Alba Rohrwacher, Lou Roy-Lecollinet. ITA/FRA/SUI/Turquia. 2023. 130m. Comédia, Fantasia. M12.
Ambientada na Toscana, durante a década de 1980, a história gira em torno de Arthur, um arqueólogo inglês que se deixou envolver num esquema de pilhagem de túmulos. Enquanto os seus cúmplices anseiam a riqueza, ele tem apenas um objectivo: regressar para os braços da mulher que ama.

O Auge do Humano 3
De Eduardo Williams. Com Bo-Kai Hsu, Meera Nadarasa, Sharika Navamani, Abel Navarro. ARG/HOL/TAI/POR/BRA/Peru. 2023. 121m. Drama.
Um filme rodado por todo o mundo, com uma equipa multinacional, com actores não-profissionais e uma câmara de 360 graus, com oito lentes, desenhada para trabalhos de realidade virtual, mas que o argentino Eduardo Williams quis usar para fazer um filme para o ecrã da sala de cinema tradicional.

The Watchers: Eles Vêem Tudo
De Ishana Shyamalan. Com Dakota Fanning, Georgina Campbell, Olwen Fouéré, Siobhan Hewlett, Shane O'Regan. EUA. 2024. 102m. Terror. M16.
Mina fica retida numa floresta quando o seu carro avaria. Subitamente, começa a ouvir a voz de uma mulher que lhe diz para entrar por uma porta. Lá dentro, encontra três desconhecidos que lhe explicam que a casa possui uma parede de vidro e uma luz que se acende a cada fim do dia. Do lado de fora, criaturas assustadoras observam-nos.

O Teu Rosto Será o Último
De Luís Filipe Rocha. Com Pedro Pernas, Madalena Aragão, Afonso Pimentel, Adriano Luz, Teresa Madruga, Rita Durão. POR. 2024. 137m. Drama.
Um drama realizado por Luís Filipe Rocha que adapta "O Teu Rosto Será o Último", o romance de estreia de João Ricardo Pedro, vencedor do Prémio Leya em 2011.

A Maldição de Romanova
De Hugo Diogo. Com Teresa Gafeira, Maria D'Aires, Gonçalo Norton. POR. 2024. m. Terror.
Quando eram miúdos, Luís, Sabrina, Rogério e Vasco decidiram investigar o desaparecimento de um colega. As pistas levaram-nos a algo terrífico que os marcou para sempre: Romanova, uma bruxa milenar que sacrificava crianças para aumentar os seus poderes.

Bad Boys: Tudo ou Nada
De Bilall Fallah, Adil El Arbi. Com Will Smith, Martin Lawrence, Vanessa Hudgens, Alexander Ludwig. EUA. 2024. 110m. Acção, Aventura. M14.
Quando Mike Lowrey e Marcus Burnett, agentes do departamento de narcóticos, decidem investigar um caso de corrupção na Polícia de Miami, deparam-se com uma armadilha: o capitão Conrad Howard, já falecido, é descredibilizado e acusado de ter estado envolvido com a máfia.

Dragonkeeper - Ping e o Dragão
De Jianping Li, Salvador Simó. Com Mario Gas (Voz), Lucía Pérez (Voz), Nano Castro (Voz), Carlos de Luna (Voz). ESP/China. 2024. 98m. Animação, Aventura. M6.
Há muitos anos, na antiga China imperial, os dragões eram grandes aliados dos homens. Contudo, durante o reinado do último imperador, eles foram vistos como inimigos e aprisionados. Agora o destino da China recai sobre Ping, uma menina órfã que descobre que tem como missão salvá-los da extinção.

As estrelas P

	Jorge Mourinha	Luís M. Oliveira	Vasco Câmara
Ainda Temos o Amanhã	★★☆☆☆	★☆☆☆☆	★☆☆☆☆
Assassino Profissional	★★★☆☆	—	—
O Auge do Humano 3	★★★☆☆	★☆☆☆☆	★★★☆☆
O Bêbado	—	★★★☆☆	★★★☆☆
Um Casal	★★★★☆	★★★★☆	★★★★☆
Daaaaaali!	★★★★☆	★★★☆☆	★★★☆☆
Furiosa	★★☆☆☆	★★☆☆☆	★☆☆☆☆
Manga d'Terra	★★★★☆	★★★☆☆	★★★☆☆
A Natureza do Amor	★★☆☆☆	—	★☆☆☆☆
Origin — Desigualdade e Preconceito	—	★☆☆☆☆	★☆☆☆☆
Paixão	—	★★★★☆	★★★★☆
A Quimera	—	★★★☆☆	★★☆☆☆
O Sabor da Vida	★★★☆☆	★★☆☆☆	★★★☆☆
O Teu Rosto Será o Último	★☆☆☆☆	—	—

● Mau ★☆☆☆☆ Medíocre ★★☆☆☆ Razoável ★★★☆☆ Bom ★★★★☆ Muito Bom ★★★★★ Excelente

O Panda do Kung Fu 4 M6. 13h35, 16h10 (VP); **Profissão: Perigo** M12. 12h30, 15h15, 18h10, 21h05; **Tarot - Carta da Morte** M16. 21h20; **O Reino do Planeta dos Macacos** M12. 13h50, 17h, 20h10; **IF: Amigos Imaginários** M6. 13h20, 15h55, 18h25 (VP), 20h55 (VO); **Os Estranhos: Capítulo 1** M16. 22h50; **Furiosa: Uma Saga Mad Max** M14. Sala Imax - 12h15, 15h20, 18h40, 21h50; **Garfield: O Filme** M6. 13h05, 15h30, 18h (VP/2D), 13h45, 16h30, 18h10 (VP/3D), 20h40 (VO/2D); **Assassino Profissional** M12. 12h55, 15h45, 18h30, 21h15; **A Maldição de Romanova** 21h35; **Manga d'Terra** M14. 12h40, 15h05, 17h30; **Bad Boys: Tudo ou Nada** M14. 13h, 15h40, 18h20, 21h; **Dragonkeeper - Ping e o Dragão** M6. 13h25, 15h50 (VP); **O Auge do Humano 3** 18h35; **O Teu Rosto Será o Último** 13h10, 16h, 18h30, 22h30; **The Watchers: Eles Vêem Tudo** M16. 13h30, 16h40, 19h20, 21h45; **Bad Boys: Tudo ou Nada** M14. Sala 4DX - 13h40, 16h20, 19h, 21h40

Almada

Cinemas Nos Almada Fórum
R. Sérgio Malpique 2. T. 16996
A Maldição do Queen Mary M16. 20h30;

Barreiro

Castello Lopes - Fórum Barreiro
Campo das Cordoarias.
T. 212069440
Furiosa: Uma Saga Mad Max M14. 15h, 18h, 21h; **Garfield: O Filme** M6. 14h10, 16h30, 18h50 (VP), 21h10 (VO); **Assassino Profissional** M12. 14h35, 19h10; **Bad Boys: Tudo ou Nada** M14. 14h20, 16h45, 19h10, 21h35; **Dragonkeeper - Ping e o Dragão** M6. 16h55 (VP); **The Watchers: Eles Vêem Tudo** M16. 21h30

Cascais

Cinemas Nos CascaiShopping
Estrada Nacional nº. 7
Alcabideche. T. 16996
O Reino do Planeta dos Macacos M12. 14h, 17h30, 20h50; **IF: Amigos Imaginários** M6. 13h40, 16h20 (VP), 21h40 (VO); **Furiosa: Uma Saga Mad Max** M14. 12h20, 15h30, 18h40, 22h; **Garfield: O Filme** M6. 13h20 (VP); **Assassino Profissional** M12. 12h30, 15h10, 17h45, 20h20; **Bad Boys: Tudo ou Nada** M14. 12h40, 15h20, 18h, 20h30; **Dragonkeeper - Ping e o Dragão** M6. 13h, 16h40, 19h15 (VP); **The Watchers: Eles Vêem Tudo** M16. 18h50, 21h15; **Bad Boys: Tudo ou Nada** M14. Sala Imax - 13h45, 16h15, 19h, 21h30

Lazer

EXPOSIÇÃO

Lekha Singh. As Mulheres Carregam o Mundo

LISBOA Museu Nacional de Etnologia. De 10/11 a 27/10. Terça, das 14h às 18h; quarta a domingo, das 10h às 18h (excepto 13 de Junho). 5€

Prolongada até final de Outubro, a exposição aponta o foco às mulheres e à sua capacidade (e sobrecarga) física nas esferas familiar e económica em vários pontos do globo. "Tradicionalmente valorizadas apenas pela sua dimensão reprodutora mas invisibilizadas ou secundarizadas no que respeita às actividades produtivas", nota a folha de sala, as mulheres são hoje agentes de emancipação e de ruptura com a falta de reconhecimento. É essa a perspectiva captada pela lente da artista norte-americana Lekha Singh, em realidades tão diversas como a da Índia, do Butão, do Japão, de Marrocos, do Quénia, do Ruanda, da Tanzânia, da Namíbia ou dos Estados Unidos da América, e aqui mostrada.

CONVERSAS

Tito Lívio no Janelão

LISBOA São Luiz Teatro Municipal. Dia 11/6, às 19h. Grátis

A última sessão do ciclo de entrevistas conduzidas por Tito Lívio, que se senta à conversa com "grandes figuras" da cultura portuguesa, tem como convidado Diogo Infante (n. 1967, Lisboa). Com mais de três décadas de carreira dedicadas ao teatro, à televisão e ao cinema, tem créditos no mapa nacional não só como actor, mas também como encenador e director artístico, percurso que aqui é recordado na primeira pessoa.

FESTAS

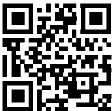
Festas de Oeiras

OEIRAS Jardim Municipal. De 31/5 a 16/6. Entrada livre

The Black Mamba, Blasted Mechanism, Tiago Bettencourt, Dillaz, Sétima Legião, António Zambujo, David Carreira, Expensive Soul, Capitão Fausto e Calema são alguns dos talentos nacionais que compõem o cartaz das festas. Espectáculos infantis, divertimentos, artesanato e *street food* completam a oferta.

Jogos

Jogue também online. Palavras-cruzadas, bridge e sudoku em publico.pt/jogos



EuroDreams 4 7 27 31 33 40 3

1.º Prémio 20.000€/mês x 30 anos

Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial de prémios

Lotaria Clássica 3 4 7 2 6

1.º Prémio 600.000€

Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial de prémios

Cruzadas 12.458

Paulo Freixinho
palavrascruzadas@publico.pt

HORIZONTAIS: 1 - (...) von der Leyen, apelou ao apoio da "grande coligação" pró-europeista para prosseguir o "bom trabalho" dos últimos cinco anos. "Poda na rama, vinho na (...)". **2** - Molibdénio (s. q.). Distribuir. **3** - (...) Macron, no 80.º aniversário do Dia D, quis dar a mão a Camila, mas o gesto não foi correspondido. **4** - Letra grega correspondente ao n. Sal resultante da combinação do ácido áurico com uma base. **5** - Pequena baía. Estudar. **6** - Chaminé. Símbolo de libra. Capital do Gana. **7** - Continua a ser o maior obstáculo para tratar a disfunção eréctil. **8** - Andava. Canoa estreita, de remos, leve e rápida. Rilho. **9** - Antes do meio-dia. Puxar para si. **10** - (...) Cozarinsky, um realizador que casou o cinema e a literatura (1939-2024). Zircónio (s. q.). **11** - Mecanismo Europeu de Estabilidade. Rasteiro. Avenida (abrev.).

VERTICAIS: 1 - Ombreira (de porta). Igualmente. **2** - Grande porção. Planície vasta, cercada de montanhas. Preposição que designa proveniência. **3** - Insosso ou solto (regionalismo). Procede. **4** - Requerer pressa. Montão. **5** - Regra. Alguma coisa. Um dos digramas da língua portuguesa. **6** - Idónea. Pancada com bola. **7** - Trata por tu. Vindouros. **8** - Acreditar. Interjeição que exprime admiração. **9** - Autoridade Tributária e Aduaneira. Carlos (...), é o mais novo tenista a vencer torneios do Grand Slam nos três pisos diferentes. **10** - Ofício. Tontura. **11** - Porte. Pregador.

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1							■				
2			■								
3									■		■
4		■			■						
5						■		■			
6				■			■				
7	■									■	
8			■					■			
9		■			■						
10								■			■
11				■					■		

Solução do problema anterior

HORIZONTAIS: 1 - Portugal. CC. **2** - Europeias. **3** - Ns. Ma. Agora. **4** - Sai. Ol. **5** - Camões. Ao. **6** - Remoer. Pl. **7** - Sei. Ra. Ql. **8** - ET. Debateu. **9** - Comunidades. **10** - Amaro. Avivo. **11** - Raras. Salas.
VERTICAIS: 1 - Pensa. Secar. **2** - Ousa. Retoma. **3** - Rr. Icei. Mar. **4** - Tom. AM. Dura. **5** - Upa. Morenos. **6** - Ge. Põe. Bi. **7** - Aia. Erradas. **8** - Lagos. Atava. **9** - Sol. Edil. **10** - Alqueva. **11** - Cravo. SOS.

Bridge

João Fanha
bridgepublico@gmail.com

Dador: Sul
Vul: Todos

NORTE
♠AK4
♥95
♦A98542
♣63

OESTE
♠QJ1085
♥J4
♦J763
♣84

ESTE
♠92
♥Q10872
♦10
♣J10972

SUL
♠763
♥AK63
♦KQ
♣AKQ5

Oeste	Norte	Este	Sul
			2ST
passo	4♠1	passo	5♣2
passo	5♠3	passo	6ST
Todos passam			

Leilão: Qualquer forma de bridge. 1 – Tentativa de *cheleme* a ouros; 2 – Aceite o convite e mostra controlo a paus; 3 - Controlo

Carteio: Saída: Q♠. Como carteia este *cheleme?*

Solução: Encontra-se ao leme de outro *cheleme*, mas desta vez é bem possível que o contrato seja mais popular. Ainda assim, a nossa preocupação deverá unicamente em procurar cumprir este contrato, e é precisamente no naipe de ouros que reside o maior problema. Se os ouros estiverem divididos 3-2, teremos 13 vazas prontas a fazer. Por outro lado, uma distribuição 5-0 não nos deixa qualquer possibilidade de cumprir. Portanto, vamos pensar nas distribuições 4-1. Prenda a vaza inicial com o Rei de espadas e jogue o 2 de ouros para a Dama. Se todos servirem com ouros pequenos, continue com o Rei de ouros e espere que os ouros venham a estar divididos. Mas aparece o 10 em Este. O que fazer agora? Jogue o Rei de ouros e prenda com o Ás! Pode agora usar o 9 para forçar a saída do Valete, tornando o 8 numa ganhante. Oeste pode fazer o Valete e jogar o naipe que entender, mas temos ainda o Ás de espadas no morto como entrada para alcançar os restantes ouros apurados.

Considere o seguinte leilão:

Oeste	Norte	Este	Sul
			1♣
passo	1♥	passo	?

O que marca em Sul com a seguinte mão?
♠96 ♥AK5 ♦83 ♣AKJ832

Resposta: Marque 3♣, Bom naipe de seis cartas e zona média de força (15-17).

Sudoku

© Alastair Chisholm 2008
www.indigopuzzles.com

Problema 12.680 (Fácil)

4	1			3				
				8		4	5	7
	6		2	7		9		
2			6	4				8
			5		3			
3				2	7			1
		3		9	1		8	
8	9	5		6				
				5			9	2

Solução 12.678

5	3	2	8	7	1	4	6	9
1	6	4	2	9	3	7	5	8
7	8	9	4	6	5	1	2	3
2	1	7	3	5	9	6	8	4
9	4	8	6	1	2	5	3	7
6	5	3	7	8	4	2	9	1
8	2	1	9	4	6	3	7	5
3	7	5	1	2	8	9	4	6
4	9	6	5	3	7	8	1	2

Problema 12.681 (Difícil)

						2		
	1			5				9
3		8			2			
	9		7		4	6		
		7				4		
		3	9		5		7	
			3			1		2
5				1			4	
		6						

Solução 12.679

3	5	4	9	6	7	2	8	1
2	7	1	8	3	4	5	9	6
8	6	9	5	2	1	3	4	7
1	2	6	7	9	3	4	5	8
4	9	3	6	5	8	7	1	2
5	8	7	4	1	2	9	6	3
6	3	8	2	4	5	1	7	9
9	4	2	1	7	6	8	3	5
7	1	5	3	8	9	6	2	4

Guia

CINEMA

Devota Com Pouca Sorte
Cinemundo, 8h35
Há já muitos anos que Carmen Ruano (Gloria Muñoz) se dedica de alma e coração à Confraria de Nossa Senhora de Santa Cruz da Caridade e da Esperança. Quando o presidente se reforma, ela agarra a oportunidade e candidata-se ao cargo. Contudo, num ambiente pautado pelo machismo e conservadorismo, depara-se com uma grande resistência ao seu propósito. Quando, determinada a não se deixar rebaixar pelo seu opositor, Carmen recorre a uma estratégia um pouco menos ortodoxa, vê-se envolvida num problema de onde só com muita sorte conseguirá escapar impune... Uma "comédia fervorosa" que marca a estreia na realização de Marta Díaz de Lope Díaz, que aqui segue um guião da sua autoria e de Zebina Guerra.

O Meu Espião
Cinemundo, 20h50
J.J., um agente da CIA, tem cometido uma série de falhas que lhe estão a arruinar a credibilidade junto dos superiores. Tudo se agrava quando Sophie, uma menina de nove anos, o filma a confessar segredos que, se caírem nas mãos erradas, vão colocar um ponto final na sua carreira. Para concordar em manter-se calada, Sophie propõe que lhe ensine várias técnicas de espionagem. Sem alternativa, J.J. concorda. O que ele não esperava era que, mais do que ensinar, viesse a aprender com ela algumas das mais importantes estratégias usadas na missão mais exigente da vida de qualquer pessoa: ser feliz. Realizada por Peter Segal, uma comédia familiar com Dave Bautista, Chloe Coleman, Kristen Schaal e Ken Jeong, entre outros.

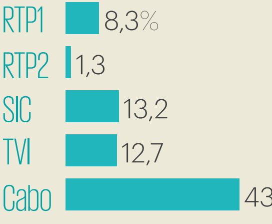
Lendas de Paixão
Nos Studios, 21h15
Edward Zwick realiza esta história sobre um rancheiro, antigo coronel do Exército (Anthony Hopkins) que se refugia nas montanhas de Montana com os seus três filhos, Tristan (Brad Pitt), Alfred (Aidan Quinn) e Samuel (Henry Thomas), tentando livrá-los, em vão, da frente das trincheiras da I Guerra Mundial. Julia Ormond interpreta o papel de Susannah, a jovem que está no centro dos desentendimentos entre os três irmãos. John Toll ganhou um Óscar pela fotografia. O filme foi ainda nomeado para o Óscar de melhor direcção artística (Dorree Cooper e Lilly Kilvert) e de melhor som (David E. Campbell, Chris David, Douglas Ganton e Paul Massey).

Televisão

Os mais vistos da TV
Domingo, 9

	%	Aud.	Share
Big Brother	TVI	8,7	8,7
Big Brother - As Críticas	TVI	8,6	8,6
Primeiro Jornal	SIC	7,2	7,2
Europeias 24: A Decisão	SIC	6,7	6,7
Big Brother - Nomeaçoes	TVI	6,6	6,6

FONTE: CAEM



RTP1

6.00 Bom Dia Portugal **10.00** Praça da Alegria **12.59** Jornal da Tarde **14.25** Escrava Mãe **15.23** A Nossa Terra **17.30** Portugal em Directo **19.00** Telejornal

19.37 Futebol: Portugal x Irlanda(preparação Euro 2024)

21.49 Joker

22.47 É Ou Não É? - O Grande Debate

0.27 Lusitânia

1.24 S.W.A.T.: Força de Intervenção



2.48 Terra Europa **3.08** Escrava Mãe

RTP2

6.32 Repórter África **7.00** Espaço Zig Zag **9.10** Campeonatos da Europa de Atletismo **11.43** Vela: America's Cup 2023 - Vilanova e La Geltrú (Resumo) **13.03** Mulheres Que Contam **13.29** Viva Saúde **14.00** Sociedade Civil **15.02** A Fé dos Homens **15.33** Salto Mortal **16.02** mus-e: 25 anos em portugal **16.53** Espaço Zig Zag **18.05** Campeonatos da Europa de Atletismo **21.55** Jornal 2 **22.26** Hotel à Beira-Mar **23.11** Folha de Sala **23.18** Divas **0.14** Sociedade Civil **23.11** Folha de Sala **23.18** Divas da Música Árabe **0.14** Sociedade Civil **1.15** Folha de Sala



1.21 Travessuras da Menina Má

2.07 Portugal 3.0 **3.02** Folha de Sala **3.08** Amélias **4.11** Portugal Culto e Oculto **4.40** Alerta Verde **4.54** Folha de Sala **5.01** Bagagem Perdida **5.53** Folha de Sala

SIC

6.00 Edição da Manhã **8.15** Alô Portugal **9.40** Casa Feliz **12.59** Primeiro Jornal **14.45** Linha Aberta **16.10** Júlia **17.40** Morde & Assopra

18.25 Terra e Paixão

19.15 Casados à Primeira Vista

19.57 Jornal da Noite

22.05 Senhora do Mar

23.50 Papel Principal

0.05 Casados à Primeira Vista

0.45 Travessia

1.30 Passadeira Vermelha **3.30** Terra Brava

TVI

6.15 Diário da Manhã **9.55** Dois às 10 **12.58** TVI Jornal **14.00** Diário do Euro **14.05** TVI - Em Cima da Hora **14.50** A Sentença **15.40** A Herdeira **16.30** Goucha **17.45** Big Brother

19.57 Jornal Nacional

21.30 Big Brother

22.05 Cacau



23.00 Festa É Festa

0.00 Big Brother **1.55** Autores **2.45** O Beijo do Escorpião **3.20** ODeixa Que Te Leve

TVCINE TOP

18.15 Simulação **19.55** Lamborghini: O Homem Por Detrás da Lenda **21.30** Não Abras **23.10** Destruído **0.40** Com Amor e Com Raiva **2.35** Milagre

STAR MOVIES

17.29 Noite de Violência **19.12** O Ás Vale Mais **21.15** Charro! **23.02** Shalako **1.02** Dois Contra o Texas **2.42** Balas Para um Bandido

HOLLYWOOD

18.07 Golpe no Paraíso **19.47** A Vida Por um Fio **21.30** Força em Alerta 2 **23.15** 300: O Início de um Império **0.58** Três Reis **2.57** V de Vingança

AXN

16.15 SWAT: Força de Intervenção **17.51** The Rookie **21.06** Hudson & Rex **22.00** The Rookie **22.54** Golpe Final **0.43** The Rookie **1.30** Hudson & Rex

STAR CHANNEL

17.11 Investigação Criminal: Los Angeles **18.51** Magnum P.I. **20.28** Hawai Força Especial **22.15** John Wick 2 **0.39** Chicago P.D. **2.03** Thor: The Dark World

DISNEY CHANNEL

16.50 Miraculous - As Aventuras de Ladybug **17.40** A Maldição de Molly McGee **18.30** Hamster & Gretel **19.15** Os Green na Cidade Grande **20.25** Miraculous - As Aventuras de Ladybug

DISCOVERY

16.16 Mestres do Restauro **19.07** Aventura à Flor da Pele **21.00** Construções ao Limite **22.44** Os Mestres do Restauro: O Workshop **0.40** Construções no Alasca **2.00** Águas Profundas de Jeremy Wade

HISTÓRIA

16.18 Ficheiros Secretos do Vaticano **18.06** A Prova Existe Algures **20.08** Mistérios no Gelo **22.15** Engenharia Antiga

ODISSEIA

17.19 Tecnologia Animal **18.13** Austrália: Caçadores de Serpentes **19.24** Odisseia Vulcânica **21.37** Os Mistérios do Monte La Pérouse **22.31** Top 10 Clima Extremo **0.02** O Fim do Mundo **0.50** Odisseia Vulcânica

DOCUMENTÁRIOS

Divas
RTP2, 23h18
Este documentário francês assinado por Feriel Ben Mahmoud em 2021 foca grandes lendas da música árabe desde a década de 1920 até à década de 1970, vozes revolucionárias e emancipadas que fizeram carreira no Egipto, no Iraque ou no Líbano. São elas Oum Kalthoum, Dalida, Souad Hosni, Sabah, Hind Rostom, Samia Gamal, Asmahan, Fayrouz, Warda, Tahiyya Carioca ou Faten Hamama. Este trabalho deu também origem a uma exposição.

Signs of a Psychopath
ID, 23h/Max, *streaming*
Que sinais deixam antever que uma pessoa é psicopata? Esta série documental tenta ir ao fundo disso, com depoimentos de especialistas e imagens de arquivo para narrar as histórias de alguns dos mais notáveis assassinos do mundo. A quarta temporada chega ao ID, com um episódio sobre o "assassino do garrote" do Texas, enquanto a sétima se estreia na íntegra na Max, com um primeiro episódio sobre uma estudante que diz ter matado o namorado em autodefesa.

Tour de France Unchained T2
Netflix, *streaming*
Estreia da segunda temporada. A série documental que olha sem reservas para os bastidores da Volta à França, com toda a tensão, rivalidades, tragédias, sangue, suor e lágrimas que isso comporta está de volta. Ao longo de oito episódios, vemos ciclistas e ouvimos depoimentos de nomes como Tadej Pogacar, Mark Cavendish ou Patrick Lefevere, cheios de revelações.

INFORMAÇÃO

É Ou Não É? — O Grande Debate
RTP1, 22h47
"Que Geometria Política Sairá Destas Eleições Europeias?" é a pergunta a que esta edição do programa de debate da RTP tenta responder. Depois das eleições europeias de domingo, que conclusões se podem tirar?

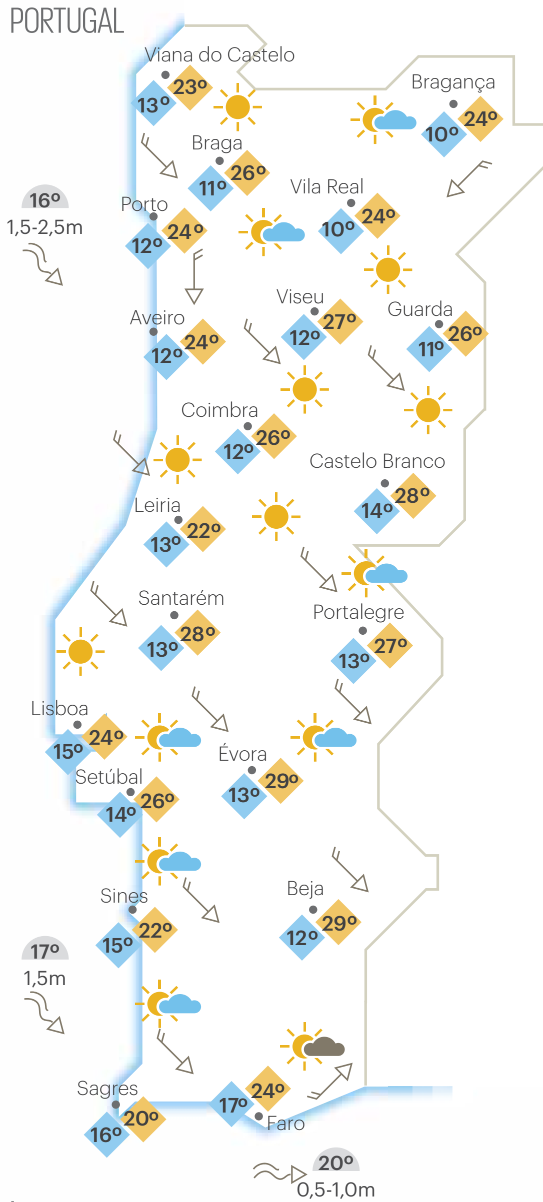
DESPORTO

Futebol: Portugal x Irlanda
RTP1, 19h37
A poucos dias do início do Europeu de Futebol, Portugal recebe a selecção da Irlanda para uma partida que poderá dar indícios de como os dois países se comportarão na competição que começa na sexta-feira.

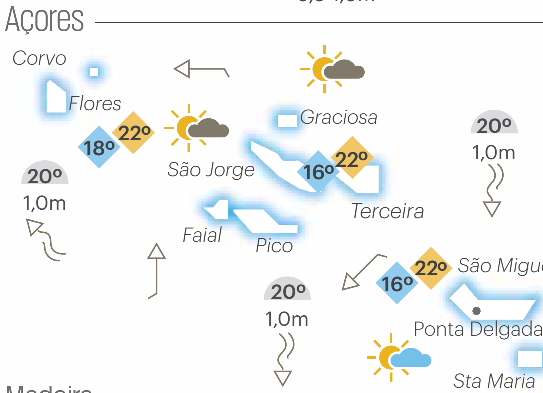
Guia

Meteorologia

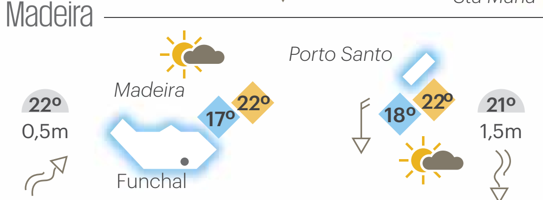
Portugal



Açores



Madeira



Marés

Preia-mar / Baixa-mar *de amanhã

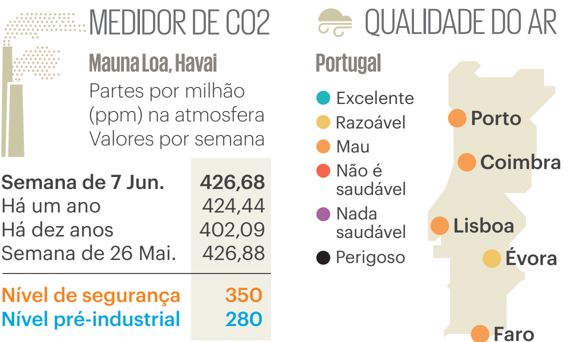
Leixões	m	Cascais	m	Faro	m
Preia-mar 07h08	2,8	Preia-mar 06h43	2,8	Preia-mar 06h44	2,7
Baixa-mar 12h59	1,2	Baixa-mar 12h31	1,3	Baixa-mar 12h23	1,2
Preia-mar 19h21	3,0	Preia-mar 18h58	3,1	Preia-mar 19h05	2,9
Baixa-mar 01h46	1,1*	Baixa-mar 01h20	1,2*	Baixa-mar 01h11	1,2*

Próximos dias Lisboa

Quarta-feira, 12
14º 22º
Índice UV: Muito alto
Vento: Moderado
Humidade: 59%

Quinta-feira, 13
14º 25º
Índice UV: Muito alto
Vento: Fraco
Humidade: 59%

Sexta-feira, 14
15º 25º
Índice UV: Muito alto
Vento: Fraco
Humidade: 68%



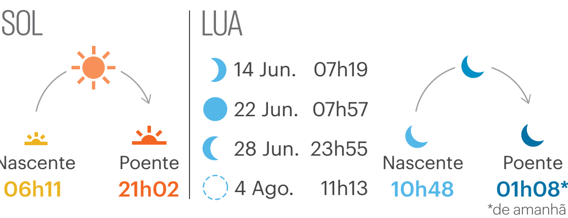
Medidor de CO2

Mauna Loa, Havai
Partes por milhão (ppm) na atmosfera
Valores por semana

Semana de 7 Jun.	426,68
Há um ano	424,44
Há dez anos	402,09
Semana de 26 Mai.	426,88
Nível de segurança	350
Nível pré-industrial	280

Qualidade do ar

Portugal
Excelente
Razoável
Mau
Não é saudável
Nada saudável
Perigoso



Sol

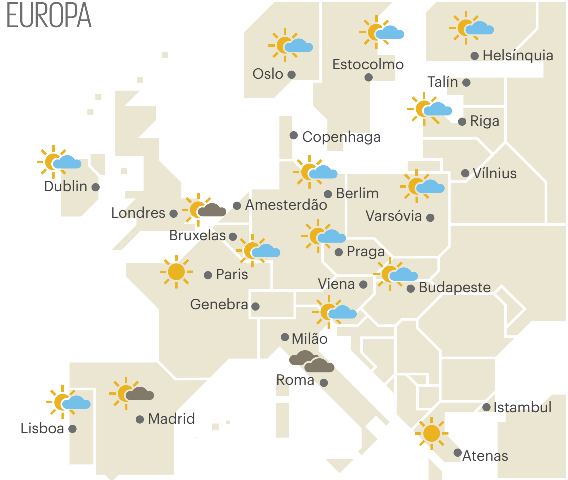
Nascente 06h11
Poente 21h02

Lua

14 Jun. 07h19
22 Jun. 07h57
28 Jun. 23h55
4 Ago. 11h13

Nascente 10h48
Poente 01h08*
*de amanhã

Europa



Temperaturas ºC

	Min.	Máx.		Min.	Máx.
Amesterdão	8	15	Roma	17	28
Atenas	22	34	Viena	13	19
Berlim	9	18	Bissau	26	34
Bruxelas	8	14	Buenos Aires	15	17
Bucareste	19	36	Cairo	25	37
Budapeste	13	23	Caracas	21	29
Copenhaga	10	16	Cid. do Cabo	13	20
Dublin	6	14	Cid. do México	15	30
Estocolmo	9	19	Díli	22	31
Frankfurt	8	19	Hong Kong	26	32
Genebra	8	19	Jerusalém	19	31
Istambul	25	38	Los Angeles	15	24
Kiev	18	27	Luanda	22	28
Londres	9	16	Nova Deli	32	45
Madrid	13	25	Nova Iorque	18	24
Milão	16	24	Pequim	22	37
Moscovo	18	24	Praia	22	28
Oslo	10	21	Rio de Janeiro	19	29
Paris	8	18	Riga	11	20
Praga	10	19	Singapura	26	32

Fontes: AccuWeather; Instituto Hidrográfico; QualAR/Agência Portuguesa do Ambiente; NOAA-ESRL

Desporto Terceiro jogo de preparação numa semana

Portugal e a última hipótese para aprender

Selecção nacional defronta hoje a República da Irlanda, em Aveiro, já com Pepe, Rúben Neves e Cristiano Ronaldo, no derradeiro ensaio antes do Euro 2024

Marco Vaza

Como se tem visto nos jogos de preparação, Portugal não é aquela selecção perfeita que ganha a toda a gente, marca muitos golos e sofre poucos. Mas quer ser essa equipa. Para Roberto Martínez, todos os momentos são de aprendizagem e há uma avaliação permanente antes de se tomarem decisões sobre qual será o plano durante o Euro 2024. Também será assim no Portugal-República da Irlanda (19h45, RTP1) desta noite, em Aveiro, o último jogo de preparação antes da estreia em competição, a 18 de Junho, frente à República Checa. Também esse jogo, diz Martínez, servirá para testar algumas situações que Portugal irá encontrar no Europeu, tal como foi sucedeu no embate com a Croácia, que terminou em derrota, por 2-1.

"O jogo contra a Croácia foi fantástico, por exigir muito de nós, no aspecto técnico e táctico. A Croácia joga como um clube, com ligações entre os jogadores muito experientes, melhores na selecção que nos clubes, o que não é normal no futebol internacional. É um adversário com o qual podemos melhorar. Do ponto de vista de preparação, o jogo foi perfeito", comentou o técnico espanhol sobre o jogo com os croatas, no Jamor, que resultou na sua segunda derrota como seleccionador português – a primeira havia sido frente à Eslovénia.

A verdade é que, nos últimos jogos, Portugal tem sido bastante poroso na defesa, tendo sofrido dois golos em cada um dos seus últimos quatro jogos. Martínez garante que os problemas estão identificados: "O importante é ter intensidade defensiva, ter calma, para ter bons gestos técnicos. Agora é importante olhar para trás e ver os golos sofridos com a Finlândia. Precisamos de melhorar, demos dois remates e sofremos dois golos. Faz parte do processo. Não há uma relação de uma linha defensiva, posição ou jogadores, é um foco de estar com bola, de querer marcar golos. E precisamos de ter um foco defensivo também."

Portugal estará entre as últimas equipas a entrar em acção no Europeu – os dois jogos do Grupo F encerram a primeira jornada – e é por isso, diz Martínez, que se optou por três jogos de preparação em vez de dois, como acontece com grande parte das selecções. "Acho que para nós era importante estar no Grupo F para ter tempo para jogar três jogos. Precisamos de dar um período para desligar e agora temos três jogadores que podem entrar. O foco é preparar individualmente e depois preparar a equipa. Depois ter adversários diferentes, com conceitos diferentes. Mas para nós é importante, porque durante o Europeu vamos ter adversários com valências como a Irlanda", reforçou.

Os três jogadores que se irão estrear nesta preparação são Pepe (que chegou lesionado ao estágio), Cristiano Ronaldo e Rúben Neves (ambos chegaram mais tarde). Todos vão ter minutos frente aos irlandeses, sendo que o seleccionador não revela se serão titulares. Sobre Ronaldo, reiterou o que já tinha dito na anterior conferência de imprensa, que a experiência do avançado será um trunfo para Portugal que nenhuma outra selecção terá.

"É importante para nós atacar e defender com onze. O Cristiano tem uma experiência brutal. Não há outro com esta experiência. É um jogador que sabe muito bem utilizar o espaço na área e é um finalizador especial. O foco e a atenção à perda em posições defensivas foram perfeitas nos jogos que jogámos", disse Martínez, acrescentando que as capacidades do capitão irão estar em avaliação permanente durante o torneio: "Precisamos de avaliar todos os dias. Todos os jogos são diferentes. O Cristiano teve 51 jogos na época. Não teve problemas, mas acho que os dados a nível de clube não são iguais aos das selecções. Mostrou que pode jogar a cada quatro dias, acho que não há problemas."

Esta República da Irlanda está longe de ser uma selecção de topo no futebol europeu. Já não participa num Mundial desde 2002 e, no último Europeu em que competiu (em 2016), ficou-se pelos oitavos-de-final. Na qualificação para o Euro 2024, apenas venceu os dois jogos frente a Gibraltar no seu grupo, perdendo os restantes com França, Países Baixos e Grécia. John O'Shea, antigo central do Manchester United, é o interino enquanto não há um substituto permanente para Stephen Kenny.

ANTONIO COTRIM/LUSA

Cristiano Ronaldo integrou o estágio mais tarde, mas já deverá competir esta noite



O Cristiano teve 51 jogos na época. Não teve problemas, mas os dados a nível de clube não são iguais aos das selecções. Mostrou que pode jogar a cada quatro dias

Roberto Martínez
Treinador

O basquetebol português continua a ser um pelouro do Benfica

Diogo Cardoso Oliveira

O FC Porto melhorou no terceiro jogo da final, mas não o suficiente para impedir o rival de ser tricampeão nacional

Três títulos nas últimas três temporadas e um palmarés que vai nos 30 campeonatos, mais 18 do que a equipa que vem a seguir. É isto que tem feito – e continua a fazer – o Benfica, que conquistou ontem o campeonato nacional de basquetebol 2023-24.

Frente ao FC Porto, que tem 12 títulos, a final ficou fechada com um 83-76, no pavilhão da Luz, encerrando em 3-0 a série à melhor de cinco jogos. A equipa portista até foi mais consistente durante a época regular, mas o Benfica, que nem arrancou bem, acabou por encarrilar para uma ponta final de temporada tremenda, mantendo o jejum do rival que já dura desde 2016.

Tudo isto foi possível pela qualidade individual dos atletas "encarnados", superior à do FC Porto na profundidade do plantel, mas não pode ser dissociado do "toque de Midas" do treinador Norberto Alves. Cinco dos últimos seis campeões nacionais tiveram Norberto Alves no banco – três vezes o Benfica, duas vezes a Oliveirense. Só o Sporting, pelo meio, interrompeu o domínio do treinador de 56 anos, que continua a "tomar conta" da Liga portuguesa.

Ontem, porém, o terceiro jogo foi de estirpe diferente dos dois primeiros. O FC Porto subiu bastante de rendimento e houve uma grande propaganda ao basquetebol, com uma partida rica no plano individual e colectivo – além do equilíbrio e da emoção até ao final.

Nessa fase do jogo, foram os "velhotes" Betinho, de 39 anos, e Douglas, de 38 (e experiência de NBA), a segurarem o campeonato ao Benfica.

Num pavilhão da Luz lotado por 2400 pessoas, o jogo começou com algum acerto do FC Porto nos lançamentos longos, sobretudo pela parca réplica dada ao homem livre. A equipa portista estava a fazer bons bloqueios indirectos fora da bola e o Benfica demorou a adaptar-se.

MANUEL FERNANDO ARAÚJO/LUSA



Depois da Taça Hugo dos Santos, Benfica bateu FC Porto na final da Liga

Do lado "encarnado" havia um excesso de aposta em isolamentos e a equipa portista foi para a primeira paragem a vencer por cinco pontos, mas a boa entrada de Douglas no segundo quarto deu ao Benfica uma energia diferente a defender. O norte-americano começou a "apertar" o base portista Miguel Maria, forçando *turnovers* e dando ao Benfica pontos em transição.

A equipa "encarnada" foi para o intervalo a vencer por 41-35, mas alguns dos jogadores mais proeminentes do Benfica não estavam em "dia sim" e isso manifestou-se em algo mais fácil de explicar do que complexas variantes tácticas: nesta fase tratava-se, pura e simplesmente, de acerto no lançamento.

O Benfica chegou aos minutos finais a perder por três e com Broussard e Douglas em campo em simultâneo, a conseguirem prender jogadores do FC Porto nos bloqueios directos. Isto criou situações de lançamento favoráveis e em zonas mais próximas do cesto.

O experiente Douglas já estava a ser importante na defesa e entrou no último quarto a tomar conta da partida no ataque. Com o Benfica a vencer por quatro pontos de diferença, o FC Porto poderia reduzir para dois numa transição, mas Carter, com quatro faltas, veio "do nada" para um grande "abafo". Logo a seguir, Betinho "acabou com a partida" com um triplo providencial.

Betinho e Douglas usaram a vasta experiência de quase 40 anos cada um para ajudarem a equipa na parte final, na defesa e no ataque. E para confirmarem o tricampeonato.

Rep. Checa e Turquia também aquecem em "lume brando"

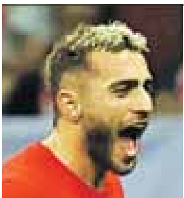
Os checos venceram pela margem mínima a Macedónia do Norte. Os turcos perderam em Varsóvia, com a Polónia

A selecção portuguesa tem sido acusada de uma má preparação para o Euro 2024 – quer no desempenho, quer na escolha dos adversários –, mas, pelo menos no que diz respeito aos oponentes da primeira fase do torneio, não está sozinha. O "aquecimento" da Rep. Checa e da Turquia também está a ser feito em "lume brando" e nenhuma foi especialmente feliz ontem à noite.

Os checos venceram a Macedónia do Norte, em Hradec Králové, e isso já é qualquer coisa de bom, mas é relevante dizer que foi por 2-1, que marcaram dois golos de penálti (Schick e Barak) e que o segundo surgiu aos 90+9'. Também conta? Conta. Mas houve ali problemas. A Rep. Checa teve muita bola, atacou muito e rematou também bastante – foram 23 disparos –, mas só acertou três vezes na baliza, duas delas de penálti. Mais do que este desempenho assim-assim ao nível do acerto ofensivo, fica a dúvida sobre a escolha dos adversários.

Depois de ter defrontado Malta (vitória por 7-1), a Rep. Checa escolheu mais uma selecção que pouco quis do ataque. Foram dois jogos apenas de ataque, quando é bastante provável que defendam muito frente à Turquia e quase certo que o façam frente a Portugal.

A preparação da selecção checa, que não vai jogar mais até defrontar Portugal, não compreendeu testes defensivos. E isso é curioso.



Baris Yilmaz, avançado do Galatasaray, fez o golo da Turquia na derrota averbada diante da Polónia

Mais tarde, em Varsóvia, entrou em campo a Turquia. Os turcos perderam (2-1) frente à Polónia, que também vai ao Euro 2024, numa partida tendencialmente equilibrada e com perigo criado nas duas balizas – houve até lances de jogadores isolados de parte a parte.

A Turquia foi pouco impressionante na primeira parte, mas as alterações operadas após o intervalo até deram qualidade à equipa, que criou várias oportunidades de golo. Além do desacerto na finalização, houve alguns problemas defensivos de uma equipa apanhada várias vezes desprotegida pela audácia ofensiva.

Os golos do jogo foram de Swiderski e Zalewski, para os polacos, e por Baris Yilmaz, para os turcos. Nota ainda para a agressividade da Turquia, que mesmo num jogo particular somou bastantes faltas, e para a titularidade de Kokçu, do Benfica.

Real Madrid garante que vai competir no novo Mundial de clubes

O Real Madrid rejeitou ontem a possibilidade de falhar a participação no Mundial de clubes de futebol, indicando que em "nenhum momento" isso esteve em causa e que encara com enorme orgulho e entusiasmo a nova competição. Um esclarecimento que surgiu horas depois de terem sido publicadas declarações do treinador do campeão espanhol a dar conta do desinteresse no torneio.

"O Real Madrid C. F. informa que em nenhum momento foi questionada a sua participação no novo Mundial de clubes que será organizado pela FIFA na próxima temporada 2024-2025", assinalou o clube espanhol na sua página oficial.

A reacção "*merengue*" aconteceu depois de o diário italiano *Il Giornale* ter avançado com declarações do treinador Carlo Ancelotti a rejeitar a presença do Real Madrid na nova competição de clubes, criticando os prémios propostos.

"A FIFA pode esquecer isso, os jogadores e os clubes não vão participar nesse torneio. Um só jogo do Real Madrid vale 20 milhões de euros e a FIFA quer dar essa quantia para toda a prova. Negativo. Tal como nós, outros clubes vão rejeitar o convite", terá afirmado o treinador.

Na nota publicada ao início da tarde de ontem, o Real Madrid não



Carlo Ancelotti usou as redes sociais para afirmar que foi mal interpretado nas declarações ao *Il Giornale*

só garante a participação, como afirma que a encara com o desejo de fazer com que os seus adeptos em todo o mundo "sonhem com um novo título", enquanto o próprio Ancelotti, nas suas redes sociais, disse ter sido mal interpretado.

"Nada mais distante do meu interesse do que rejeitar a possibilidade de disputar um torneio que considero que pode ser uma grande oportunidade para continuar a lutar por grandes títulos com o Real Madrid", esclareceu, na rede social X.

O novo Mundial de clubes, o primeiro com um modelo alargado a 32 equipas oriundas de todas as confederações, entre as quais se incluem Benfica e FC Porto, está previsto para o período entre 15 de Junho e 13 de Julho de 2025, e será realizado nos Estados Unidos.

FP ATLETISMO



Isaac Nader durante as meias-finais dos 1500m, em Roma

Isaac Nader caiu, levantou-se e vai lutar por uma medalha

Marco Vaza

Português qualificou-se para a final dos 1500m nos Europeus de Roma, tal como Fatoumata Diallo nos 400m barreiras

Já se sabe que, nos 1500m de uma grande prova de atletismo, só se arrisca verdadeiramente na última volta. Com poucos metros corridos na última volta da segunda das meias-finais da milha métrica dos Europeus de atletismo de Roma, Isaac Nader preparava-se para entrar em aceleração quando, à sua frente, caíram dois dos seus adversários e ele também foi ao chão. Quando se levantou, já todos os outros iam à frente, e Nader só tinha uma coisa a fazer: acelerar. Foi o que fez e ainda conseguiu a qualificação directa para a final da próxima quarta-feira.

Não foi a forma mais fácil de chegar à final para o atleta algarvio, que se apresentava em Roma como candidato às medalhas. Mas não deixou de ser uma boa demonstração de que as suas aspirações não são vazias. Antes da queda, Nader vinha bem tranquilo no meio do pelotão e, quando se levantou, apanhou boleia de Jakob Ingebrigtsen, que se estava a chegar à frente da corrida. Nader foi com o norueguês e, quase na meta, assegurou o sexto lugar na meia-final.

"O instinto diz que há duas hipóteses, ou ficamos no chão e acabou, ou vamos à luta. Como estamos nos Europeus e eu quero ir ao melhor lugar possível, levantei-me e fiz um esforço que não estava calculado", disse o atleta do Benfica que é treinado por Rui Silva, ainda o recordista nacional dos 1500m e dono de várias medalhas em grandes campeonatos. Nader, que é o segundo melhor português na distância, quer seguir-lhe o exemplo: "Eu quero ser um atleta diferente, não é arrogância, mas quero ser um atleta de topo e é para isso que trabalhamos todos os dias. Estou numa boa forma, o pico surgirá para Paris 2024, mas aqui estou pronto a responder."

Nader não foi a única boa notícia para a comitiva portuguesa no quarto dia dos Europeus de Roma. Fatoumata Diallo avançou para a final dos 400m barreiras com um novo recorde nacional (54,65s), batendo largamente a anterior marca, vigente desde 2012 e que era de Vera Barbosa (55,22s). Para além de um lugar na final de hoje, esta marca também lhe valeu uma presença nos Jogos Olímpicos de Paris deste Verão.

Quanto aos restantes atletas portugueses em competição, Lorene Bazolo ainda conseguiu ultrapassar uma eliminatória nos 200m durante a sessão da manhã, mas ficou-se pelas meias-finais à tarde – foi sétima na sua série, com um tempo discreto (23,29s). Nas qualificações do salto com vara masculino, Pedro Buaró ficou-se pelos 5,45m, falhando, depois, as três tentativas a 5,60m, altura que lhe daria a final. Patrícia Silva também não conseguiu passar às meias-finais dos 800m, classificando-se em sexto lugar na sua série, com 2m05,03s, enquanto Mikael de Jesus não seguiu em frente nos 400m barreiras, terminando em sexto da sua série, com 49,72s.

O quarto dia dos Europeus de Roma volta a abrir a janela portuguesa para mais medalhas, depois do bronze conquistado por Liliana Cá, no lançamento do disco. Na final do triplo salto, Pedro Pablo Pichardo vai tentar renovar o título europeu conquistado há dois anos, em Munique, tendo a companhia de Tiago Pereira, que quer dar seguimento ao bronze nos Mundiais de pista coberta e garantir uma vaga olímpica.

Diallo, nos 400m barreiras, será a outra finalista portuguesa do dia, mas também valerá a pena seguir, durante a manhã, as qualificações do salto em comprimento feminino, com Agate de Sousa e Evelise Veiga, e das estafetas de 4x100m e 4x400m, em que Portugal terá equipas em masculinos e femininos.

Breves

Ténis

Jannik Sinner é o novo líder do ranking ATP

Jannik Sinner assumiu a liderança do ranking ATP, com a subida do segundo para o primeiro lugar, com o ex-líder, o sérvio Novak Djokovic, lesionado, a descer para terceiro. Sinner, de 22 anos, é o primeiro tenista italiano a comandar a hierarquia desde 1973 e será o primeiro cabeça de série em Wimbledon, a partir de 1 de Julho. Esta temporada, Sinner contabiliza 33 vitórias e três derrotas, duas das quais diante de Carlos Alcaraz, espanhol que subiu ao segundo posto. Entre os portugueses, Nuno Borges desceu uma posição e é 48.º, muito acima de Jaime Faria (177.º) e Henrique Rocha (199.º). No sector feminino, a polaca Iga Swiatek consolidou a liderança, bem distante de Coco Gauff, em segundo.



Ciclismo

Rui Costa termina em quinto a 2.ª etapa da Volta à Suíça

O ciclista Rui Costa (EF Education-EasyPost) foi ontem quinto na 2.ª etapa da Volta à Suíça, ganha pelo francês Bryan Coquard (Cofidis) , enquanto João Almeida (UAE Team Emirates) subiu a terceiro da classificação geral, liderada pelo belga Yves Lampaert (Soudal Quick Step). Coquard terminou a tirada que ligou Vaduz (Liechtenstein) e Regensdorf (Suíça), ao longo de 177,3km, em 4h06,39s, sendo que o melhor português do dia foi Rui Costa, que subiu ao 48.º lugar da geral, enquanto João Almeida avançou uma posição na geral, para terceiro, depois de um 45.º posto. Nelson Oliveira (Movistar) ganhou uma posição (18.º da geral) após acabar a tirada no 64.º lugar.

BIBLIOTECA DA CENSURA

Obras Apreendidas e Proibidas no Estado Novo

PARA QUE NÃO SE REPITA

REPRODUÇÕES DOS ORIGINAIS ~~CENSURADOS~~

GUARDADOS NA BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL

inclui os Relatorios de Censura, carimbos, selos e rasuras

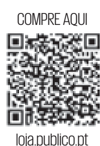
acusados de serem imorais, ~~pornográficos~~, comunistas, irreligiosos, subversivos, maus, antissociais, dissolventes, anarquistas ou ~~revolucionários~~, os livros examinados pela censura abrangem todas



COLECÇÃO COMPLETA EM loja.publico.pt

25 LIVROS

COMPRE AQUI



loja.publico.pt

A censura do Estado Novo produziu mais de 10.000 relatórios aos livros que circulavam em território nacional. Das obras que a Censura autorizava com cortes ou proibia, mostramos uma selecção de 25 desses raros artefactos culturais que o regime quis ocultar e que guardou secretamente para que ninguém os lesse, com as rasuras que deixou e os traumas que encerrou. Acusados de serem imorais, pornográficos, comunistas, irreligiosos, subversivos, anarquistas ou revolucionários, a Censura teve, assim, um impacto brutal na vida intelectual do país, no desenvolvimento das mentalidades e no legado que deixou às gerações vindouras. Restituímos agora ao público, num acto de "descensura", os livros que a ditadura suprimiu da vida intelectual e cultural durante quase meio século.

Uma colecção comissariada por Álvaro Seiça.























BARTOON LUÍS AFONSO



Será António Costa a grande inspiração de Luís Montenegro?

O respeitinho não é bonito



João Miguel Tavares


DANIEL ROCHA

Passei oito anos de vida fascinado com a habilidade política de António Costa e oito anos frustrado por essa habilidade ser totalmente desperdiçada em termos de reformas e desenvolvimento do país. Costa alcançou três feitos impressionantes. 1) Transformou a enorme derrota eleitoral de 2015 numa vitória pessoal, tornando-se um improvável primeiro-ministro com o apoio do Bloco e do PCP. 2) Manteve o Governo da "geringonça" estável durante quatro anos, oferecendo com a mão esquerda (reversões, descongelamentos) o que tirava com a mão direita (cativações, impostos indirectos), perante o silêncio cúmplice dos seus parceiros. 3) No decorrer desses oito anos, Costa deu um abraço de urso aos dois partidos que salvaram a sua carreira política, tornando o PCP, mas sobretudo o Bloco, pouco mais do que irrelevantes. É obra.

E, no entanto, é uma obra maioritariamente estéril. Comparado com antigos primeiros-ministros como Cavaco Silva ou até Passos Coelho, António Costa faz fraca figura, sobretudo quando olhamos para aquilo que cada um deles fez pelo país e as transformações que alcançou. Tirando o facto de ter instituído no PS uma cultura de contas certas, o que é importante, os oito anos de Costa são de desperdício e paralisia, com uma brutal queda na qualidade dos serviços públicos apesar do aumento da carga fiscal, e com o país invariavelmente enterrado na cauda da Europa e a ser ultrapassado pelos países de Leste. Ainda assim, a habilidade política nunca o abandonou – a sua liderança e autoridade permaneceram até ao fim, com o apoio maioritário do eleitorado.

> **O apoio do Governo e da AD [a Costa] foi um golpe de mestre no domínio dos chamados 'factos políticos'**

Dei por mim a pensar em tudo isto quando vi Luís Montenegro, em plena noite eleitoral, anunciar orgulhosamente o apoio do Governo e da AD à candidatura de António Costa à presidência do Conselho Europeu. Foi um golpe de mestre no domínio dos chamados "factos políticos". O anúncio desviou as atenções da derrota, passou uma ideia de sensatez e moderação, e vai ser um trunfo importante no combate pela aprovação do Orçamento de Estado para 2025. Foi, se quisermos, uma jogada à António Costa.

Mas Montenegro fez mais: decidiu ocupar o palco das europeias como se os holofotes fossem apenas dele. Estendeu-se no discurso, e após terminar a sua intervenção ainda abriu espaço a perguntas dos jornalistas. Quando chegou a vez de Sebastião Bugalho falar ao país, as televisões já estavam há tanto tempo com a AD que abandonaram o directo para ouvir João Cotrim Figueiredo e, depois, Pedro Nuno Santos e Marta Temido. Do discurso de Bugalho só se escutaram resumos em *flashback*, muito tempo depois. O criador não se atrapalhou com a manifesta secundarização da criatura.

Esta frieza e calculismo, de que Luís Montenegro tem vindo a dar mostras nos últimos meses, em conjunto com uma gestão hábil de silêncios e uma estratégia muito trabalhada de ocupação do espaço mediático, demonstram uma coisa e fazem temer outra. Desde logo, demonstram que Montenegro é um profissional da política, e que se está a transformar num osso muito duro para Pedro Nuno Santos roer. Em segundo lugar, fazem temer que não tenha sido com Passos, nem com Cavaco, que Montenegro andou a aprender nos últimos anos, mas com o estudo minucioso do percurso de António Costa, mestre na arte de executar metade do que promete e de propagandear o dobro do que a realidade permite. A ser assim, corremos este risco: ter mudado de governo para acabarmos com o país gerido mais ou menos da mesma forma.

Colunista

jmtavares@outlook.com